

@verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela

@twitter.com/verdademz

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 23 de Agosto de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 250 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas

A verdade em cada palavra
@Verdade não tem preço
O jornal mais lido em Moçambique

Jornal averdademz@gmail.com

Gratuito

Cinco anos

twitter.com/verdademz

a informar Moçambique

“Paz sem voz não é paz, é medo.” O Rappa



WhatsApp:
84 399 8634

@Verdade



BBM Pin:

2A8BBEFA

@Verdade

**Não tem
preço**



Gratuito

**goste de
nós no
acebook
.com/Jornal
Verdade**

**“No ofício
da verdade é
proibido pôr algemas
nas palavras.”**

Carlos Cardoso

A Verdade não tem preço desde 2008



(Delegado Centro/Norte) @ shirangano Num país onde o acesso à informação é deficiente e a liberdade de expressão ilusória, completar 5 anos impõe desafios. Parabéns @verdademz



Janet Gunter @JanetGunter Congratulations to @ verdadeen newspaper in Mozambique, turning 5 years old today. The paper is a true co-creation of staff and readership.



(Chefe de Redacção) @ EmildoSambo que no fim do sexto ano tenham morrido todos aqueles que tentam obstruir @verdade, ou pelo menos estejam deste lado de d'Verdade.



(Jornalista) @sebastiapaullino Os seis anos do jornal sejam reflectidos em muitos desafios e consiga abranger maior numero de leitores, @verdademz



(Editor Web) @chuquela Há 5 anos, quando fui distribuir a 1a edição ninguém acreditava que @verdademz iria chegar a pelo menos 3a edição. Hoje falamos de centenas



(Director Gráfico) @teeven Só falta o bolo mesmo. Parabéns aos leitores do jornal @verdademz a razão do seu 5º aniversário pic.twitter.com/h62HJe4f0S



(Editor de Desporto) @ pentchicodc O @verdademz é mais do que um jornal, uma verdadeira escola prática de jornalismo. Muito bom estar por dentro e fazer parte da equipa!



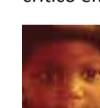
(Editor de Democracia) @ VictorBulande São 5 anos a levar informação ao Povo e a partilhar suas histórias. É com e por este povo q continuaremos a trabalhar. Parabéns @verdademz



(Editor de Cultura) @ ialbinoso Viva viva @ verdadeen todos queremos @verdademz viva viva @ verdadeen @verdademz sempre vencerá! Viiiiiva @verdademz Todos queremos a verdade



Sara Moreira @saritomoreira parabéns à @verdademz! 5 anos a amadurecer um novo paradigma de jornalismo crítico em #Moçambique



(Jornalista) @AlMero05 Seis anos trazendo a @verdade no Moçambique real para toda população. @verdademz



(Gráfico) @dmondlane @ verdadeen é uma honra fazer parte da equipe d'@ verdadeen



(Director de Informação) @ LamarquesRui @ LamarquesRui: C(oerência) I(nTEGRIDADE) N(aturalidade) C(oesão) E(rgulho) = cinco anos do @ verdadeen

Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias
d'@VERDADE no seu
telemóvel.
Envie uma SMS para o nº 8440404
com o texto: **Siga verdademz**



8440404

Editorial

averdademz@gmail.com

É preciso reflectir

O Jornal @Verdade completa, no dia 27 de Agosto em curso, mais um ano de existência. A publicação surgiu da necessidade do compromisso com a verdade e da consciência de que é necessário e primordial levar informação de qualidade e em abundância ao Moçambique excluído. Uma tarefa, diga-se, extremamente difícil num país que aprendeu, pelo contexto, a desprezar o gratuito.

Volvidos cinco anos de participação activa no dia-a-dia do povo moçambicano, os objectivos que presidiram à sua criação ainda não foram alcançados na sua plenitude. Porém, como um órgão de informação independente, o jornal tem vindo a cumprir o seu papel, levando informação a todos. Ao longo do tempo, ampliamos a sua distribuição para que cada vez mais moçambicanos possam participar no desenvolvimento do país, facto que nos coloca num lugar privilegiado no sector da comunicação social nacional.

Não existe nenhum segredo para esse êxito, pois acreditamos que ele é simplesmente o resultado de muita dedicação, profissionalismo e trabalho árduo. Não estamos a assumir que somos um caso de sucesso, pelo contrário, apenas a nossa proximidade com os leitores faz de nós uma equipa especial. Com apenas cinco anos, o @Verdade tem-se mostrado prodigiosamente o principal meio de informação de milhares de moçambicanos. Aliás, o jornal não só leva às comunidades informações, mas também aconselhamentos, lazer e ensinamentos.

Estes cinco anos não foram, de forma nenhuma, um mar de rosas. Sobreivemos aos ataques que visavam corroer lentamente a nossa verticalidade. Perdemos publicidade e reduzimos significativamente a nossa tiragem. Isto é, de 50 mil exemplares semanais para 20 mil. Ainda assim muito acima daquilo que os outros órgãos oferecem. Vivemos durante algum tempo combalidos pela redução de exemplares que chegavam aos moçambicanos. Fomos, mais uma vez, gigantes na reacção. Retirámos os jornais do perímetro urbano e expandimos a distribuição para outros pontos do país. O que perdemos em quantidade ganhamos em qualidade e diversidade. Temos leitores em todos os cantos do país e recebemos denúncias de locais onde a imprensa tradicional nunca colocou os pés. Isso é uma vitória incomensurável.

Porém, mais do que celebrar estes cinco anos, é importante reflectir sobre aquilo que somos e em torno da missão que abraçamos de informar aos desfavorecidos, assim como é prioritário debucarmos-nos no concernente à condição do elemento que produz aquilo que nos torna mais lidos do que qualquer outro órgão impresso deste país....



Boqueirão da Verdade

"O que esta estratégia esconde é o reconhecimento implícito de que o MDM não se faz presente em todo o território nacional como propalam os seus sequazes. O que esta estratégia esconde é que o MDM é um partido tribal que pretende usar umas tribos para dominar as outras com as consequências nocivas para o país dela avenientes, com maior destaque para a recompensa que as tribos usadas irão receber e consequentemente a punição colectiva que as tribos do Sul e de Cabo Delgado receberão", Eusébio Gwembe

"É isto que o MDM precisa de saber! É isto que o MDM ignora! É isto que os sequazes do MDM precisam de cultivar de modo a ganhar simpatias. Um dos meios de aliciamento seriam as motas e bicicletas entregues aos jovens desempregados para fazer o seu negócio de táxi de moto e de bicicleta. Reparem que desde há três anos, o negócio de táxi de moto tende a ganhar contornos agudos, sobretudo na Zambézia e em Nampula, inclusive algum edil fez a sua aparição empoleirado numa bicicleta", Idem

"Está dentro dos ditames estratégicos. A proliferação das motas e das bicicletas são o veículo dos ventos da mudança. Um e outro proprietário delas terá comprado com o próprio dinheiro, mas há um número de 500 motas cujo pedido foi feito em 2009. Se já foram adquiridas é porque já foram distribuídas. Onde e a quem, não sabemos e é provável que não saberemos", Ibidem

"A paridade é um falso argumento. Vimos organizando eleições e a Renamo chegou a vencer nalguns municípios usando a actual lei da proporcionalidade. Não podemos pôr de lado os instrumentos legais em nome da Paz", Damião José

"O Governo já cedeu a muitas exigências da Renamo, mostrou-se aberto ao diálogo, mas a Renamo não aceitou. Nós sabemos que a Renamo tem medo de perder as eleições. Aquele partido quer ter poder por vias anti-democráticas. Quem constitui problema é a Renamo", Filipe Paúnde

"A combinação das invasões militares contra a segurança dos quadros da RENAMO como forma de atingir o presidente Dhlakama, vão agudizar cada vez mais os ódios, divisões e desconfianças entre compatriotas. Não se pode duvidar que este ensaio tenha a ver com o desejo de atacar o local onde se encontra o líder da RENAMO e para tal, começa-se por desestabilizar a sua proteção. Encorajador é saber que o povo não está cego e não vai permitir que o capricho do derramamento de sangue continue impune no país.", in Editorial do Boletim Informativo da Renamo

"O ministro está nervoso e totalmente antipático e o Comandante Geral da Polícia mantém-se no silêncio. Lembrmos que a crise que levou à guerra dos 16 anos foi fruto do desprezo da nomenclatura pelo Povo Moçambicano a quem então negavam os direitos funda-

mentais como a livre associação, o direito de acreditar em Deus e servi-lo, de ter uma propriedade e de desenvolver uma actividade empresarial para ser rico. E o conflito não se teria prolongado ao longo de quase duas décadas se não tivesse existido o desprezo pela RENAMO, chamando de bandidos, macacos, matequenas, terroristas e toda a sorte de nomes feios. Foi assim como tudo ficou feio. Será isso que o Presidente Guebuza pretende reeditar nesta Pátria Amada?", Idem

"Nós recebemos o documento e decidimos anular porque percebemos que não havia nenhuma relação entre a visita do Presidente da República e as eleições autárquicas que terão lugar a 20 de Novembro próximo", CNE

"O senhor ilustre embaixador não foi feliz no seu discurso, ao tomar este assunto de uma maneira generalizada, chegando ao ponto de afirmar que evidências de todo o mundo indicam que a transformação de um movimento de libertação para um partido político com capacidade de assumir inteira responsabilidade pela gestão de uma nação é um processo difícil", Francisco Faustino

"O ilustre diplomata, antes de participar em debates sobre assuntos desta natureza, devia primeiro procurar, de forma aprofundada, informar-se sobre a realidade das lideranças políticas e do percurso histórico que conduziu o país até à conquista da sua soberania", Idem

"Está Edson Macuácua a conseguir corresponder às expectativas de Conselheiro do PR? A resposta é claramente SIM. Eu nunca duvidei da capacidade deste jovem inteligente (com todo o respeito pelo facto de ser mais velho que eu). E ao longo dos anos fui coerente comigo próprio e nunca escondi a admiração pelas suas capacidades. E não estou enganado. Independentemente do que se pode dizer, Edson é o único estratega político moçambicano que se impõe. Que tem e partilha uma estratégia clara (boa ou má), implementa-a e colhe resultados", Egídio Vaz

"O Positivismo Frelimiano consiste em levar jovens dispostos a contrabandear a sua própria consciência a troco de um Toyota Vitz, Starlet (e outras viaturas que o Japão doa no seu programa de redução de desemprego) ou mesmo uma promessa de vida melhor. Assim, o jovem compromete-se junto dos gestores do Gabinete de Propaganda a assassinar o seu próprio olho caso este veja coisas más da Governação. Em exercício paralelo o jovem só deve falar de coisas "positivas" e como, regra geral, não existem, é obrigado a inventá-las para não irritar o Gabinete de Propaganda que já hipotecou a sua consciência!", Matias de Jesus Júnior

"Diz o Presidente da República, Armando Guebuza, que "a paz não pode pôr em causa a liberdade..." E eu pergunto: é possível falarmos de liberdade num cenário de guerra ou num ambiente que não é de paz?", José Belmiro

OBITUÁRIO:

Elmore Leonard
1925 – 2013
87 anos



O escritor de policiais norte-americano Elmore Leonard morreu na manhã desta terça-feira, em Detroit. O autor, de 87 anos de idade, a quem chamavam o "Dickens de Detroit", tinha sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC) no início de Agosto e estava em recuperação.

Admirado por escritores como Saul Bellow ou Martin Amis, Elmore Leonard começou por escrever westerns na década de 1950 e alguns dos seus títulos tornaram-se lendários depois de adaptados para o cinema, como *Valdez is Coming*, com Burt Lancaster, *Joe Kidd*, com Clint Eastwood, *Hombre*, com Paul Newman, e *Mr. Majestyk* com Charles Bronson.

Foi na década de 1970, quando as editoras que publicavam westerns começaram a falar, que Leonard se iniciou nos policiais, alargando então as fronteiras do género que já tinha tido o seu apogeu com Dashiell Hammett e Raymond Chandler.

Elmore Leonard continuava a trabalhar. Em mãos tinha o seu 46.º livro, disse a família numa nota à imprensa quando o autor de westerns e policiais estava ainda no hospital. O seu último livro, *Raylan*, foi publicado no final do ano passado nos Estados Unidos.

Ele publicou vários livros, dentre os quais *Na Casa de Honey* (Teorema), *Cuba Libre* (Quetzal), *Hot Kid* (Teorema), *Crianças Pagás* (Teorema), *Um Bom Argumento* (Difusão Cultural), livro que deu origem ao filme *Jogos Quase Perigosos* (1995), de Barry Sonnenfeld com John Travolta e Danny DeVito. Também o realizador Quentin Tarantino adaptou para o cinema *Rum Punch*, um dos romances do escritor. E o filme *Romance perigoso*, de Steven Soderbergh, em que George Clooney interpreta o assaltante de bancos Jack Foley também é baseado no romance *Out of Sight* de Elmore Leonard.

Elmore Leonard nasceu em Nova Orleães; o seu pai era um quadro da General Motors e durante a sua infância e adolescência viveu em vários locais do sul dos EUA antes de a família se instalar definitivamente em Detroit. Antes de se licenciar em língua inglesa e em filosofia, esteve na Marinha, e mais tarde trabalhou na agência de publicidade Campbell Ewald. Foi durante essa época que em casa ia escrevendo westerns que vendia a revistas. O seu primeiro romance, *The Bounty Hunters*, foi publicado nos Estados Unidos em 1953.

Xiconhoca

**Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.**

Maria Rosel Salomão

O povo escolheu Maria Rosel Salomão como Xiconhoca da semana. O galardão atribuído calha numa boa altura. É que a senhora em questão foi empossada como administradora do Instituto Nacional de Segurança Social. Algo que é interpretado pelos cidadãos atentos deste rochedo à beira-mar como prémio pela perseguição movida aos médicos pela ainda directora dos departamentos de Medicina e Serviço de Psiquiatria do Hospital Central de Maputo. Aliás, Rosel também recebeu um carro topo de gama pelos serviços prestados contra a revolução dos médicos. "Ela é Xiconhoca por vocação", assegura um leitor. Nós não temos dúvidas. Nenhuma.

Osvaldo Petersburgo

Transformar um encontro supostamente de jovens na expressão máxima de genuflexão é típico de Xiconhocos. Os nossos leitores elegem Osvaldo Petersburgo por esse simples e vergonhoso facto. "Só um escovinha é que se pode comportar daquela maneira", diz um leitor. Outro secundou-o nos seguintes termos: "a juventude, com lideranças assim, está literalmente perdida. As oportunidades para questionar os que dirigem o país não podem ser desperdiçadas com mensagens de adoração". Um Xiconhoca, dizem, encontra na adulção a forma mais rápida de alcançar os seus objectivos. Osvaldo Petersburgo está no caminho certo. A juventude que o segue é que não.

Polícia assassino

As motivações podem ser várias e todos os actos devem ser analisados dentro do contexto que os desencadeou. Contudo, tirar a vida ou balear uma cidadã inocente é, por si só, condenável. Os nossos leitores escolheram, independentemente das motivações e do contexto, como Xiconhoca o polícia que baleou uma cidadã. O balear em si não torna o agente Xiconhoca, mas as desculpas para justificar um acto tão macabro de quem tem, por missão, garantir a ordem e a segurança transforma-o num autêntico sacrípita. Custa assumir e arcar com as consequências? Afinal, porque se escudam em desculpas esfarrapadas para proteger criminosos? Xiconhoca...

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Terceiro encontro da juventude da Frelimo

O que se supunha ter lugar, no posto administrativo de Anchilo, no distrito de Nampula-Rapale, era o 3º Encontro Nacional da Juventude do país de Mondlane e Simango. Não passava pela cabeça do mais céptico que Nampula, na verdade, seria palco de um encontro em miniatura do partido Frelimo. Uma espécie do último congresso de má memória para todos os espíritos que amam profundamente a liberdade de expressão.

Ficou claro durante as sessões que do referido encontro da juventude alinhada resultaria muita parra e pouca uva. Aliás, o discurso do presidente do Conselho Nacional da Juventude, Osvaldo Petersburgo, passou ao largo dos reais problemas dos jovens nacionais. O que é, para discurso de abertura, muita sacanice para uma juventude sem eira nem beira. Sobretudo o enaltecimento gratuito da figura do Chefe de Estado.

Foi, diga-se, o zénite da Xiconhoquice abordar a disponibilização de talhões para jovens que só ele conhece. Quem são esses jovens que receberam talhões nas províncias? Petersburgo anda preocupado com o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e estupefacientes por parte dos jovens do país. E nós que pensávamos que a presença do Chefe de Estado seria aproveitada para revelar de que fibra é feita Valentina Guebuza que virou rica do dia para noite, par falar da falta de habitação, do problema do desemprego e do pendor asinino das nossas instituições de ensino superior. Petersburgo é mesmo um jovem da viragem. Virou tanto que acabou por capotar.

Incentivos fiscais

"Moçambique perde anualmente 164 milhões de dólares devido aos incentivos fiscais. Esse valor, segundo o estudo divulgado pela Action Aid, esta terça-feira (20), em Maputo, cobre a construção de 270 escolas, a contratação de 20 mil professores, o apetrechamento de 974 unidades sanitárias e outras centenas seriam erigidas, se os estímulos aos megaprojectos não fosse penalizador para o Governo e para as comunidades", lê-se na introdução de um artigo publicado no website deste jornal.

Importa, contudo, deixar claro que o número de escolas é evocado por analogia. Não significa, portanto, que o dinheiro tivesse de ser automaticamente canalizado para tal efeito. Vai este parágrafo para não nos acusarem de pensar pouco e de fazer, também, analogias descabidas. O dinheiro poderia, é bom que se diga, servir para financiar aquela revolução verde que foi brutalmente papagueada no início da liderança de Guebuza. Aquela revolução que viu milho, batata-doce, arroz e tomate morrerem para nascer jatrophá que nunca deu combustível nem dinheiro. Portanto, o leque de coisas que poderiam ser impulsionadas com esse desperdício de dinheiro é demasiado.

Xiconhoquice é isso mesmo. Brincar com os anseios da população...

Falta de segurança no batelão

"Oito pessoas, quatro das quais menores de idade, perderam a vida afogadas na noite do último domingo (18), quando a viatura onde se encontravam foi abalroada dentro do batelão, na ponte-cais da Macaneta, no distrito de Marracuene, na província de Maputo, por um minibus desgovernado que tentava entrar na mesma embarcação.

Segundo testemunhas oculares, as vítimas, que se presume sejam da mesma família, regressavam da praia da Macaneta numa viatura de marca Toyota Surf que já estava parqueada dentro do batelão quando o minibus descontrolado embateu na sua traseira e a empurrou para o rio onde se afundou, perante o olhar impotente dos populares que estavam no local e mesmo dos operadores da embarcação.

De acordo com uma testemunha, após a viatura afundar, o batelão abandonou a margem e seguiu a curta viagem para a margem de Marracuene. Não foi feita nenhuma tentativa imediata de salvamento aos afogados", lê-se igualmente no website deste jornal que o leitor tem em mãos. A notícia não esclarece várias coisas, mas revela uma grande Xiconhoquice. O que é feito das medidas de segurança? É que falar da lentidão da reacção ou do facto de não se ter socorridos as vítimas não adianta. O problema não reside na falta de socorro, mas na criminosa ausência de segurança num batelão.

Mendigos e meninos de rua em Maputo são reinseridos nas famílias

Os problemas relacionados com a mendicidade e com recurso à rua como "domicílio" por parte de crianças, jovens, adultos e idosos, que assolam as grandes cidades moçambicanas, parecem estar a refrear na capital do país, uma vez que de há tempos para cá já não é habitual ver pedintes e moradores de rua em grande número nos lugares onde isso era vulgar. O Ministério da Mulher e Acção Social diz que os indigentes estão a ser recolhidos e reintegrados no seio dos respectivos parentes.

Texto: Coutinho Macanandze • **Foto:** Miguel Manguezé

À semelhança do que acontece noutras países do mundo, em Moçambique viver de esmola é um fenômeno corriqueiro devido, em parte, à ausência de políticas direcionadas para dar resposta ao problema da pobreza.

Nas cidades moçambicanas não são só indivíduos com dificuldades económicas graves que, recorrendo a várias artimanhas (mostram algumas fotos neste texto), tais como usar menores ou pessoas com deficiência para atrair a compaixão dos transeuntes, se fazem à rua para obter alimentos ou dinheiro, mas, também há pedintes relaxados e que não gostam de trabalhar, o que exige um combate organizado e muito esforço para tirá-los, sobretudo as crianças, dessa vergonha.

Segundo o Ministério da Mulher e Acção Social, na cidade e Maputo existem 360 mendicantes, dos quais 247 mulheres e 113 homens com idade compreendida entre os 30 e 50 anos, e 153 crianças. Destas, 130 são rapazes e 23 do sexo feminino oriundos dos distritos municipais de KaMaxaquéne, KaMavota e KaXamankulu. As pessoas a que nos referimos tendem a desaparecer das diferentes artérias da urbe porque está em curso uma campanha com vista a devolvê-las ao convívio familiar.

Abdul Remane, oficial de programas na Associação Meninos de Moçambique, disse ao @Verdade que, entre 1998 e 2013, o número desses petizes que, por exemplo, pernoitam nas praças, nos edifícios em ruínas e outros lugares emporcalhados da urbe, recorrendo a pedaços de jornais e caixas como cobertor, papelões e lonas como paredes de domicílios improvisados, baixou de 450 para 250 em Maputo.

Entretanto, esses dados contrastam com os fornecidos por outras entidades, tais como o Ministério da Mulher e Acção Social, que fala de 153 crianças. O coordenador da campanha de recolhas de informação sobre os indivíduos que frequentam a rua para pedir esmola e/ou para morar por diversas razões sociais e económicas, Vasco Muchanga, disse-nos que o universo está desajustado porque os critérios usados são diferentes e alguns não são fiáveis, uma vez que certas crianças que nas férias escolares desenvolvem o comércio informal têm sido confundidas com os meninos de rua.

Em Julho passado, durante a contagem dos "sem tecto", a instituição do Estado, em coordenação com as associações Meninos de Moçambique e Hlaysseké, com vista a prestar-lhes assistência psicosocial, apoio monetário aos agregados familiares mais carenciados para que desenvolvam projectos de geração de renda, dentre outras acções, apurou que os principais problemas têm a ver com os maus-tratos protagonizados pelas madrastas e tios, a pobreza e a perda de progenitores por causa do VIH/SIDA.

Aos problemas indicados por Muchanga, Abdul Remane acrescentou que os meninos fogem da casa dos seus pais e/ou encarregados de educação devido à desestruturação de famílias e à influência de amigos.

Segundo Muchanga, a sua instituição e o Conselho Municipal da Cidade da Maputo estão a preparar um documento através do qual se vai sancionar os proprietários de estabelecimentos comerciais e outras pessoas que oferecerem bens e/ou produtos alimentares aos mendigos e a meninos de rua.



Um pedinte empreendedor

Para uma parte significativa de indigentes, viver de esmola já não é um acto humilhante, mas sim uma "profissão" lucrativa, lícita e nada vergonhosa. Este é o caso de Fortunato Mazuze, de 43 anos de idade, para quem "mendigar tornou-se num vício, por isso, será difícil eu deixar de fazer isso". Ele, para além de nos revelar que por dia ganha entre 300 e 800 meticais (9.000 a 24.000 meticais mensalmente), disse que aplica o valor na compra de mariscos na capital moçambicana para revendê-los na província de Sofala.

Quando o produto se esgota, Mazuze desloca-se novamente à Avenida Julius Nyerere a fim de amealhar mais dinheiro ao qual junta os lucros de mariscos e investe noutras coisas que não nos segredou.

Atropelado a pedir esmola

Alexandre Matsinhe, natural do distrito da Manhiça, na província de Maputo, não sabe qual é a sua idade, porém, aparenta ter 65 anos. Os seus dois filhos e a esposa residem na vila de Boane. Actualmente, o nosso entrevistado vive no bairro da Zona Verde, no município da Matola, em casa do irmão, onde não lhe falta comida, segundo ele.

Entretanto, por volta das 06h:00 da manhã, Matsinhe pega na sua modesta pasta e dirige-se à Avenida Julius Nyerere, na capital moçambicana, para pedir esmola aos transeuntes e automobilistas.

O ancião contou-nos que recorre a essa forma indecorosa para sobreviver há

anos. Apesar de ter contraído deficiência física por causa disso, Matsinhe confessou-nos que não consegue deixar de ser pedinte. Por dia colecta entre 200 e 600 meticais (6.000 a 18.000 meticais por mês) dependendo do espírito de compaixão dos munícipes.

"A minha deficiência foi causada por um acidente de viação na rua quando estava a mendigar. Fiquei entre a vida e a morte mas retornoi ao meu 'trabalho' por falta de alternativa. A minha idade já não me permite arranjar emprego, por isso a via pública é o único lugar onde posso encontrar algo para sobreviver".

Em casa do seu irmão, o entrevistado mora numa habitação precária, pelo que o seu objectivo é juntar os rendimentos obtidos através da mendicância para construir um domicílio decente. Num tom de desabafo e aparentemente consternado, o idoso disse que receia que os filhos morram miseráveis, uma vez que estão a passar por necessidades onde se encontram. Ele, como pai e chefe de família, não consegue prover condições básicas para os seus dependentes.

Uma juventude dedicada à mendicidade

Maria Tovela, de 34 anos de idade, nas primeiras horas do dia fica no terminal de transporte público de passageiros, no bairro de Xipamanine, onde permanece horas a fio com a mão estendida à espera que algum transeunte lhe ofereça uma moeda.

A nossa interlocutora disse-nos que não teve o privilégio de ir à escola porque precocemente perdeu os pais, tendo crescido ao lado de uma tia. Ela foi maltratada e a maior tortura pela qual passou foi a falta de comida, o que fez com que, em 2008, optasse por uma vida de pedinte. Com o seu cesto velho na mão, por vezes, percorre o mercado de Xipamanine e aborda as pessoas com as seguintes palavras: "Peço uma moeda para comprar pão". Durante o dia repete o mesmo refrão até amealhar entre 100 e 300 meticais (3.000 a 9.000 meticais mensalmente).

Pedro Muianga, de 56 anos de idade, não tem um local específico para mendigar. Com o auxílio do neto, ele deambula pelas artérias da capital do país numa cadeira de rodas. O nosso entrevistado disse que foi um acidente de viação que pôs fim à sua locomoção, tendo perdido o emprego; por isso, sem dinheiro para desenvolver uma actividade de geração de renda, optou por viver de esmola, em 2003. Por dia, Muianga colecta entre 200 e 400 meticais (6.000 a 12.000 meticais por mês). Com esse valor, "pelo menos consigo garantir as refeições".

Distrito de Nacarôa assolado pela fome

As comunidades do distrito de Nacarôa, na província de Nampula, dificilmente produzem comida suficiente para se alimentarem de uma época agrícola para outra porque as colheitas são baixas. Elas são ciclicamente assoladas pela fome, por isso recorrem a alguns tubérculos, dos quais um chamado inhame. Num passado recente, houve relatos de mortes por causa do consumo desse tipo de alimento silvestre que se desenvolve na raiz de algumas plantas.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

A população das localidades de Nachere e 19 de Outubro, nos postos administrativos de Inteta e Sausa-Sausa, é a mais afectada pela fome em Nacarôa, o que faz com que seja considerada em estado deveras crítico. Trata-se de um problema que se repete anualmente mas ainda não existem soluções para invertê-lo.

A dieta alimentar das famílias não é das melhores, facto que coloca em risco o crescimento das crianças devido à subnutrição. O Inquérito Demográfico e de Saúde de Moçambique, realizado em 2012, indica que na província de Nampula há dezenas de petizes malnutridos em consequência da interrupção precoce do aleitamento materno. É que as mães não conseguem amamentar os seus filhos por muito tempo devido à fome.

Na tentativa de resolver o problema que apoquenta o distrito de Nacarôa e a falta da chuva, por um lado, os líderes comunitários têm realizado, sem sucesso, alguns cultos tradicionais suplicando misericórdias aos antepassados. Por outro, os religiosos fazem orações.

A Reportagem do @Verdade visitou a localidade de 19 de Outubro e apurou que, devido ao desespero causado pela falta de comida, a população considera-se abandonada à sua sorte pelas autoridades, uma vez que, para além de não prestarem assistência técnica à sua actividade agrícola com vista a estancar-se o problema da carência alimentar, não existe nenhum apoio aos esfomeados. Em todas as campanhas agrárias a produção de Nacarôa é fraca.

Américo Dias Kuehere, líder comunitário da localidade de 19 de Outubro, contou-nos que os rendimentos agrícolas da região não satisfazem as necessidades alimentícias dos residentes. São recorrentes as reclamações dando conta da situação de fome. Para além do clima que não é favorável para a prática da agricultura, a terra é pedregosa. Há igualmente falta de chuva, por isso as culturas não resistentes à seca morrem, algumas antes de germinarem. Entretanto, há períodos em que chove demasiado e certas culturas ficam prejudicadas.

Os camponeses daquela povoação trabalham bastante as suas terras mas o seu esforço não é compensado. A comida mais consumida localmente é feita com base em farinha de mandioca, vulgarmente conhecida por "caracata" e o menu não varia por falta de alternativas.

Os níveis de reprodução desse tubérculo a que a população recorre para se alimentar estão aquém das expectativas dos agricultores e tendem a baixar cada vez mais: na altura da colheita não se consegue mais de cinco sacos de 50 quilogramas. A farinha de milho é uma ilusão, o solo não oferece condições para a cultura de milho e é por causa disso que os camponeses não se atrevem a investir a sua força física nem máquinas para o efeito.



Trabalho por comida

Em Nacarôa, o período entre Novembro e Abril é considerado bastante crítico, pois todas as famílias passam fome. Para sobreviver, homens e mulheres, de todas as idades, incluindo crianças, deslocam-se de um lado para o outro à procura de trabalho remunerável. Algumas pessoas escalam a cidade de Nampula, onde desempenham a função de empregados domésticos em algumas residências. Os rendimentos mensais, diga-se, exiguos, só cobrem as despesas de compra de sacos de mandioca seca e milho.

Para os compatriotas sem parentes na urbe e que vivem nas mesmas casas onde trabalham, ganham uma autêntica miséria no fim do mês porque uma parte dos seus rendimentos serve para pagar o prato de comida. Quem não aceita sujeitar-se a essa situação recorre aos agricultores que lhe concedem uma porção de terra para capinar em troca de uma lata de mandioca seca, cuja quantidade serve apenas para um período de cinco a sete dias. Quando essas alternativas se esgotam, recorre-se ao consumo de tubérculos, dos quais o *inhame*, para além de outros considerados venenosos. Já houve mortes em resultado disso.

Segundo Kuehere, um número considerável de petizes da localidade 19 de Outubro desiste no meio do ano lectivo devido à fome, por isso há receio de que o seu futuro seja comprometido. Alguns menores de idades são coagidos pelos pais e encarregados de educação para também ajudarem na busca de alimentos.

Insegurança alimentar afecta Sul e Centro do país

Mais de 200 mil pessoas, em sete províncias das regiões Sul e Centro de Moçambique, estão a passar por uma situação de insegurança alimentar e nutricional, segundo o Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional (SETSAM).

A coordenadora daquele organismo, Marcela Libombo, disse, na quarta-feira passada, 07 de Agosto em curso, que as províncias afectadas são as centrais de Tete, Zambézia, Sofala, Manica e as da zona Sul, nomeadamente Inhambane, Gaza e Maputo.

Do número das pessoas assoladas pela insegurança alimentar e nutricional, apenas 90 mil estão a beneficiar de assistência na província de Gaza, por sinal a mais afectada. Esta situação é provocada pela combinação das cheias, que se abateram com gravidade sobre Maputo, Gaza e Zambézia, e da seca, que vem fustigando, desde o ano passado, as regiões das províncias de Inhambane, Manica e Maputo, de acordo com Marcela Libombo.

Ela disse ainda que, nos meses anteriores, a situação já foi mais sombria com os números a ultrapassarem

300 mil pessoas, devido a fortes chuvas, inundações e secas.

"Logo que iniciou o processo de reassentamento e com a maior disponibilidade de sementes e outros bens, a situação melhorou".

Refira-se que Moçambique possui a dieta alimentar mais pobre da África Austral, do ponto de vista de micronutrientes e proteínas, de acordo com os relatórios regionais sobre essa matéria, citados pelo SETSAN, que acrescenta ainda que a dieta alimentar da parte Norte do país é rica em mandioca, um produto com baixo conteúdo proteico, e no Sul do país destaca-se o milho. Enquanto isso, as famílias urbanas têm o milho e o pão como alimento base.

Dados do SETSAN indicam também que Moçambique tem níveis inaceitavelmente altos de desnutrição crónica, o que tem impacto no crescimento harmonioso do país. Dos índices de incidência da pobreza, cerca de 80 por cento estão relacionados com problemas de alimentação e nutrição.

Centro de Refugiados de Maratane é repulsivo

Mais de 8.600 cidadãos de diferentes nacionalidades, que emigraram para Moçambique por vários motivos, dentre os quais a guerra e a violência religiosa e étnica, com o intuito de encontrar conforto, estão a passar por necessidades no Centro de Refugiados de Maratane, sito no distrito de Rapale, a 17 quilómetros da cidade de Nampula.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Os indivíduos, cujo grosso provém de países dos Grandes Lagos, queixam-se fundamentalmente da falta de alimentação, do não abastecimento regular de água, da deterioração das condições básicas de higiene, do consumo de energia eléctrica sem qualidade, da falta de uma escola secundária e técnica e da ausência de um mercado onde possam adquirir diversos produtos, incluindo roupa.

O descontentamento das pessoas que se encontram em Maratane tem igualmente a ver com a alegada criminalidade protagonizada por desconhecidos, porém, as vítimas suspeitam que alguns residentes do centro estejam envolvidos nesses actos indignos devido à fome, pois desde Maio passado a distribuição da cesta básica é inconstante. Uma cidadã, cujo nome omitimos propositadamente, assegurou-nos que foi vítima de roubos por cinco vezes pelos companheiros.

Enquanto uns se queixam da falta de quase tudo, incluindo utensílios domésticos e roupa, outros reclamam por causa do lixo que não é removido há meses e a água está a tornar-se,



cada vez mais, um luxo. De acordo com os entrevistados, não há relatos de mortes devido à carência de alimentos porque ainda persiste o espírito de ajuda mútua no Centro de Refugiados de Maratane.

Naquelas instalações, o problema parece sério, uma vez que alguns refugiados já começaram a abandonar os seus abrigos à procura de melhores condições de vida em diversos pontos da província de Nampula, dos quais a cidade é o principal destino. Eles alegam que foram deixados à sua sorte por quem lhes devia proteger.

Localmente, circulam informações dando conta de que os cidadãos que vieram a Moçambique à busca de proteção ou bem-estar envolvem-se em delitos, tais como o tráfico de pedras preciosas, marfim e outros recursos naturais com vista a obter dinheiro para comprar diversos produtos básicos.

Um das provas disso é o facto de que, recentemente, na cidade de Nampula, um cidadão de nacionalidade congolesa, por sinal residente no centro de Maratane, foi detido pela Polícia na posse de cinco pontas de marfim. O visado confessou que pretendia vender o produto para aliviar a pobreza que o aponta. A corporação suspeita de que o indivíduo em causa está ligado a uma rede de traficantes dessa substância que forma o dente do elefante.

Para além do cidadão a que nos referimos, sete pessoas de nacionalidades congolesa e etíope, também moradores no Centro de Refugiados de Maratane, foram presas pela Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula indiciadas de efectuar ligações clandestinas de energia eléctrica.



Entretanto, o @Verdade apurou ainda que um indivíduo de nacionalidade Burundesa, identificado pelo nome de Mamadou, foi surpreendido, há dias, no interior de uma residência a tentar saquear bens. O caso foi reportado ao posto policial do bairro de Muatala. Existem outras situações que concorrem para que se diga que o Centro de Refugiados de Maratane, o governo da província de Nampula e o Instituto Nacional de Apoio aos Refugiados (INAR) estão a perder o controlo das pessoas que estão no país à procura de refúgio.

Uma vida de devassidão

A nossa Reportagem apurou, também, que algumas rapari-

gas que se encontram no Centro de Refugiados de Maratane se prostituem na cidade de Nampula como forma de ganhar dinheiro para alimentar as suas famílias.

Uma jovem congolesa, de 21 anos de idade, cujo nome não divulgamos por razões deontológicas, garantiu que abandonou o centro e passou a viver longe dos pais à procura de melhores condições de vida na urbe, onde quando chegou se juntou a um homem com a finalidade de construir um lar, porém, tal não aconteceu. Tentou pela segunda vez, mas separou-se novamente. Devido ao fracasso da terceira relação, a jovem recorreu à oferta de serviços sexuais para sobreviver.

A história da rapariga a que nos referimos é apenas um exemplo de várias outras mulheres de pouca idade naquele centro e que se prostituem, supostamente por causa das precárias condições de vida a que estão sujeitas.

A nossa Reportagem contactou a direcção do INAR em Nampula para ouvir a sua versão sobre as reclamações dos nossos interlocutores. Contudo, não foi possível alegadamente porque o delegado provincial, Manuel Uachave, se encontrava na capital do país, num seminário, há duas semanas. E fomos aconselhados a pedir autorização para o efeito junto do INAR, em Maputo, através de uma carta.

Refira-se que visitar o Centro de Refugiados de Maratane nunca foi fácil. A burocracia impede que os responsáveis daquele centro se pronunciem à Imprensa sem o aval de outras entidades, tais como a ACNUR.

Publicidade

KPMG
cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com



A vida por um fio

O aborto inseguro, desde a década de 90 reconhecido pelas Nações Unidas como um grave problema de saúde pública, quando realizado sob condições precárias, tais como por pessoas sem capacitação e em ambientes sem os mínimos padrões sanitários, causa sequelas na mulher, para além de que há vários relatos de óbitos por causa dessa prática.

Texto & Foto: Redacção/Virgílio Dêngua

Para além de ser uma das principais causas de morte materna, em Moçambique, grande número de expulsões espontâneas ou voluntárias de um feto ou embrião, antes do tempo e sem condições de vitalidade, são feitas clandestinamente.

Os obstetras de diferentes hospitais do país têm relatado acontecimentos de muitas mulheres, principalmente jovens e adolescentes, com profundas infecções por causa do aborto clandestino. Há que frisar que as intervenções a que são submetidas algumas praticantes deixavam-nas, por vezes, estérile(s) sem poder ter filhos e, na pior das hipóteses, morrem.

Na província de Nampula, o @Verdade contactou duas adolescentes cujas vidas estiveram por um fio porque procuraram resolver o problema da gravidez indesejada através de vias não recomendáveis, pondo em risco a sua saúde por razões sociais, económicas, familiares, dentre outras.

Sónia, de 15 anos de idade, engravidou e aos três meses de gestação foi forçada pelos pais a viver no domicílio do seu namorado, também adolescente. Diga-se que foi expulsa de casa e é desta forma que muitos progenitores ou encarregados de educação têm resolvido situações idênticas.

Sem o apoio da sua família, e tão-pouco do seu futuro marido – inexperiente como a mulher, a quem os ascendentes ainda sustentavam e era dependente em tudo – a rapariga nunca conseguia responder a uma pergunta: uma vez grávida, como sustentar um filho sem trabalho e sem o auxílio dos mais velhos?

A solução, definitiva, encontrada para essa interrogação foi não pensar nas consequências de interromper uma gestação inadequadamente. Sónia recorreu aos préstimos de uma médica tradicional para abortar. Foram-lhe dada duas opções: introduzir algumas raízes no órgão genital ou ingeri-las. A rapariga optou pelo primeiro método, pois, de acordo com a mesma, o segundo não era fiável e levava muito tempo a produzir efeitos. Tratou-se de um processo instantâneo, porém, acompanhado de fortes dores de barriga e muita perda de sangue. "Fiquei assustada com o meu sangue porque era muito escuro".

Uma semana depois da interrupção da gravidez, a adolescente ainda sofria de dores, sobretudo quando defecava e urinava. Por vezes, esses dois processos biológicos exigiam um grande esforço. Volvido algum tempo, a nossa entrevistada expeliu novamente muito sangue na altura em que urinava. Assustada, ela dirigiu-se a um posto de saúde, donde foi transferida, entre a vida e a morte, para o Hospital Central de Nampula (HCN), local em que se constatou que Sónia havia contraído lesões no órgão genital.



Rosalinda Mateus desempenha a função de médica na maternidade do Hospital Central de Nampula. Ela trabalha na Saúde há 29 anos e pensa que o aborto inseguro resulta da falta de informação sobre as formas de evitar uma gravidez.

Emília Sueia é ginecologista-obstetra na maior unidade sanitária de Nampula. Em conversa com a nossa equipa de reportagem, disse-nos que as adolescentes e as mulheres adultas recorrem a raízes tradicionais para abortar por ignorância.

"Quando ela (a médica tradicional) introduzia as raízes eu sentia muitas dores, era como se algo estivesse a raspar a minha bexiga, mas a senhora pedia para ter calma dizendo que era o efeito dos remédios", contou a adolescente, que foi submetida a três cirurgias. Ao terceiro mês de tratamento, ela mostrava sinais de recuperação, porém, ficou traumatizada.

A história de Rita, de 17 anos de idade, não é diferente da de Sónia.

Em 2011, ela frequentava a 9ª classe e, num belo dia, saiu para se divertir com o seu namorado. Os dois embriagaram-se e mantiveram uma relação sexual desprotegida. A menina confessou-nos que isso era habitual. Mais tarde ela descobriu que estava grávida, porém, quando contou ao parceiro este negou-se a assumir a responsabilidade.

No quarto mês de gestação, desesperada, Rita procurou o auxílio de uma amiga que lhe garantiu que conhecia uma senhora que interrompia o desenvolvimento de fetos com recurso a medicamentos tradicionais. Contudo, procuraram os serviços dum enfermeira.

"Perdi muito sangue e depois de algum tempo o meu rosto ficou pálido, prestava menos atenção às aulas, sentia-me diferente das outras meninas e algumas pessoas diziam que estava infectada pelo vírus da SIDA". O estado clínico descrito por Rita deteriorou-se, facto que chamou a atenção dos seus progenitores. Ela foi "reanimada" numa unidade sanitária, onde ficou dias sob cuidados terapêuticos intensivos.

Refira-se que na cidade de Nampula as médicas tradicionais cobram entre 500 e 1.000 meticais para realizar um aborto, enquanto no Hospital Central de Nampula, por exemplo, o mínimo é 2.000 meticais.

Segundo dados fornecidos pelo sector da Saúde em Nampula, pelo menos 40 porcento de mulheres que expulsam espontaneamente ou voluntariamente um feto e sem condições de vitalidade fazem-no clandestinamente e fora de uma unidade sanitária.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque na primeira vai bem, e na segunda ela fica molhada?

Olá queridos. É impressão minha, ou o Verão está à espreita? Já estamos a sentir calor aqui, calor acolá... mas o calor também dá outras vontades, não é? Do tipo beber muitas loiras ou pretas três a cem, e depois perder o controlo da situação e mandar a razão para fora do quarto e ali mesmo, na hora, partir para a ação sem a camisinha! Vamos lá, pessoal, mais cautela... todos, incluindo eu! É mesmo preciso pensarmos que somos responsáveis por nós mesmos, e muitas vezes por outras pessoas também e que, por essa razão, temos de cuidar da nossa saúde sexual e reprodutiva: pode-se evitar a gravidez e as infecções indesejáveis. Nesta coluna, nós falamos sobre a vossa saúde sexual e reprodutiva. Por isso, se tiveres uma dúvida,

Enviem-me uma mensagem através de um sms para 821115

E-mail: averdademz@gmail.com

Oi Tina. Sou a Vanda, tenho 25 anos e estou casada há dois anos. Estou a tentar engravidar, mas não consigo. O que será que está a acontecer comigo? Serei infértil? Ajuda-me, por favor!

Olá minha linda! A incapacidade ou dificuldade de engravidar é o maior stress dos casais que desejam ter filhos. Eu imagino que estejas a passar por isso. A primeira coisa que quero que tu e as outras leitoras saibam é que a infertilidade não é um PROBLEMA DAS MULHERES, mas um problema que afecta tanto homens como mulheres. Então quando forem à procura de soluções, não se esqueçam de que os vossos marido também podem ter alguma dificuldade. As causas que afectam as mulheres são variadas, e vão desde as orgânicas (que têm a ver com a funcionalidade do seu sistema reprodutor) até as emocionais. É muito importante que tu procures saber qual é a causa que te afecta: pode ser, por exemplo, a irregularidade do teu ciclo menstrual; pode ser o problema das tuas trompas, por onde passam os óvulos, ou podem ser coisas mais comuns como os miomas, ou a endometriose (uma doença que é caracterizada pela presença do tecido do útero a crescer fora do útero). Também pode ser que tenhas tido ou o teu marido uma infecção de transmissão sexual que não foi bem tratada, enfim. Então, a melhor coisa a fazer é procurar um/a médico/a ginecologista que te vai ajudar a diagnosticar o verdadeiro problema e a propor soluções onde for possível. Entretanto, é também importante saberes que nem sempre os tratamentos são eficazes, porque muitas vezes eles têm entre 80 a 99% de sucesso. Assim sendo, deves estar sempre preparada para a hipótese de não conseguires resolver o problema de forma natural, devendo procurar outras soluções, como, por exemplo, a inseminação artificial do embrião ou a adopção de um bebé. Tudo de bom para ti e para o teu marido.

Olá Tina. Eu tenho um problema complicado. Estou há três anos com a minha namorada. Durante a relação, na primeira fazemos sem problema, mas na segunda ela fica molhada, não sei porquê! Peço ajuda. Chamo-me Stélio.

Stélio, a tua preocupação é genuína porque ela deriva do facto de que muitos homens conhecem pouco os corpos das suas mulheres, namoradas, etc. Muitos homens ficam assustados com isto, e começam a acusar as suas parceiras de serem aguadas, etc. Nada disso! Vou começar por explicar que durante os preliminares a ato sexual, a mulher quando fica excitada vai libertando um líquido branco e viscoso, que lubrifica a entrada da sua vagina. É a forma natural de ela se preparar para a penetração do pénis. Em algumas mulheres, este líquido pode ser muito e noutras pouco. Entretanto, há outro fenômeno que ocorre com algumas mulheres, que se chama ejaculação feminina. Nem todas as mulheres conseguem isso. Aquelas que conseguem ejacular libertam um líquido através da uretra (o canal por onde também passa a urina), em forma de jacto. Não é urina, atenção! Tudo isto são fenômenos naturais. Se a tua namorada estiver molhada, significa que ela está excitada e lubrificada. O pior é fazer sexo sem qualquer lubrificação (sexo seco), porque isso pode causar lesões na vagina e até no próprio pénis, colocando-vos em risco de contrairem outro tipo de problemas. Cuidem-se e, de preferência, usem sempre o preservativo.

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Criança maltratada e morta no infantário de Inhambane

Pancho Vila, com a pistola em riste, no Far Oeste, apontou a arma a um desgraçado e perguntou, *Como te chamas, amigo? E o desafortunado, petrificado, respondeu, Lorenzo!* Pancho Vila disparou um tiro à queima-roupa na cabeça do homem e corrigiu: *Chamavas-te.*

E a criança morta no infantário pertencente à Direcção Provincial da Mulher e Acção Social em Inhambane, há duas semanas, já não se chama Artur. Chamava-se. Até hoje não se sabe ao certo o que terá acontecido no enredo que levou o petiz, de quatro anos de idade, a encontrar a morte. O caso está sob a guarda da Polícia, que tem três funcionários da instituição em causa para averiguação. Mesmo sabendo-se que a vida do menino, tido como inteligente, ninguém a vai devolver.

No dia 13 do mês em curso foi encontrado o corpo do menino Artur, sem vida e em avançado estado de decomposição, trancado na arrecadação do Infantário Provincial de Inhambane. Tinha o braço fraturado e pontas de mexas (cabelo postizo normalmente usado por mulheres) nas mãos. De acordo com informações que o @Verdade colheu no local, junto de funcionários que não quiseram ser identificados, por cima do cadáver foi ainda colocado um aro de uma janela, a servir de coberto. A descoberta foi feita cerca de duas semanas depois de o rapaz ter sido dado como desaparecido. Outro dado é que já se sentia um cheiro estranho no local, o qual era associado à morte de ratos, quando na verdade se tratava do cadáver de um menino que poderá ter morrido nas mãos de alguém movido por sentimentos ainda por explicar.

Reporta-se que duas semanas antes de ter sido encontrado o corpo de Artur, esteve em Inhambane uma senhora cabo-verdiana vindra de uma universidade em Maputo, com a finalidade de desempenhar trabalhos de pesquisa na área social. Esse trabalho incluía



um convívio com crianças desfavorecidas, daí que tenha ido ao infantário. A pesquisadora foi autorizada a dar um passeio com as crianças do sexo feminino à Praia do Tofo e, no regresso, o primeiro sinal que a cabo-verdiana recebe é de que Artur, de quem se tinha tornado amiga, tinha desaparecido.

Ela não fez mais nada; accionou mecanismos para informar as estruturas competentes, depois de ter sido aconselhada a não fazê-lo, pelos funcionários que estavam de serviço. Mas ela não obedeceu ao conselho, ligou para o director do estabelecimento, o qual, por sua vez, tratou de informar a Polícia. Foram cerca de duas semanas de procura em toda a cidade, mas nenhum sinal foi achado até o dia em que abriram a arrecadação por motivos que não tinham

nada a ver com o desaparecimento do menino.

Caso curioso é que, enquanto se atarefavam na procura de Artur, alguém ligou de um número da Movitel, era uma voz feminina, a dizer que estava na Praia do Tofo onde, segundo a interlocutora, estava o rapazinho na companhia de desconhecidos. Alguns funcionários saíram rapidamente para o local indicado, sempre em comunicação com a pessoa que ligava mas, passado algum tempo, a chamada foi cortada, ou chamavam e ninguém atendia. Chegados à praia, nem a pessoa que ligou, nem Artur. Suspeita-se de que aquela ligação tinha em vista criar condições para que os responsáveis do infantário, enquanto se movimentassem para Tofo, criasse espaço para os criminosos re-

tirarem o corpo. Mas se esse era o propósito, enganaram-se.

Acredita-se que Artur tenha sido agredido violentamente, ou pelas duas trabalhadoras que estavam de serviço no dia em que a investigadora levou as meninas ao Tofo, ou por uma delas e, quando viram o menino morto, trataram de escondê-lo no armazém para, na primeira oportunidade, retirarem o corpo e depois o abandonarem num lugar qualquer e, deste modo, urdir-se um cenário que ilibaria os implicados. Esta hipótese ganha mais relevância porque o corpo tinha o braço fraturado, estava trancado e nas mãos havia sobras de mexas, o que leva a acreditar-se na possibilidade de Arturinho ter oposto resistência para se defender nos derradeiros momentos da sua vida.

A título de curiosidade, perguntámos aos funcionários que nos deram estas informações se uma das detidas usava mexas, ou se as duas o faziam. Responderam-nos que apenas uma delas é que recorria a esse adeisco. E a pergunta que fica é: qual terá sido o móbil desta crueldade?

Artur era um menino inteligente. Fazia muitas perguntas inesperadas. Descrevia situações que se passavam no infantário e que embaraçavam alguns trabalhadores. Por exemplo, diz-se que o menino relatava casos de funcionários que desviavam frequentemente viveres que eram destinados aos petizes. Denunciava casos de maus-tratos. E por causa desta sua atitude poderá ter pago uma factura muito cara, sem preço, porque a vida

de uma criança não tem preço.

A morte de Artur trouxe ao de cima aquilo que se falava por detrás da porta. Há relatos de maus-tratos infligidos às crianças ali internadas, por parte de alguns trabalhadores. Fala-se ainda de incitamento dos mais velhos, por parte de alguns trabalhadores, para investirem contra os mais novos. Os que nos confidenciaram estes casos disseram-nos ainda que as senhoras que têm nas suas mãos a responsabilidade de cuidar dos meninos não têm nem vocação, nem formação. Não estão preparadas para lidar com uma faixa etária tão sensível. Pede-se uma investigação mais profunda, que ultrapasse a intervenção técnica da Polícia, para se ter com mais detalhes a informação do que se está a passar no Infantário Provincial de Inhambane.

Artur foi enterrado como um cão. Depois de ter sido descoberto o seu corpo, a Polícia tratou de enfiá-lo num plástico e imediatamente levá-lo à cova do cemitério, sem autópsia nem nada. A mãe do menino, uma mulher com laivos de demência, não assistiu ao funeral do filho porque na mesma altura estava a enterrar o corpo do namorado, que não é pai de Artur, no distrito de Homoine. Os citadinos de Inhambane estão profundamente indignados com a situação que levou o menino à morte. Estava marcada uma manifestação pacífica para a passada segunda-feira, mas ela não aconteceu porque a Polícia foi informada à última hora.

Paz a Arturinho!

Publicidade

ASSOCIAÇÃO DOS DADORES DE SANGUE DE MOÇAMBIQUE

(ADSM)



Sangue Novo para Moçambique

**DÊ vida
como presente**

Pela passagem do 29 de Agosto Dia Nacional do Dador de Sangue, a ADSM saúda todos heróis Anónimos por esta causa altruísta.



MOCAMBICANOS E AMERICANOS
JUNTOS NA LUTA CONTRA O HIV SIDA

Defecação a céu aberto assola Muhala-Belenenses

Defecar em locais impróprios tornou-se um problema comum no bairro de Muhala-Belenenses, na cidade de Nampula, e ninguém faz nada para contê-lo. As latrinas ainda são um luxo para o grosso das famílias daquela zona. Por isso, o acto tem lugar nas proximidades de um riacho chamado Muhala. Alguns alegam que não constroem latrinas para o efeito por falta de espaço e outros por não disporem de dinheiro.

Texto & Foto: Redacção/Sebastião Paulino



Uma parte significativa da população daquela região provém dos distritos costeiros da província de Nampula, tais como Ilha de Moçambique, onde defecar a céu aberto é visto como um acto normal e as pessoas não sabem ou ignoram que a higiene pessoal e colectiva, dos alimentos, da água, e dos domicílios, por exemplo, é importante para evitar a transmissão de doenças (diarreia e cólera) causadas pelos micróbios e parasitas de um indivíduo para outro.

Os moradores de Muhala-Belenenses defecam nas imediações do rio Muhala à vista de transeuntes, porém, ninguém se pronuncia com vista a inibir essa atitude que atenta contra a saúde pública. Adultos e crianças, homens e mulheres, jovens e idosos, disputam espaços naquele lugar. Por conseguinte, as condições de higiene no bairro são francamente precárias. Aliás, "Muhala" é considerada uma área propensa à eclosão de cólera.

Os níveis de desleixo em Muhala-Belenenses fazem com que se acredite que os habitantes pouco se importam ou não sabem que, para além de a casa ser o local mais importante para uma família e, por isso, deve estar em boas condições de higiene, os espaços públicos também devem permanecer limpos.

O problema da defecação a céu aberto no bairro em alusão deriva da ausência de uma política de saneamento do meio e de factores culturais. Refira-se que os habitantes dos distritos de Ilha de Moçambique, de Mussuril e Angoche não têm o hábito de construir latrinas. Eles recorrem às margens do mar e aos mangais.

O @Verdade constatou que no bairro de Muhala-Belenenses, em cada 10 casas apenas três famílias possuem latrinas. Abel António, um dos residentes na zona, confessou que quando tem de satisfazer as suas necessidades maiores percorre aproximadamente 50 metros até chegar ao riacho. Os restantes membros da sua casa fazem a mesma coisa.

O nosso entrevistado disse que não constrói a latrina porque a sua residência não dispõe de espaço suficiente para o efeito, pois quase todo o terreno foi ocupado pelo domicílio.

Anos sem latrina

Alima Amisse é solteira e vive naquele bairro há sensivelmente 10 anos, mas nunca teve instalações apropriadas para a sua higiene pessoal. Ela também recorre ao rio Muhala para defecar. Contrariamente a Abel António, a nossa interlocutora disse-nos que não constrói latrina por falta de fundos e na zona em que está o len-

çol freático está muito próximo da superfície terrestre. É possível encontrar água a menos de dois metros de profundidade.

Amélia Ramadane, natural da Ilha de Moçambique, vive em "Muhala" com o seu filho e uma sobrinha desde 2011. Ela ainda não tem casa de banho nem vaso sanitário. A casa vizinha é o lugar a que recorre e quando não o pode fazer por a latrina estar ocupada a alternativa é o riacho.

Atanásia Ibraimo, natural de Angoche, construiu a sua casa com base em material precário nas imediações de uma ponte que liga as duas margens do rio Muhala. Ao atravessar a construção que liga os dois pontos separados pelo curso de água a que nos referimos é impossível não ver excrementos humanos a flutuarem.

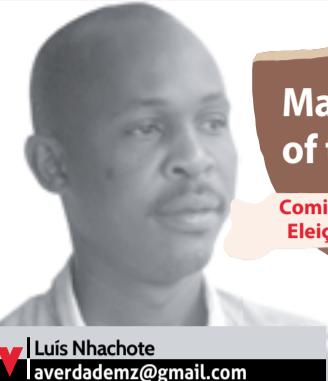
"Estou aqui há sensivelmente oito anos e não vejo outro lugar para construir uma casa. Já me habituei ao mau cheiro", disse Atanásia que, à semelhança de Alima e Amélia, também não possui latrina supostamente por falta de espaço e dinheiro. Entretanto, no período chuvoso, os excrementos humanos são arrastados para algumas residências que estão nas proximidades do rio e o mau cheiro apoqua a população.

Outro constrangimento com que o bairro de Muhala-Belenense se debate é a falta de sanitários públicos. Isso faz com que os vendedores do Mercado de Peixe recorram igualmente ao riacho. Estes e outros problemas são do conhecimento da edilidade de Nampula, porém, nada faz com vista a garantir melhores condições de vida na zona.

Quanto custa uma latrina melhorada em Nampula?

Na cidade de Nampula, a construção de um vaso sanitário melhorado ultrapassa o salário mínimo de um funcionário do Aparelho do Estado. Algumas famílias do bairro de Muhala-Belenenses estão desprovidas de fundos para comprar material que lhes permita edificar uma latrina de qualidade e consistente. Aliás, o grosso de pessoas daquele bairro é desempregado e sobrevive do comércio informal. Quando há dinheiro a prioridade é a comida.

A nossa reportagem constatou que uma laje de latrina custa 800 meticais, e 2.550 meticais é o valor para a aquisição de 150 blocos de 15 centímetros cada. Enquanto isso, a abertura de uma fossa de 2/3 custa 1.000 meticais e a mão-de-obra 1.500 meticais, o que totaliza 5.850 meticais.



**Mamparra
of the week**

**Comissão Provincial de
Eleições da Zambézia**

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é a Comissão Provincial de Eleições (CPE) da Zambézia que mandou, por cima da lei, retirar os dísticos da edilidade de Quelimane que davam as boas-vindas ao Presidente da República, Armando Guebuza, que estava de visita àquela autarquia.

Para a CPE da Zambézia, os tais dísticos, que tinham a fotografia do edil local, Manuel de Araújo, constituam uma espécie de pré-campanha eleitoral, uma vez que o autarca irá concorrer à sua própria sucessão. Ora, isso é um absurdo tendo em conta que não estamos em período eleitoral.

Naturalmente, o gabinete jurídico de Araújo, em tempo útil, tratou de protestar tal decisão eivada de arrogância soberba. Os doutos sábios da Comissão Nacional de Eleições (CNE), após a interposição do recurso da edilidade da terra dos palmares, trataram de chumbar tal atitude, que sem dúvida se configura política para um órgão que se espera neutro.

Este cenário atrás descrito parece de um árbitro a correr com o apito a apoiar uma das equipas numa época em que não há jogo.

Como o Presidente Guebuza, o Chefe de Estado, foi à Zambézia, onde naturalmente teria que aterrizar em Quelimane, tinha, porque a Frelimo perdeu aquele município para a oposição, que ser "protégido" a qualquer custo?

Já que perguntar não ofende, por acaso a CPE da Zambézia recebe os seus ordenados na Presidência da República? De quem veio tal absurda ordem que feriu os mais elementares princípios de Estado de Direito Democrático? Do mais alto nível? A mando de quem?

Que pecado tem o Manuel de Araújo ao querer receber o "Papá Guebuza", à sua dimensão de Estadista que ele merece? Não se pode querer brincar à democracia com órgãos eleitorais que têm posição, que são árbitros e jogadores em simultâneo.

Não se pode admitir este tipo de barbaridade numa altura destas. Já há muito reza o ditado: "é preciso matar o crocodilo enquanto pequeno".

Esta introdução pode significar um exercício de grande escala na época eleitoral, que se configura em fraude massiva.

Não queremos ser uma Angola, não queremos ser um Zimbabué, não podemos aceitar uma farsa ditatorial. E dizem que é democracia.

Basta de mamparras feitos àqueles que estão na Zambézia, fixos na CPE, sob pena de ali ser o ninho onde se vão parir as próximas víboras numa escalada sem precedentes.

Abaixo os mamparras da CPE da Zambézia.

É que alguém tem que por um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Democracia

“Wambao Agriculture”: os recentes e reais impactos de mais uma bolada dos dragões em nome do desenvolvimento

Desde Junho que, sem qualquer satisfação, famílias de agricultores e camponeses que há mais de duas décadas produzem nas terras férteis do Baixo Limpopo na província de Gaza, distrito de Xai-Xai, mais concretamente nas zonas de Kana Kana e Baixa Fome, se encontram desesperadas e revoltadas com o Governo do dia devido à presença de escavadoras nas suas terras, que são responsáveis pela destruição das suas culturas já em fase de colheita, como resultado da implantação e expansão do projecto chinês “Wambao Agriculture”.

Texto & Foto: Justiça Ambiental

Os mais de 500 produtores agrícolas e camponeses residentes em diferentes bairros do distrito de Xai-Xai que praticam a agricultura nas zonas de Kana Kana e Baixa Fome no Regadio do Baixo Limpopo foram surpreendidos no fim do mês de Junho com a presença de escavadoras e tractores nas suas terras de produção, destruindo as suas culturas (na sua maioria prontas para serem colhidas) e alterando de forma desregrada as necessárias e importantes características físicas daquelas parcelas. Tudo isto sem dar qualquer satisfação ou qualquer tipo de informação acerca da actividade que estavam a desenvolver. Isto teve lugar como resultado da implantação, implementação e expansão das áreas de produção de arroz, pela empresa chinesa Wambao Agriculture. Esta empresa, que desde que chegou à área em 2012, tem violado sistematicamente os direitos das comunidades, agindo em violação, não só das leis e regulamentos nacionais, mas também de regulamentos internacionais, ao usurpar as terras de produção das comunidades, sua única fonte de rendimento e subsistência.

O preocupante e revoltante nesta situação é o facto de tudo estar a acontecer sob o conhecimento e óbvio apadrinhamento, tanto do Governo provincial como do central, pois, apesar de contínua e irrevogavelmente informado, quer pelas vítimas, quer pela sociedade civil acerca do que tem estado a acontecer naquela zona do país, o Governo nada tem feito para salvaguardar os direitos destas famílias, a quem evita mesmo receber por não estar minimamente interessado em dialogar.

Aliás, esta prática e comportamento do nosso Governo têm-se observado um pouco por todo o território nacional, sobretudo em locais onde existem projectos de grande capital (em grande parte, capital estrangeiro).

Em Gaza, os próprios chineses têm deixado bastante claro aos camponeses (ainda que gesticulando, uma vez que lhes é difícil falar o Português ou o Xitchangana) que já deram dinheiro aos “Bosses do Governo” para poderem fazer o que têm estado a fazer. Isto é, para poderem usar aquela terra como e para o que bem entendem. Deixando claro, também, que os que se sentirem lesados deverão expressar a sua insatisfação ou procurar esclarecimentos junto ao Governo moçambicano, pois eles apenas estão a fazer o que lhes compete e é permitido, com base no acordo e desembolso financeiro por eles já estabelecido e efectuado.

No âmbito do seu plano de monitoria do projecto em causa, uma equipa nossa encontra-se no terreno a fazer o acompanhamento directo dos eventos que não só ofendem, marginalizam e empobrecem as famílias afectadas, mas, acima de tudo, retiram a sua única fonte de subsistência colocando em risco a sua segurança alimentar. Essa equipa tem vindo igualmente a realizar encontros com a sociedade civil local, que conhece melhor do que ninguém esta situação e as suas irregularidades, e que é quem narra as tais tentativas até agora frustradas de obter respostas de algumas instituições públicas e governamentais acerca do assunto.

Não só com base nas várias denúncias feitas pelas vítimas, mas também no que claramente constatamos no terreno, a Wambao Agriculture, com ou sem a lei do seu lado, invadiu e tem diariamente vindo a dizimar as culturas agrícolas dos mais de 500 agricultores, através do uso de escavadoras e tractores, para expandir os 20 mil hectares a eles concedidos pelo Governo de Moçambique. Trata-se de invasão e consequente bruta usurpação da terra da população



que, segundo fontes locais, anteriormente ao projecto havia sido concedida à população pelo Estado, ora em resultado de processos de indemnização, ora como compensação a antigos militares em reconhecimento da sua participação nas guerras de libertação nacional e civil durante o processo de desmobilização, numa altura em que o Governo reconhecia a necessidade de ajudar este grupo a produzir para a sua subsistência e das suas famílias, uma vez que não teria como lhes dar outra ocupação e ou possibilidade de os enquadrar no sector público.

Ainda no terreno, a nossa equipa pôde certificar-se de que a invasão e destruição de culturas agrícolas nas zonas de Kana Kana nos finais de Junho, bem como na zona de Baixa Fome no dia 7 de Julho, alegadamente autorizadas pelo administrador, continuam até hoje sem qualquer explicação formal. A empresa continua a operar, trabalhando inclusivamente na calada da noite, período em que aproveita para abrir valas que afectam directamente a circulação de pessoas e bens, pois são de tal profundidade e largura que é impossível atravessá-las. O gado fica também frequentemente preso nessas valas ao tentar beber água ou atravessar para outros campos em busca de pasto.

Posto isto, muitas pessoas ficaram praticamente interditadas de chegar a certas zonas, e como tal privadas de alguns bens e serviços e de comunicar com outras, tendo, como única solução, de percorrer longas distâncias para contornarem a situação. O gado, não podendo circular à vontade para outras áreas de pastagem, tem estado a invadir as poucas machambas que ainda restaram para se poder alimentar, destruindo, desta forma também, essas culturas sobreviventes embora gerando ainda mais conflitos.

É importante referir aqui, que devido a estas acções dos chineses, como são vulgarmente chamados na região, uma senhora agricultora perdeu a vida no local, tendo apanhado um enfarte, por não aguentar ver as suas culturas, única fonte de subsistência para si e sua família, a serem destruídas.

Como resultado destes eventos e por haver um descontentamento generalizado por parte da população e dos agricultores, os mesmos decidiram reunir-se e dirigir-se na manhã de terça-feira dia 9 de Julho à Administração do distrito de Xai-Xai, com o objectivo de obter uma satisfação e solução do administrador, exigindo que o mesmo se deslocasse ao local para, não só observar o que está a acontecer, mas, acima de tudo, para dar uma explicação àquela população que há mais de duas décadas usa aquela terra para garantir a sua subsistência. Só nesta zona, estamos a falar de mais de 500 pessoas. Há igualmente que referir que no passado dia 4 do mês de Julho, o administrador foi chamado a dar uma explicação ao mesmo grupo de agricultores, pela invasão e destruição de culturas pela empresa na zona de Baixa Fome, que teve lugar após uma autorização do administrador, mas sem nenhum conhecimento por parte da liderança local (líderes tradicionais), e muito menos dos agricultores, ocupantes e praticantes de agricultura naquela zona. O administrador, encurrulado, limitou-se a pedir desculpas às vítimas por não as ter informado.

Infelizmente, a tentativa de as vítimas se reunirem com o administrador neste dia foi gorada, assim como frustrada também foi a tentativa de a equipa da Justiça Ambiental se reunir com o mesmo, alegadamente por estar ausente... A única resposta que foi dada aos camponeses foi que possivelmente lhes seriam dadas novas terras para a prática de agricultura e algumas sementes. Mas que não havia comida para eles nos armazéns.

Uma vez frustrada a tentativa, no dia seguinte, quarta-feira dia 10 de Julho, os agricultores e camponeses, que eram acima de 100 e na sua maioria mulheres, reuniram-se, mais uma vez, em busca de respostas em Kana Kana. Procurando esclarecer a situação, juntaram-se numa das vias de acesso aos campos por

onde acreditavam que o administrador passaria, e, em jeito de manifestação e protesto, fizeram uma autêntica espera defronte das suas terras, palco de destruição das suas culturas pela Wambao Agriculture. A situação era volátil, até catanas havia nas mãos da multidão. Mas não passou nem o administrador, nem membro nenhum do governo no seu lugar. Um técnico do Regadio do Baixo Limpopo foi o único transeunte com quem puderam desabafar, a quem puderam demonstrar a sua insatisfação, frustração e sentimento de revolta e pedir respostas e soluções. Para além de expressarem os seus sentimentos em relação ao projecto e ao modelo de governação do partido Frelimo, fizeram também exigências, sugestões e recomendações, sem deixar de fora os vários recados ao governo provincial e ao central. Alguns chegaram mesmo a ameaçar não voltar ou votar contra o actual Governo.

Às várias manifestações de insatisfação daquele grupo vulnerável de agricultores e camponeses, o técnico representante do Regadio do Baixo Limpopo pouco pôde dizer, mas depois de acompanhado por alguns membros do grupo de vítimas ali reunido, aos vários locais disputados pela população e pela Wambao, o mesmo garantiu que a vala aberta que dificulta a comunicação e interdita a circulação não só de pessoas e bens, mas também de gado, seria fechada para a garantir a livre e facilitada circulação da maquinaria da empresa. O representante garantiu ainda que a população de Kana Kana nunca mais veria as máquinas em causa nas suas terras, alegando que tal era da sua competência, mas que nada podia fazer e ou garantir em relação à área de Baixa Fome, pois não tinha competência para mudar aquilo que já fora decidido pelo administrador, embora tenha garantido que encaminharia as preocupações e indignação daquele grupo ao administrador.

Há que referir que as vítimas exigem também ser compensadas pelas culturas destruídas e que já estavam em fase de colheita, pois aquela actividade é a sua única fonte de rendimento e subsistência e através da qual também garantem a subsistência das suas famílias, incluindo a educação da mesma (o que pode ser feito através de dinheiro ou de insumos).

É importante mencionar também que este projecto, ao qual foram concedidos 20 mil hectares de terra para exploração no Regadio do Baixo Limpopo por um período de 50 anos pelo Governo de Moçambique em 2012, e que conta com um investimento de mais de 200 milhões de dólares americanos, é famoso no Xai-Xai por estar a fornecer e vender arroz estragado (podre).

O projecto em causa, Wambao Agriculture, encontra-se inserido e faz parte da implementação do Plano Estratégico para o Desenvolvimento Agrário (PEDSA) aprovado em 2011 e que tem como objectivos centrais, alegadamente: o aumento da produtividade, a melhoria de acesso ao mercado, a melhoria da gestão dos recursos naturais e o fortalecimento das instituições que trabalham no sector agrícola como um todo.



Siga no
Twitter @DemocraciaMZ

“As associações devem lutar para gerar lucro e não viver de mão estendida”

É uma meta ambiciosa, mas alcançável. Ernesto Lopes, subgerente da OLIMA, uma empresa que aposta no desenvolvimento agrário, baseada no posto administrativo de Iapala, distrito de Ribáuè, província de Nampula, pretende transformar as pequenas associações de camponeses envolvidas na produção da mandioca em pequenas empresas, pois só assim é que estas podem gerar rendimentos.

Este pretensão deve-se ao facto de a actual Lei do Associativismo não permitir que as associações possam gerar lucros a partir das suas actividades, fazendo com que elas dependam de doações, o que, na sua opinião, é errado.

Texto: Nelson Miguel • Foto: Oliveira

@Verdade (@v) – Qual é o historial da OLIMA?

Ernesto Lopes (EL) – A OLIMA, palavra emakhuá, que em português significa capinar, surge em 1999 com o objectivo central de desenvolver acções que possam resultar no aumento de níveis de produção da mandioca no distrito de Ribáuè, que tem muito potencial para o cultivo daquele tubérculo.

A população local não conhece as vantagens da mandioca. Ela (a população) consome-a depois de seca e enfarinhada, ou fresca. O que pretendemos é incentivar os camponeses a consumirem todos os derivados desta cultura, como são os casos de ração, farinha misturada com trigo, entre outros.

@V – Em quantos distritos a OLIMA desenvolve as suas actividades?

EL – A OLIMA trabalha somente no distrito de Ribáuè, concretamente no posto administrativo de Iapala. Não queremos colocar a carroça à frente dos bois. Numa primeira fase, pretendemos capitalizar as nossas acções e os resultados daí decorrentes é que vão ditar a expansão ou não do nosso raio de cobertura. A partir daí poderemos determinar se vamos ou não aos outros distritos ou outras províncias, quem sabe.

O nosso sonho é transformar as actuais associações em pequenas empresas porque acreditamos no potencial de que estas dispõem, razão pela qual temos vindo a transferir as novas tecnologias de toda a cadeia de valor da cultura da mandioca, e os resultados já são notórios. Há abertura de grandes machambas.

No distrito de Ribáuè, onde estamos a trabalhar, para esta época conseguimos produzir 2.235 mil toneladas, e julgamos que a produção tem vindo a aumentar com a entrada em funcionamento da unidade de processamento da mandioca que instalámos no posto administrativo de Iapala.

@V – Os produtores receavam envolver-se na produção da mandioca devido ao fenómeno de podridão radicular. Qual é a realidade actual?

EL – No distrito onde trabalhamos, Ribáuè, a situação da podridão radicular da mandioca está a ser ultrapassada porque, através do Instituto de Investigação Agronómico de Moçambique (IIAM), temos vindo a libertar novas variedades de mandioca tolerantes a este fenómeno. Em relação às variedades que temos vindo a experimentar, podemos dizer que são promissoras, razão pela qual que para além da produção da própria mandioca, aconselhamos os camponeses a apostarem na sua multiplicação.

@V – Os preços praticados na compra da mandioca estimulam os camponeses?

EL – O actual valor da compra está entre 1,50 e 2,50 meticais o quilograma, isto na unidade de produção. Estes preços são baixos, mas ainda estamos em processo experimental, esperamos que nos próximos tempos os mesmos venham a aumentar. Neste momento a produção por hectare está estimada entre quatro e cinco toneladas. Mas se o camponês conseguir produzir 20 a 30 toneladas por hectare, certamente haverá aumento dos preços de compra.

Diz-se, por exemplo, que o rendimento médio por hectare na Nigéria ronda as 71 toneladas, imagine se nós chegarmos a esses níveis!!! Estariam noutra patamar. O grande constrangimento tem a ver com o facto de nós estarmos a produzir a mandioca sem olhar para a cadeia de valores, sobretudo a produção, o processamento e o mercado. Estas componentes devem andar juntas.



@V – O que está a falhar para não termos altos níveis de produtividade, à semelhança do que acontece, por exemplo, na Nigéria?

EL – O grande constrangimento é a falta de financiamento na componente agrária. Deveremos ter em conta que a banca que temos é comercial e a agricultura é vista como uma actividade de risco, daí que são poucas as instituições bancárias que arriscam em conceder crédito aos camponeses ou agricultores. Por outro lado, há falta de seriedade por parte dos respectivos agricultores, são poucos os que honram os compromissos que assumem. Vimos isto através do famoso Fundo de Desenvolvimento Distrital. Muitos que tiveram acesso ao valor encontram-se em sítio incerto, e não o aplicaram como vem no papel apresentado para o efeito. Isso até certo ponto desencoraja os que têm dinheiro para emprestar.

Outra situação que faz com que haja fraca produtividade é a nossa dependência em relação à chuva. Produzimos apenas numa única época, não exploramos ao máximo todo o tipo de tecnologia. Mas vamos aprendendo aos poucos e já temos uma unidade de produção de mandioca que alimenta a fábrica de cerveja de Nampula. Fornecemos igualmente a algumas padarias, que têm misturado a farinha da mandioca com o trigo para o fabrico de pão e outros derivados, e mais. E assim vamos andando até chegar a níveis desejados. Caso atinjamos esses patamares de produção, acredito que, a curto prazo, poderemos exportar a mandioca para o Vietname, porque há um grupo de empresários daquele país que está interessado.

@V – Como classifica a situação do agricultor no distrito de Ribáuè?

EL – Os agricultores queixam-se da falta de equipamento. Grande parte deles ainda usa a enxada de cabo curto, mas introduzimos o sistema de tração animal, através do gado bovino, e estamos a fazer a monitoria a fim de avaliar até que ponto o processo é eficaz. Os famosos sete milhões de meticais são para a produção de comida e não para este tipo de iniciativas.

Nós distribuímos algumas cabeças de gado como alternativa, mas o melhor seria o uso de tractores para a produção agrícola, e neste caso particular para o incremento dos níveis de produção da cultura da mandioca. Mas a maioria dos nossos agricultores sugere o uso da tração animal devido à sua capacidade financeira, que é fraca.

@V – Não sua opinião, o que é melhor entre o tractor e a tração animal?

EL – Isso depende das capacidades de cada agricultor, mas com os vários técnicos que colocamos à disposição dos produtores, acho que o melhor é o uso de tractor porque este pode lavrar 50 a 100 hectares. Se a pessoa tem poucos hectares, então sugiro que use a tração animal.

@V – Porque é que em Moçambique há falta de grandes empresas viradas para a área da agricultura?

EL – Na realidade não temos essas empresas e isso não está ligado à falta de terra, mas sim à falta de financiamento para a promoção da agricultura em grande escala. Por exemplo, há casos em que um cidadão tem mil hectares, ou menos, mas não tem tractor. E o que acontece é que ele acaba por explorar apenas 50 hectares e o resto da terra transforma-se em mata.

@V – Estarão os agricultores de Ribáuè a apostar apenas na produção da mandioca para a comercialização? Produzem comida? Há fome no distrito?

EL – Não se pode falar da fome no distrito de Ribáuè porque há muito trabalho que tem vindo a ser feito, quer pela nossa empresa, quer pelo Governo, assim como pelas populações locais. Os camponeses são orientados a saber separar as áreas. Tem de haver uma para a produção da mandioca para venda assim como para o consumo, e outra para o cultivo de alimentos de primeira necessidade, tais como milho, feijões, entre outras culturas. Posso

dizer que eles têm conseguido seguir estas recomendações. Por isso em Ribáuè não há focos de fome.

@V – A questão da falta de financiamento não é extensiva a todos os agricultores. Há alguns que têm acesso ao crédito mas os resultados não são visíveis. A que se deve isso?

EL – O principal problema é que a esses agricultores é oferecido dinheiro, o que é errado. Devemos abandonar a cultura de “mão estendida”. Sugiro que as pessoas beneficiárias sejam obrigadas a participar, pois só assim é que vão passar a agir de forma responsável e a valorizar o investimento. Se há um bem, um tractor, animais para produção, não devemos entregá-los de borla.

@V – Acha que existem incentivos que promovam o desenvolvimento do sector agrário em Moçambique?

EL – Nalguns casos sim. Imagina que no distrito de Ribáuè a população vai beneficiar de um multi-centro, instituição que visa apoiar os pequenos e grandes agricultores. Fala-se, por exemplo, de um centro de produção de máquinas de alta tecnologia, sendo que os produtores terão a oportunidade de alugar tractores para a prática das suas actividades agrícolas.

Com este centro, o fluxo de produção pode ser rápido porque um cidadão pode pedir um financiamento e investir num tractor, por exemplo, o que vai, de certo modo, facilitar o seu trabalho.

@V – Sabe-se que vão receber tractores para distribuir aos produtores. Com a experiência que tem, como é que o processo será dirigido?

EL – Realmente, vamos receber quatro tractores do Fundo de Fomento Agrícola (FFA) e vamos entregá-los a quem tiver capacidade de adiantar acima da metade do custo total. Queremos que essa nossa experiência traga resultados positivos e não o que tem acontecido. Os agricultores recebem o meio e desaparecem da região.

Como incentivo, os beneficiários estarão isentos do custo das alfaias agrícolas. Temos de cultivar novas mentalidades e traçar estratégias. Primeiro pedimos o financiamento e depois fazemos o reembolso.

@V – Como olham para o Fundo de Desenvolvimento Distrital?

EL – É um fundo muito pequeno para a nossa empresa, porque neste momento estamos com um projeto que está a consumir 1.5 milhão de dólares norte-americanos. Mas dentro da OLIMA, incorporámos 50 produtores, que estão a beneficiar de capacitação, o que lhes pode ajudar a melhorar os resultados das suas actividades. Eles, no fim da formação, estarão preparados para solicitar um empréstimo. O que acontece agora é que a pessoa desenhe um projecto e submete-o. Há que estar preparado para receber um financiamento.

Camponeses exigem a verdade sobre o ProSavana

A exclusão das comunidades camponesas, a falta de informação e de transparência acerca do programa de cooperação triangular para o desenvolvimento agrícola das savanas tropicais em Moçambique, o ProSavana, continuam a legitimar o pânico dos camponeses que temem ver as suas terras expropriadas pelos investidores estrangeiros

Texto: Alfredo Manjate

Com vista a desfazer os mitos que giram em torno deste programa, a União Nacional dos Camponeses (UNAC) e outras Organizações da Sociedade Civil (OSC) dos três países envolvidos no programa, nomeadamente Moçambique, Brasil e Japão, reuniram-se no princípio deste mês para, mais uma vez, e de forma uníssona, declararem oposição ao ProSavana.

Os camponeses exigem do Governo transparência e participação no processo de elaboração de planos do ProSavana. Nesta exigência, que é extensiva aos países parceiros do ProSavana, os homens e mulheres de enxada querem que lhes seja dita a verdade sobre os reais benefícios que terão na qualidade de pequenos produtores que actuam na área concedida para o projecto ProSavana.

"Pedimos a verdade sobre o ProSavana. Queremos saber que benefícios teremos com a implementação desta programa", disse Rebaca Mabui, durante a conferência triangular dos povos de Moçambique, Brasil e Japão.

Desde que começou o planeamento do ProSavana, em 2009, e mesmo depois do seu lançamento oficial em 2011, pouca informação é tornada pública acerca deste programa, não obstante as grandes empresas internacionais de agro-negócio serem mantidas a par do processo.

A escassez de informação dá lugar à especulação e gera pânico por parte de quem sente que será directamente afectado pelo ProSavana, porém, o Executivo moçambicano quase sempre se esquivou de prestar esclarecimento acerca do programa.

Na essência o que preocupa os camponeses e a sociedade civil, tanto moçambicana como de outros países, é a falta de informação que resulta em mexericos em torno desse assunto. Numa carta aberta dirigida aos líderes governamentais dos três países envolvidos no ProSavana, os camponeses e as OSC denunciam e repudiam a suposta "manipulação de informações e intimidações às comunidades que se opõem ao ProSavana; os iminentes processos de usurpação de terras das comunidades locais; a destruição de sistemas de produção agrícolas familiares e a importação, do Brasil para Moçambique, de experiências falhadas que geraram contradições internas naquele país".

Assim, as comunidades "afectadas" exigem uma intervenção urgente dos países envolvidos no programa no sentido de se travar a lógica de intervenção do ProSavana. Ou seja, "que se

mude o modelo de implementação adoptado no Brasil", país em que se inspirou o ProSavana, pois o mesmo poderá resultar no surgimento de famílias e comunidades sem terras em Moçambique, como aconteceu no Brasil, onde é implementado um programa similar há cerca de 30 anos; a existência de convulsões sociais e conflitos socioambientais nas comunidades ao longo do Corredor de Nacala e não só; o agravamento da miséria; a insegurança alimentar; o aumento da corrupção; a poluição desmedida de ecossistemas e o desequilíbrio ecológico.

Informações divergentes

Ao que se pôde depreender das intervenções havidas na Conferência Triangular dos Povos, são profundamente escassas as informações sobre o ProSavana. Apesar de recorrentes repúdios e denúncias de falta de transparência, o processo de implementação do ProSavana decorre num ambiente de secretismo, que apenas abre espaço para más interpretações. As comunidades residentes no espaço abrangido pelo ProSavana, nas três províncias onde será implementado, nomeadamente Nampula, Zambézia e Niassa, estão desprovidas de esclarecimento sobre o programa.

Essa recusa por parte do Governo de fornecer informação fez com que os dados na posse das comunidades camponesas obtidas através de OSC sejam diferentes das que estão na posse das entidades governamentais.

As OSC apontam para a existência de um espaço de 14 milhões de hectares disponíveis para a implementação do ProSavana. Entretanto, o Governo indica para menos da metade desse espaço, isto é, apenas 4 milhões de hectares disponíveis no total das três províncias abrangidas pelo ProSavana.

Por outro lado, as comunidades condenam a importação de um programa que já deu indicações de estar a falhar e a criar situações de perigo à saúde humana e do meio ambiente no Brasil. Porém, o Governo recusa tal facto afirmando que apenas se inspira no programa brasileiro, mas não vai "copiar experiências falhadas".

O Executivo moçambicano diz ainda que contrariamente ao modelo brasileiro que aposta na monocultura e está virado para a exportação, Moçambique vai continuar a privilegiar a pluricultura para alimentar o mercado nacional. "Só em caso de haver excedente é que o mesmo será exportado", disse o ministro da Agricultura, José Pacheco.

O director nacional de Economia Agrária, Raimundo Matule, do Ministério da Agricultura, diz que não se pode exigir agora nenhum estudo ambiental sobre o ProSavana, pois este é apenas um programa e não um projecto, e como tal não carece de nenhum estudo virado para implicações ambientais. Matule diz ainda que o programa em causa ainda está em fase de concepção, sendo que a única componente que já está a ser implementada é a de investigação. No entanto, estas informações contrastam com as que estão na posse das OSC.

ProSavana na perspectiva do Governo

Raimundo Matule, incumbido de esclarecer o que é ProSavana, pelo menos na perspectiva do Governo moçambicano, explicou que este é um programa inserido no Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Sector Agrário (PEDSA) que visa o fortalecimento da actividade agrícola através da transformação de pequenos agricultores em agricultores de média escala.

"O ProSavana é apenas um instrumento de operacionalização deste plano que está assente em cinco pilares, nomeadamente: a produção e produtividade visando a competitividade; o acesso aos mercados e a melhoria de infra-estruturas e serviços; a segurança alimentar e nutricional; a gestão sustentável dos recursos naturais; e a reforma e o fortalecimento institucional".

O Governo moçambicano, com a implementação do ProSavana, espera alcançar um crescimento médio de pelo menos 7% ao ano; reduzir a desnutrição crónica em menos de 5 anos, de 44 por cento em 2008 para 30 por cento em 2015 e 20 por cento em 2020, e reduzir para metade a proporção das pessoas que sofrem de fome até 2015.

Matule revelou que ainda não existe nenhum plano directivo para a implementação do ProSavana. O que existe é apenas um instrumento "ad-hoc" de trabalho que, entretanto, não

prevê nenhum mecanismo de comunicação com as comunidades locais.

"O plano directivo ainda está em elaboração, ainda não foi aprovado pelo Governo, e deverá ser finalizado e apresentado entre os meses de Outubro e Novembro". Só nessa altura, o mesmo será submetido a uma discussão pública.

Relativamente às necessárias consultas às comunidades residentes na área do corredor de Nacala, o director alegou que esse processo será feito aquando da atribuição de terrenos.

Pacheco fala de conspiração

O ministro da Agricultura, José Pacheco, contra-atacando os opositores àquele programa, disse que aliar o ProSavana à usurpação de terra é uma conspiração para manter Moçambique dependente da importação de comida e continuar a comer frango importado que muitas vezes chega ao país fora do prazo. O ministro disse que o programa "irá contribuir para a transformação da agricultura de subsistência numa agricultura comercial através do aumento da produtividade das terras".

"Neste momento, estão em curso estudos diversos tendo em vista estabelecer um plano directo. Estes estudos poderão ser concluídos até ao fim deste ano e serão trazidos a debate público tendo em vista o alcance de consenso público e só depois disso teremos um instrumento de intervenção". Pacheco deixou claro que para o Governo o "ProSavana é uma prioridade e apostamos tudo para o sucesso deste programa".

"Nós moçambicanos temos o direito de produzir para termos, pelo menos, três refeições por dia. Não queremos mais ser escravos do frango importado, não queremos mais ser escravos de porco importado muitas vezes fora do prazo. Não queremos mais comer arroz importado, não queremos mais consumir leite importado. Não queremos mais tomar chá importado de países que não são produtores de chá", finalizou Pacheco.



Siga no
Twitter @DemocraciaMZ

Descartado adiamento das eleições autárquicas

O Governo descarta a possibilidade de adiar as eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo apesar de o diálogo que vem mantendo com a Renamo, e que já vai na décima sétima ronda, não ter produzido resultados até agora. Este pronunciamento veio aumentar a tensão política que se vive no país uma vez que o partido Renamo, para além de não participar no pleito, prometeu inviabilizá-lo caso a actual legislação eleitoral não fosse revista.

De acordo com José Pacheco, ministro da Agricultura e chefe da delegação do Governo no diálogo, que falava após o término da décima sétima ronda, independentemente da vontade da Renamo, as eleições autárquicas terão lugar nas datas previstas.

É que a Renamo exige que o Governo aceite os pontos que até o momento constituem o pomo da discórdia, nomeadamente a paridade na composição dos órgãos eleitorais, mormente a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico

da Administração Eleitoral (STAE).

Para Pacheco, "Moçambique não pode ser hipotecado a cidadãos que não querem olhar para a realidade moçambicana de forma construtiva. A Renamo não pode ditar ao Governo para concordar ou não com AS suas iniciativas. Isto revela falta de seriedade", disse Pacheco.

"Agora a Renamo disse que o Governo deve fazer uma viragem e concordar com os três pontos sobre os quais até agora temos discordado e discordarmos com os 16 pon-

tos com as quais concordamos e nós dissemos que no mínimo ela não está a ser séria. (...) A Renamo acha que o Governo tem que adoptar de forma incondicional as suas propostas esquecendo que os problemas não se resolvem violando as leis", disse o chefe da delegação do Governo.

Renamo chama Governo de incoerente

Face a este impasse, a Renamo considera que se o Governo tem a consciência de

que de facto não é nos órgãos eleitorais onde se ganham as eleições, tal como diz, "devia aceitar a nossa proposta de haver paridade na composição dos órgãos eleitorais uma vez que tal garantiria que os partidos políticos participassem em pleitos eleitorais em pé de igualdade".

Entretanto, as duas equipas dizem-se dispostas a prolongar o debate até que se alcance um consenso sobre as matérias em discussão./ Redacção

Venda da ENI: Tributação das mais-valias é baseada em negociações pouco claras

Texto: Redacção

A tributação paga pela companhia petrolífera italiana, ENI, a Moçambique na venda de parte da sua participação na bacia do Rovuma à empresa China National Petroleum Corporation pode ter-se baseado apenas em negociações e não numa avaliação imparcial profunda da matéria tributável.

É que o quadro legal para o pagamento das mais-valias, no país, é pouco claro. Esse facto abre espaço para que o imposto sobre as mais-valias pago pela ENI tenha sido calculado com base em negociações não transparentes com o Governo.

Segundo a própria companhia, num comunicado divulgado após o encontro com o Presidente da República, Armando Guebuza, a empresa concordou em pagar 400 milhões de dólares de imposto sobre as mais-valias pela venda de 20% da sua participação na Bacia do Rovuma, área 4. A ENI terá ainda se comprometido a construir uma estação de energia movida a gás de 75 megawatts em Cabo Delgado.

Porém, a tributação de mais-valias sobre a venda de direitos nos sectores mineiro e petrolífero em Moçambique é inconsistente, sendo, por isso, que nenhum imposto tenha sido cobrado em operações anteriores.

O negócio em referência foi anunciado pela ENI em Março deste ano à empresa China National Petroleum Corporation e a mesma estava sujeita à aprovação pelo Governo Moçambicano. No entanto, nesse processo era importante que a ENI determinasse o imposto sobre as mais-valias a ser pago pela venda da sua parte no valor de 4.21 bilhões de dólares de modo a garantir a aprovação da transacção pelo Estado Moçambicano.

No entanto, em 2012, a Assembleia da República (AR) procurou clarificar a legislação para a tributação das mais-valias numa nova Lei de Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Colectivas (IRPC). O Parlamento propôs um imposto directo de 32%, em conformidade com o actual IRPC, sem redução, contra a duração do direito sobre a concessão. A lei foi aprovada pelo Parlamento, mas não foi promulgada pelo Presidente da República.

Em Maio, a AR votou pela revisão da lei e fixou que o futuro dispositivo legal seria efectivo a partir de 1 de Janeiro de 2014. A medida da AR veio depois de o Conselho Constitucional não se ter pronunciado acerca da possível inconstitucionalidade da primeira lei. Assim, a tributação das mais-valias até o presente ano baseia-se nas leis do IRPC e IRPS de 2007.

Esta falta de clareza é lamentável dada a escala de transferências. A ENI já vendeu uma participação de 20% no Rovuma por 4.21 bilhões de dólares americanos e há indicação de que está a perspectivar fazer mais transacções do género. Ao mesmo tempo, 20% da concessão liderada pela Anadarko estão à venda, sendo 10% da Anadarko e outros 10% da empresa indiana Videocon. As fontes indicam que se a oferta indiana for aprovada pelo Governo de Moçambique, será avaliada em mais de cinco bilhões de dólares norte-americanos.

O valor de venda de direitos futuros na Bacia do Rovuma, apenas em 2013, poderá ser de cerca de 10 bilhões de dólares. Isso é mais de metade do Produto Interno Bruto (PIB) de todo o país e terá um impacto sem precedentes na receita do Estado. A tributação sobre a venda de futuros direitos de Gás do Rovuma, em 2013, vale muitas vezes mais do que todos os outros pagamentos por todas as empresas extractivas combinadas na história de Moçambique.

Isto faz com que o processo pelo qual a ENI concordou em pagar 400 milhões de

dólares seja de extrema importância. Primeiro, a ENI procurou evitar o pagamento de todo o imposto, alegando que estava apenas a vender uma parte da ENI East África, subsidiária registada na Itália. No entanto, dado que a concessão da Bacia do Rovuma era o único activo da ENI East África, o Governo de Moçambique rejeitou esta alegação.

No início de Abril, o ministro das Finanças, Manuel Chang, indicou que as negociações com a ENI para o pagamento das mais-valias eram muito difíceis. No entanto, o que está claro é que a tomada de decisão sobre essas transacções acontece à porta fechada, sem nenhuma explicação pública.

Incentivos fiscais “impediram” a construção de 270 escolas em Moçambique

Ainda na senda dos megaprojetos, dados divulgados esta semana pela Action Aid indicam que Moçambique perde anualmente 164 milhões de dólares devido aos incentivos fiscais. Esse valor cobre a construção de 270 escolas, a contratação de 20 mil professores, o apetrechamento de 974 unidades sanitárias e outras centenas seriam erguidas.

Por exemplo, a Mozal arrecadou uma receita líquida de 1.200 milhões de dólares com a venda do alumínio, porém, deste valor apenas 15 milhões é que foram para os cofres do Estado, o equivalente a 1,25 por cento do volume global da produção da mesma firma.

Entretanto, os incentivos fiscais estão a definhar a

economia moçambicana e centenas de projectos com vista a edificar infra-estruturas sociais não avançam por falta de dinheiro. A população é que tem contribuído com o maior bolo para o Orçamento do Estado, com 32 por cento dos impostos sobre o Rendimento de Pessoas Colectivas (IRPC), contra os três por cento que advêm dos megaprojetos.

A Action Aid refere ainda que as taxas fiscais disponibilizadas pelas multinacionais e tornadas públicas pelo Governo não são reais, uma vez que falta credibilidade e clareza nos critérios fiscais impostos aos megaprojetos. O tempo de isenção fiscal concedido é exagerado porque estes exploram todos os recursos antes de começarem a pagar impostos.

Jovens discutem problemas que minam o seu progresso

Texto: Sérgio Fernando

O Terceiro Encontro Nacional da Juventude, que decorreu entre segunda e quinta-feira, proporcionou aos participantes um momento de reflexão sobre os problemas que constituem o seu dia-a-dia. Contudo, trata-se das mesmas questões que já foram abordadas nas reuniões anteriores e que não tiveram o devido encaminhamento.

Para além de os assuntos discutidos já terem “barba branca”, o encontro serviu também para prestar vénias ao Presidente da República e do partido Frelimo, Armando Guebuza. Exemplo disso é o presidente do Conselho Nacional da juventude, Osvaldo Petersburgo, que ignorou por completo os reais problemas da juventude para se limitar a enaltecer os feitos do Chefe de Estado.

Petersburgo destacou a criação do Gabinete da Juventude Parlamentar, aprovação da Lei e Regulamento do Voluntariado, a revisão da Política e Estratégia da Juventude, a disponibilização de talhões para jovens de algumas províncias, os “sete milhões”, a implementação do Projovem e o Fundo de Apoio das Iniciativas Juvenis (FAIJ), a aprovação do Regulamento dos Estágios Pré-profissionalizantes e a criação do serviço cívico como sendo resultados das discussões dos últimos dois encontros.

Por seu turno, o Presidente da República, Armando Guebuza referiu, no seu discurso, que a juventude deve ser capaz de discutir e, por si só, encontrar soluções dos problemas que lhes apoquentam sendo que o apoio de terceiros deve ser complementar.

Falando aos que apelidou de representantes das diferentes sensibilidades políticas e sociais do país, Guebuza renovou o seu apelo à promoção de valores sociais, da unidade nacional, da Paz e da solidariedade entre os povos.

O Chefe de Estado considerou, na ocasião, que o encontro deveria servir de uma plataforma

de aprendizagem e consolidação da consciência para o fortalecimento da auto-estima. Incentivou os jovens a promover o espírito empreendedor e a pró-actividade.

Anseios da juventude foram ignorados

O @Verdade entrevistou alguns jovens do MDM e da Renamo os quais, além de manifestarem o seu desapontamento em relação à repetição dos temas abordados anteriores, denunciaram situações de partidarização do encontro que devia representar os anseios da juventude moçambicana sem a distinção das suas cores partidárias. Os nossos entrevistados afirmaram que houve uma espécie de exclusão dos jovens pertencentes a outras formações políticas.

Estefânia Samuel, de 28 anos de idade, é a única jovem que fez parte da delegação da província de Niassa. Segundo as suas palavras, logo no primeiro dia, registou-se uma total tendência de partidarizar o evento porque as pessoas estavam limitadas a exaltar os feitos do Presidente da Rep

ública, Armando Guebuza em detrimento da abordagem dos problemas que apoquentam a juventude moçambicana.

Samuel Ramónho Cristo, de 24 anos de idade, foi o único jovem do MDM vindo da província de Tete que participou no encontro. Ele afirmou que desde o primeiro dia houve exclusão dos jovens de outros partidos através do desprezo e ridicularização das suas contribuições.



Cristo referiu que o Governo não está preocupado em desenhar políticas claras sobre a questão da habitação, do emprego, do desporto, entre outros aspectos. Isso deve-se à fraca capacidade dos jovens da OJM, facto que abre espaço para os dirigentes elaborarem relatórios falaciosos com indicações de terem cumprido as recomendações da juventude.



Estas ideias foram secundadas por Abiba Aba, de 32 anos de idade, e membro da Renamo que integrou a delegação anfítriã. Ela sustentou que os debates não espelharam os pontos de vista dos jovens

moçambicanos, mas sim o momento constituiu uma maneira de a Frelimo fazer uma espécie de pré-campanha.

Para a nossa interlocutora, se o encontro fosse da juventude, os moderadores e oradores seriam, também, jovens. Mas o que se notou foi que os orientadores são do partido Frelimo, pois todas as oficinas de debates estavam repletas de pessoas do Governo, com destaque para directores provinciais.

A nossa entrevistada considerou, ainda, que no encontro não houve unidade nacional no seio dos participantes. Os jovens dos outros partidos foram tratados como se de estranhos se tratasse, pois a situação de exclusão começou a verificar-se desde o início dos preparativos.

Deficientes não se revêem nas políticas do Governo

Severino Dikson, de 34 anos de idade, da Associação dos Jovens Deficientes de Moçambique (AJODEMO) da província de Niassa, é de opinião de que o Governo priorize na sua agenda os jovens com deficiência. O que se verifica é que as pessoas com deficiência são consideradas carruagens no processo de governação, sendo que não têm o direito de deixar ficar a sua opinião.

“Queremos a representação de jovens deficientes no Conselho de Estado para defender a igualdade de direitos e oportunidades para todos os cidadãos sem distinção da condição física”, anotou.

Mocuba

O eterno desafio de acesso a água

O permanente problema da falta de água potável ensombra as perspectivas de desenvolvimento do município de Mocuba. Apesar desse constrangimento, a segunda principal cidade da província da Zambézia tem a ambição de se tornar uma referência do ponto de vista socioeconómico a nível provincial, e não só. Porém, primeiro, além da escassez do precioso líquido, a autarquia tem de ultrapassar alguns obstáculos, nomeadamente a erosão e o desordenamento territorial.

Texto & Foto: Hélder Xavier

Atravessada pela Estrada Nacional número 1 (EN1), a cidade de Mocuba ainda se debate com o problema de falta de água, situação que aflige grande parte da população daquela circunscrição. A situação perdura há anos e é do conhecimento das autoridades locais. A nível da autarquia, a cifra dos municípios que têm acesso a água potável ronda entre os 18 e 20 porcento, num universo de 168 mil habitantes.

A maioria dos municíipes de Mocuba, sobretudo os que residem na zona suburbana, não dispõe de poços artesianos, razão pela qual recorre ao rio Licungo, que divide o município em duas zonas habitacionais, para obter o precioso líquido para o consumo e não só. Devido à natureza do solo, a autarquia conta apenas com 22 furos de água maioritariamente concentrados no bairro Samora Machel, o mais populoso do município. "Temos de construir mais fontes de água para que as populações deixem de recorrer aos rios, pese embora, às vezes, isso constitua um hábito. Mas, neste momento, não o fazem somente por uma questão de hábito", disse Zena Ismael Pecado, porta-voz do Conselho Municipal da cidade de Mocuba.

A escassez de água é um drama comum vivido por milhares de famílias e, com o andar do tempo, o problema vai assumindo o rosto da normalidade. O cenário a que se assiste todos os dias nas margens do rio Licungo é sintomático da gravidade da situação que se vive naquela urbe. Na margem sul daquele curso de água, encontrámos Cacilda Adamugy, de 38 anos de idade, a lavar roupa enquanto os seus dois filhos, menores de idade, tomavam banho. Residente no bairro Samora Machel, com alguma frequência, ela desloca-se àquele local também para cuidar da loiça e tomar banho.

Há cinco anos o rio era a principal fonte de água para Cacilda. Porém, presentemente, com a ampliação da rede de abastecimento de água no município, passou a frequentar com menos regularidade o Licungo. No presente mandato, a edilidade construiu 10 fontes de água. Em 2010 edificou um açude e, neste momento, estão a decorrer obras de melhoramento da rede num montante avaliado em mais de três milhões de dólares norte-americanos. "Hoje já temos poços espalhados pelo bairro,

Destaque



mas para lavar roupa, pratos e, às vezes, tomar banho tenho recorrido ao rio", afirmou.

Mocuba vive numa crise eterna de água, porém, diga-se em abono da verdade, a falta do precioso líquido não é um problema exclusivo do município, mas também do distrito que conta com uma população estimada em cerca de 300.628 habitantes, onde apenas 0.4 porcento tem acesso a água canalizada no domicílio, três fora dele, seis bebem água do poço, sete têm acesso a um fontanário e os restantes recorrem ao rio.

Rede viária e saneamento

Mocuba é um das poucas autarquias do país em que as autoridades municipais dispõem de um programa eficaz que prioriza a rede de estradas urbanas e suburbanas. Desde o ano de 2009, as autoridades municipais desdobram-se na pavimentação das principais vias de acesso e também das ruas transversais. A nível da zona de cimento, a cidade conta com quase todas as vias melhoradas, porém, nos bairros periféricos a situação ainda é bastante complicada, não obstante terem beneficiado de obras de reabilitação que consistiram, nomeadamente, na abertura de vias de acesso, no alargamento, ensaibramento e na construção de valas terciárias de drenagem.

O problema de lixo na via pública é também uma realidade que preocupa o Conselho Municipal da Cidade de Mocuba. Para mudar a imagem da urbe, durante este mandato a edilidade adquiriu três veículos para a recolha de resíduos sólidos. À semelhança de outras autarquias moçambicanas, Mocuba não tem uma lixeira municipal com os padrões normalmente exigidos. "Dispomos de um local que chamamos de lixeira municipal, mas, na verdade, nós precisamos de construir um aterro sanitário, e isso requer quantias avultadas de dinheiro. Este ano, com os fundos do Programa de Desenvolvimento Autárquico (PDA), vamos fazer um novo arruamento e abrir novas células para a deposição do lixo", garantiu Pecado.

Comércio informal

A agricultura é a actividade dominante a nível do município, e não só, envolvendo quase todos os agregados familiares que constituem aquela autarquia. Mocuba possui enormes potencialidades em recursos naturais, nomeadamente agro-pecuárias, florestais, pesqueiras e mineiras, cujo nível de exploração ainda é baixo, o que a coloca numa situação de menor grau de desenvolvimento socioeconómico.

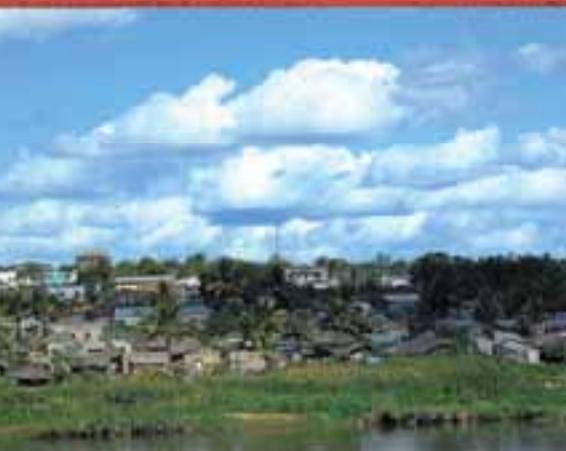
Porém, nos últimos 10 anos, o



ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique



comércio informal tem vindo a ganhar terreno, tornando-se uma alternativa ao desemprego para milhares de municíipes. Os pequenos negócios ao longo dos passeios da cidade e o crescente número de motorizadas que oferecem serviços de táxis na área municipal são dos principais indicadores que revelam o crescimento galopante da informalidade em Mocuba.

Sebastião Mulungo é um exemplo do município que engrossa o sector informal e, há sensivelmente um ano meio, o jovem de 26 anos de idade dedica-se ao serviço de mototáxi. Com a 10ª classe interrompida, ele abraçou a actividade para garantir a sua sobrevivência. Por dia, em média, amealha entre 350 e 500 meticais e, por semana, desembolsa 1200 meticais para o pagamento de aluguer do veículo. "O meu sonho é comprar a minha própria motorizada e tenho vindo a juntar algum dinheiro para isso", disse.

Não é somente do negócio de táxi que sobrevivem os milhares de municíipes. A venda de produtos alimentares, sobretudo na via pública, é outra actividade que sobressai ao longo das artérias e dos principais mercados daquela urbe. Para responder ao crescente número de vendedores informais, as autoridades municipais, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala (IDPPE), melhoraram alguns mercados e feiras, tendo construído um armazém e um banco elevado de água. "Com os vendedores informais, nós temos mantido contactos e alguns mercados hoje estão repletos de bancas construídas em material convencional", afirmou Zena Pecado.

Ordenamento territorial

As construções desordenadas que se vêem um pouco por todos os bairros do município ainda colocam grandes desafios à edilidade de Mocuba. Na verdade, o problema é o reflexo da falta de terra mas, graças ao programa de acesso seguro à terra da Millennium Challenge Account, a situação foi minimizada. "Com esse programa, nós conse-

guimos ter um grande apoio na área de cadastro. Hoje contamos com equipamento de última geração, naquilo que diz respeito à informática, temos até a montagem de um sistema de rede, designado hiperligação, que nos permite, a partir daqui mesmo, emitir DUATs para os municíipes. O município é grande, os anseios são muitos, e se nós não tivéssemos uma equipa integrada e sólida não conseguíramos fazer o que fizemos", disse a porta-voz do Conselho Municipal de Mocuba.

Ao longo do mandato prestes a terminar, a edilidade aprovou diversos documentos com vista ao melhoramento da urbanização, nomeadamente o Plano Estratégico de Desenvolvimento Municipal, a requalificação do jardim municipal, além da revisão do plano de estrutura, o estatuto orgânico dos serviços técnicos e administrativos municipais, bem como o plano de gestão integrado dos resíduos sólidos.

"Nós tivemos, na história do nosso país, uma situação que fez com que tivéssemos um grande êxodo rural e, ao fim do conflito armado, as pessoas não voltaram para os seus lugares de origem", explicou Pescado justificando o crescente número de assentamentos informais.

Grande parte dos bairros da autarquia debate-se com o problema relacionado com as construções desordenadas. As zonas residenciais mais críticas da urbe são CFM e Marmanelo. Além da revisão do plano de estrutura, o Conselho Municipal da Cidade de Mocuba melhorou o plano de requalificação. Neste momento, a edilidade está a fazer o plano de urbanização para melhorar a questão do ordenamento territorial nos bairros de Macovine e Aeroporto I. "Atacámos estes bairros porque não são bairros densamente povoados. Se atacássemos os bairros superpovoados, nós teríamos que, como é hábito no nosso país, recorrer a indemnizações e nós não temos capacidade para fazer isso", disse Zena Pecado, tendo acrescentado que o município já conta com duas zonas em expansão na parte norte da autarquia.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Mocuba

“Conseguimos cumprir integralmente o manifesto eleitoral”

Zena Ismael Pecado, porta-voz e assessora do presidente do Conselho Municipal da cidade de Mocuba, Rogério Gaspar, faz uma avaliação positiva do mandato daquele dirigente, afirmando que “conseguimos cumprir integralmente aquilo que estava no manifesto eleitoral”. Porém, os problemas relacionados com o acesso limitado à água potável e a erosão dos solos continuam a ser o calcanhar de Aquiles da edilidade.

Texto & Foto: Hélder Xavier



@Verdade – Volvidos sensivelmente cinco anos, qual é a avaliação que faz da governação de Rogério Gaspar?

Zena Pecado (ZP) – O mandato é feito com base nas promessas feitas durante a campanha pelo candidato na altura e, ao tomarmos posse, a primeira coisa que nós fizemos foi transformar o manifesto eleitoral em programa quinquenal. Dividimos esse programa em diversas áreas e também vimo-nos obrigados a atacar outras que não são da nossa competência, como é o caso dos sectores da Educação e Saúde. No decorrer da campanha, o presidente Rogério Gaspar tinha prometido para área da Educação a construção de cinco escolas e nós fomos para além desse número, construímos oito. Na altura, o edil também havia prometido introduzir a Faculdade Agronómica e Florestal e teve que manter contacto com o bispo da Igreja Católica para a cedência da então Escola Primária de Macanele. Tínhamos prometido que iríamos participar activamente na construção de raiz da Escola Secundária Samora Machel, e cumprimos. Também ampliamos a Escola Básica Agrária para acolher o Instituto Agrário. Nesta área, como réplica da iniciativa presidencial, nós fomos plantando árvores na iniciativa “Um aluno, uma árvore”.

@V – Apesar de não ser da competência das autoridades municipais, que acções foram realizadas no sector da Saúde?

ZP – Construímos, pela primeira vez no município, uma morgue, uma maternidade e posto de saúde no bairro Samora Machel. Conseguimos construir um centro de saúde no bairro Mualapa. Prometemos adquirir duas carrinhas de cinco toneladas, adquirimos três e uma viatura fúnebra. Tínhamos uma viatura que não estava em boas condições, e neste momento está a circular. Além disso, nós construímos um centro de saúde no bairro 16 de Junho, que não era promessa de campanha. Recentemente, concluímos a construção de um centro de saúde no bairro Samora Machel. Não era promessa, mas nós conseguimos um convénio com o Instituto do Coração. Duas vezes por ano, vêm a Mocuba especialistas para assistir crianças e idosos vulneráveis. Geralmente, para as crianças, nós custeamos, quando necessário, a sua deslocação para a cidade de Maputo com um acompanhante. Neste momento, nós conseguimos enviar para a capital do país 20 crianças, algumas foram operadas e outras beneficiaram de tratamento e, sempre que necessitam de ir fazer controlo, o Concelho Municipal custeia as despesas de deslocação.

@V – O que é que foi feito para melhorar o saneamento do meio e as estradas a nível do município?

ZP – Neste momento, estamos para adquirir uma pá escavadora que é para ajudar na remoção dos resíduos sólidos e estamos a aprovar um documento muito importante que é o Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. A área de estradas é uma área que podemos afirmar que é um calcanhar de Aquiles porque a cidade de Mocuba é muito propensa à erosão, devido à sua inclinação para os rios Licungo e Lugela. Basta uma pequena chuva para todos os solos se deslocarem, e a solução passa por asfaltar ou pavimentar as estradas com bloco de betão e construir valas de drenagem. Mas, presentemente, nós não estamos em condições de construir valas de drenagem

com os padrões exigidos. Mas nós construímos valas de drenagem que ajudam a escoar as águas pluviais. Atacámos com asfalto, que era uma promessa, as avenidas Samora Machel e Josina Machel. A Joaquim Chissano não era promessa de campanha mas, porque conseguimos negociar e arranjar fundos, nós atacámos a avenida. Fizemos quase três quilómetros de pavimentação nas ruas Patrice Lumumba, Robert Mugabe, Francisco Manyanga e Emilia Daússe.

@V – Que acções a edilidade tem levado a cabo para travar a erosão, sendo Mocuba uma cidade propensa a esse fenómeno?

ZP – Construímos muros de contenção, porém, as chuvas danificaram. Neste ano, fortificámos a construção de mais uma parte do muro de pavé, nas esquinas da avenida Ahmed Sekou Touré e a rua Bonifácio Gruveta. Fizemos uma ponte em Marmanelo, embora tenha sido destruída pelas cheias de 2012, e atacámos também mais de sete quilómetros de estrada com recurso ao saibramento e valas de drenagem com revestimento de bloco cru. Uma coisa que também não estava nos nossos planos, e porque nós tivemos a oportunidade de negociar e conseguimos, foi o equipamento de construção civil. Este equipamento foi conseguido mercê do nosso desempenho no ano 2009, através de um financiador, que é o Programa de Desenvolvimento Autárquico (PDA), na altura denominado P-13. Havia aquilo que chamavam de fundos competitivos, e o município que conseguisse alcançar o nível de 100 por cento de execução do plano recebia um prémio no valor do financiamento disponibilizado. Com este prémio adicional, conseguimos comprar um camião basculante de 15 toneladas, uma motoniveladora, uma retroescavadora e um tanque de água com capacidade para oito mil litros.

@V – E o que se pode dizer quanto à energia eléctrica e ao abastecimento de água?

ZP – No que se refere à energia, nós fomos coordenando com a Electricidade de Moçambique (EDM). Foi expandida a rede para os 20 bairros, foram colocados candeeiros nas vias para iluminação pública nos diversos lugares. No que toca ao abastecimento de água, nós, no mandato anterior, havíamos solicitado uma consultoria e um estudo geofísico dos solos em Mocuba e ficou provado que esta parte alta da cidade, à margem direita do rio Licungo, não tem condições para a abertura de fontes de água. A nossa atenção virou-se para a margem esquerda que são os bairros atravessados pela avenida Samora Machel. Construímos, só neste mandato, 10 fontes de água. Em 2010 edificámos um açude, visto que o rio Lugela tinha sido destruído e, neste momento, estão a decorrer obras de melhoramento e ampliação da rede e de abastecimento de água, num montante avaliado em mais de três milhões de dólares norte-americanos. Refira-se, também, que construímos fontenários no bairro de Marmanelo, que é para minimizar a carência de água neste local.

@V – Qual é a actual situação de arrecadação de impostos a nível da autarquia de Mocuba?

ZP – A recolha de impostos é satisfatória, pese embora nós pudéssemos melhorar mais. Mocuba, por ser um corredor onde todos os caminhos se cruzam e Moçambique se abraça, é uma zona economicamente forte, principalmente na área comercial. Nós contamos com muitos vendedores informais partindo até das próprias pessoas que praticam a agricultura. Dos seus produtos do campo, eles tiram para a sua alimentação e o excedente, por pouco que seja, conseguem vender. Isto faz com que, directa ou indirectamente, se aumentem as nossas taxas. Nós estamos neste momento com um orçamento de cerca de 61 milhões de meticais e cerca de 15 a 16 milhões são provenientes de receitas próprias, desde os mercados, legalização de talhões, pedido de licença até ao imposto de veículos. A economia do município baseia-se nisso, se as pessoas têm possibilidade de comprar uma motorizada ou um carro é porque economicamente estão, não digo bem, mas a partir desse meio de transporte que têm levam algum valor ao município para pagar algumas obrigações, como é o caso do imposto de veículos. Os municípios pagam também o Imposto Pessoal Autárquico (IPA). A economia do município está a subir e estamos gradualmente a ver que as nossas receitas próprias estão a subir. Nós hoje conseguimos arrecadar um valor superior ao que recebemos do Estado para a área de investimentos em torno desta autarquia.

@V – Como é que as autoridades municipais olham para o comércio informal?

ZP – É certo que, em algum momento, os municíipes tendem a vender os seus produtos em locais impróprios, mas nós temos a Polícia Municipal e os fiscais a fazerem o trabalho de sensibilização. Isso não é fácil, pois é uma situação que não se verifica apenas em Moçambique, em qualquer país africano, europeu ou da América, nós encontramos essa realidade. Em todo o mundo, nós encontramos os vendedores informais espalhados por todo o sítio. Nós queremos diminuir esse fenômeno, criando espaços adequados para a prática do comércio. A nossa aposta é licenciar a todos, mas isso não é fácil e temos recorrido à Polícia Municipal. Quando esta faz o patrulhamento na via pública e encontra vendedores não licenciados, aplica uma multa. Isso é, na verdade, uma medida para obrigar a que as pessoas procurem obter uma licença para o exercício da sua actividade.

@V – Nos últimos dias, assistiu-se a um enorme crescimento do número de mototáxis como alternativa à falta de transporte municipal. Essa situação não preocupa a edilidade?

ZP – Esta é uma situação que ainda estamos analisar. Embora não tenha decrescido o número de mototaxistas, nós também já contamos com aquilo que noutras cidades chamam de chapa 100, ou seja, o transporte semicolectivo de operadores privados que estão a transportar pessoas do norte para o sul da autarquia. Isto já é bom, nós licenciamos as pessoas porque a vida hoje em dia é um desafio para todos nós, não podemos dizer que já que temos motas, não queremos chapa 100. Os taxistas de mota continuam a exercer normalmente a sua actividade.

@V – O que se pode esperar da cidade de Mocuba nos próximos anos?

ZP – Nós esperamos um progresso cada vez maior e temos que estar à altura dos desafios que aí vêm. Sendo um corredor, nós temos que estar atentos a toda a situação para conseguirmos a demanda do que significa ser um corredor. As pessoas que saem do Norte para o Sul do país, e vice-versa, têm de passar por Mocuba. Sendo assim, nós temos que estar preparados, pois o desenvolvimento vai exigindo de nós cada vez mais maior intervenção, dinamismo, flexibilidade, eficiência e eficácia; creio que nós estamos preparados para esse desafio.

@V – Tendo em conta as realizações, que nota daria à governação do edil Rogério Gaspar?

ZP – Diz-se que mesmo na sala de aulas que não se deve dar nota 20 ao aluno, então nós não podemos afirmar que cumprimos em 100 por cento, mas conseguimos cumprir integralmente aquilo que estava no manifesto eleitoral.

“Éramos das capitais províncias com os índices mais baixos de abastecimento de água”

O edil de Chimoio, Raul Conde Adriano, afirma que a cidade sob sua liderança deixou o último lugar do “ranking” no que diz respeito ao abastecimento de água. Um desafio que, no seu entender, foi vencido com a abertura de dez furos de água anuais e com novas ligações domiciliárias. A aquisição de contentores, garante, visa resgatar a imagem que sempre pertenceu ao município: o de mais limpo do país. Quanto ao legado do X Festival Nacional de Cultura, realizado na autarquia em 2010, Conde acredita que não ficou muito em termos substanciais.

Texto & Foto: Rui Lamarques



(@Verdade) – Que balanço faz destes quase cinco anos de governação?

(Raul Conde Adriano) – Da análise que nós fazemos e de acordo com aquilo que foi o plano estabelecido para estes cinco anos não temos dúvidas de que o balanço é positivo. É positivo porque o grosso das acções que deviam ser desenvolvidas neste período foram cumpridas. Há, contudo, actividades de carácter permanente e que estão a ser implementadas normalmente. Há aquelas que se referem à construção de pontes, asfaltagem e abertura de vias de acesso e à projecção de novos bairros de expansão que estão a acontecer. Por isso é que dizemos que o balanço é positivo. Há acções em curso e que fazem com que ainda não tenhamos atingido os 100 porcento. No último balanço que fizemos falámos de 92 porcento de cumprimento.

(@V) – O que falta para falar de 100 porcento de execução?

(RCA) – A conclusão de uma escola num bairro que dista 10 quilómetros do centro da cidade de Chimoio, como também a ampliação da casa mortuária. Trata-se de uma das preocupações colocadas pela população pelo facto de a mesma ser extremamente pequena.

(@V) – Qual é a capacidade actual da casa mortuária?

(RCA) – Em relação à morgue a actual capacidade é de 24 corpos. Porém, em Dezembro, adquirimos uma nova câmara frigorífica com capacidade para seis corpos. Neste momento estamos a projectar a construção de uma pequena capela e de um compartimento para a lavagem dos corpos. Vamos asfaltar a avenida 25 de Setembro até a cadeia provincial Cabeça de Velho. Esperamos que até ao final do ano esteja asfaltado, pelo menos, 1.5 quilómetro. No que diz respeito ao abastecimento de água, éramos das capitais provinciais com o índice mais baixo em termos de água canalizada. Mas agora a situação tende a melhorar, uma vez que dos 238 mil habitantes mais de metade (cerca de 65 porcento) já tem água canalizada. A par disso, nós como Conselho Municipal abrimos 10 furos de água por ano. Até o momento abrimos 40 furos respeitante aos últimos quatro anos. Os locais para abrir os últimos 10 furos deste mandato já estão identificados. Quanto à energia foram feitas entre 18 e 20 mil ligações de Credelec. Porém, na área de fornecimento de energia, ainda temos alguns problemas, sobretudo no que diz respeito à iluminação pública. Em Março deste ano tivemos um encontro com a Electricidade de Moçambique (EDM) para definir as prioridades para este ano. Portanto, a edilidade e a EDM farão esforços para alargar a iluminação pública e em alguns bairros, ao nível da cidade, que não têm corrente eléctrica.

Os desafios a que nos propusemos foram esses: vias de acesso, energia e água. Há, entretanto, outras questões que foram abordadas, tais como o apoio às crianças órfãs e vulneráveis que receberam material e uniforme escolar, através dos diferentes centros abertos.

Tivemos de reforçar a capacidade institucional com a aquisição de vários meios para melhor a nossa actividade laboral. Em 2012 adquirimos cerca de cinco viaturas,

incluindo um camião basculante. Em 2011 comprámos um camião porta-contentores para transportar resíduos sólidos na urbe. Outro desafio presente é aumentar o número de contentores. Nós começámos com sete e agora temos 29. Vamos receber brevemente mais 25 para colocar nos bairros mais distantes do centro da urbe. Chimoio foi, no passado, considerada uma das cidades mais limpas do país e nós estamos a enviar esforços para recuperar essa imagem. Nesse contexto, vamos adquirir ainda este ano mais um camião porta-contentores. De uma forma geral, esses são os grandes desafios que temos.

No que diz respeito aos recursos, depois de uma reforma do estatuto orgânico

do conselho municipal, contratámos 140 funcionários para os diferentes sectores. Optámos por financiar através de bolsas de estudo locais cerca de dez funcionários. Em 2009 quando tomámos posse só existia um funcionário licenciado. Neste momento temos 10 com grau de licenciatura e outros que frequentam o ensino superior.

(@V) – Falando em saneamento do meio, como é que a cidade de Chimoio gere os seus resíduos sólidos?

(RCA) – Chimoio produz, no mínimo, 90 toneladas de lixo. O município está a trabalhar com o apoio de uma organização holandesa na área de saneamento. Portanto, este apoio está a resultar numa melhoria da gestão dos resíduos sólidos.

Presentemente contamos com uma lixeira mal localizada, próxima das oficinas da HCB. Porém, estamos a trabalhar com a Direcção Nacional do Ambiente (DNA) e com a UNIZAMBEZE na melhoria de todo o sistema de tratamento de resíduos sólidos. Neste momento a nossa lixeira funciona a céu aberto e a nossa ideia é mudar para um aterro sanitário que não seja um risco para a saúde dos municípios.

(@V) – Devido à proximidade do município da vila de Gondola já equacionaram a possibilidade de construir uma lixeira para servir as duas autarquias?

(RCA) – Do trabalho que está a ocorrer resultará um aterro intermunicipal. Ou seja, servirá Gondola e Chimoio.

(@V) – No tocante à gestão de resíduos sólidos o que significa a participação dos municípios?

(RCA) – Os municípios que têm corrente eléctrica sofrem um desconto de 10 meticais mensais. Esse valor é irrisório. Se a nossa pá carregadora, por exemplo, avaria temos de alugar. E a quantia para o efeito é muita grande. Os 10 meticais são, na verdade, uma gota no oceano.

(@V) – Como é que está a questão dos transportes urbanos?

(RCA) – Temos dois autocarros concedidos pelo Governo ao nível central. Neste momento estamos a tramitar um expediente com vista à criação da empresa municipal de transportes. O trabalho no momento decorre a título experimental. A ideia é que a empresa seja auto-sustentável. Agora a edilidade é responsável pelo combustível e pelos salários do pessoal.

(@V) – Qual é o estado de saúde financeiro do município?

(RCA) – O estado é bom. É verdade que nós ainda não conseguimos realizar todas as despesas inerentes à actividade municipal sem contar com o fundo de compensação autárquica. Mas é bom no sentido em que pagamos salários aos nossos trabalhadores e membros da assembleia sem nenhuma dificuldade. Fazemos algum investimento. Por exemplo, esses arruamentos são feitos com fundos próprios. Algumas aquisições também são feitas com a mesma base e dia após dia temos estado a melhorar. Nós começámos com um orçamento anual de cerca de 87 milhões de meticais e actualmente a nossa receita é de 150 milhões de meticais. Contudo, a saúde será excelente quando não sentirmos nenhuma dificuldade se o Estado deixar de nos dar o fundo de compensação autárquica.

(@V) – O que pesa mais: as receitas próprias ou o fundo de compensação

autárquica?

(RCA) – O fundo de compensação autárquica, sem nenhuma dúvida. Temos de ser realistas e eu penso que isso é uma situação geral. Nós temos do Estado cerca de 19 milhões de meticais para investimentos. O fundo de compensação autárquica para 2013 está fixado em cerca de 45 milhões. O montante para a redução da pobreza urbana é de 11 milhões de meticais. Portanto, fora esses valores, tudo resulta de receitas próprias. A ajuda do Estado é o bolo maior.

(@V) – Não é, agora, responsabilidade da edilidade, mas que papel a autarquia desempenha na Saúde e na Educação? E que em pé está a implementação do decreto sobre a transferência de competências?

(RCA) – Estamos na fase das informações. Ou seja, essas entidades devem prestar informações ao município para que possamos analisar que passos podem ser dados. Contudo, ao nível do comércio e do transporte, há algum trabalho que já vem sendo feito por nós, como o licenciamento de actividades e a definição de rotas. Em relação à Educação e Saúde ainda não desenvolvemos grandes coisas pelo facto de ainda não constituir nossa responsabilidade. Portanto, estamos à espera de informações. O que definimos é que vamos começar com três escolas primárias e igual número de centros de saúde. A transferência do que sobra será feito paulatinamente.

(@V) – Qual é o legado do Festival Nacional de Cultura que teve lugar em Chimoio em 2010?

(RCA) – Foi um grande desafio e serviu para ganhar experiência. Penso que ficaram coisas boas do ponto de vista de transmissão de experiência de outras delegações. Em relação aos locais de hospedagem e onde os jogos decorreram houve alguma reabilitação e isso foi benéfico, mas não ficou muito em termos substanciais. Mas foi importante porque ajudou os nossos operadores turísticos em termos de receitas e na reabilitação de alguns campos.

(@V) – Que trabalho a edilidade desempenha na vertente desportiva e cultural?

(RCA) – Anualmente realizamos um festival cultural municipal que envolve todos os bairros e escolas. Geralmente o final decorre em Outubro. Os grupos culturais que existem ao nível dos bairros são patrocinados, em termos de material, pela autarquia de Chimoio. Ao nível do desporto temos um campeonato que se chama “Chimoio Bola” a decorrer. Estas são as principais actividades que desenvolvemos. Contudo, prestamos vários apoios às associações de desporto e cultura. Aliás, o principal apoio reside no espaço onde trabalham, que é propriedade do município.

Chimoio

Uma cidade: duas realidades

Chimoio é uma cidade que desandou, nos últimos anos, o caminho que trilhou até ser considerado o espaço urbano mais limpo do país. A edilidade pretende resgatar essa imagem. Um desafio que, em cinco anos, foi vencido no centro da urbe. Para completar o serviço, falta mudar o rosto da periferia. Nem sequer a colocação de contentores nos bairros do Chimoio profundo, com data marcada, representam o fim da imundície na labiríntica cidade que se esconde por detrás das cortinas de betão armado...

Texto & Foto: Rui Lamarques

Chimoio apresenta-se com o rosto lavado, mas o que importa, para resgatar a imagem de cidade mais limpa do país, é a higiene do resto do corpo. Um passeio pelo centro da urbe revela uma cidade limpa. Porém, basta entrar nos grandes mercados e na periferia para compreender o óbvio: caminhar nesses lugares representa uma espécie de aventura que nos leva a esquivar de excrementos de cães, a fugir das moscas e a tapar o nariz. Existem duas cidades...

Chimoio é capital da província de Manica e situa-se sobre o Corredor da Beira, a cerca de 200 quilómetros da Beira e a 100 do Zimbabwe. Tem os seguintes limites geográficos: o rio Nhamahocha, Tewé, até ao marco três do foral, o monte Chizombero, IAC e o círculo Matole, ao norte; os riachos Toa e Munetse, os círculos Chiongo e Ndenguene, e a localidade de Zembe centro, ao sul; o rio Nhamahocha e os círculos de Noia e Chiongo, a este; e a confluência dos rios Nhamathui e Chiongo, a oeste. Com uma área de 174 quilómetros quadrados, a cidade de Chimoio foi construída num planalto de cerca de 706 metros, localizado sobre a cimeira de duas bacias hidrográficas no eixo Beira-Mutare.

A sua estrutura geográfica é formada por rochas metamórficas primárias do paleozóico e precâmbrio, e solos ferialíticos vermelhos acastanhados. A sua economia é dependente das indústrias transformadoras dos produtos agrícolas como tabaco, citrinos, cereais, aves, etc. O processo de expansão urbana da cidade verifica-se actualmente ao longo do Corredor da Beira (EN6), que concentra infra-estruturas viárias importantes para o desenvolvimento regional como as vias rodoviárias, oleodutos e parte da linha de alta tensão da Hidroelétrica de Cahora Bassa.

Como em quase todas as capitais provinciais, o dinheiro resultante das taxas de lixo é insuficiente para garantir uma estratégia de saneamento do meio eficaz. Nem sequer a aquisição de 35 contentores para colocar na periferia auguram um futuro promissor para o quadro estético de Chimoio.

Nos últimos quatro foram feitas 20 mil novas ligações à

Destaque

MOCAMBIQUE
AUTARQUICAS 13



rede eléctrica de energia, o que significa um encaixe mensal de cerca de 200 mil meticais para cuidar da gestão do lixo urbano numa cidade com 174 quilómetros quadrados e uma população estimada, em 2007, em 238 mil habitantes. A estimativa feita em 2012 fala de 280 mil habitantes. O resultado é que os serviços de limpeza municipal ainda não são capazes de deixar a periferia com o mesmo rosto que o centro da urbe.

A edilidade tem consciência disso e sabe o que supõe a dimensão da autarquia e a natureza informal que caracterizou, durante a guerra civil, a expansão das nossas cidades. "É complicado deixar os bairros limpos por causa dos problemas de acesso, sobretudo quando chove", afirma um funcionário municipal. José explica: "não conseguimos deixar todo o município limpo, o que fazemos é recolher o lixo todos os dias em alguns bairros acessíveis e nos outros três dias por semana". Por outro lado, as principais vias no centro da urbe são objecto de limpeza todos os dias. "Duas vezes por dia", assegura uma varredora de rua.

Com as chuvas, o cenário dos bairros piora. E a toda essa mescla de cheiros putridos somam-se as pragas como a malária e a cólera. A poucos metros do mercado da linha férrea, como é conhecido o mercado municipal de venda de roupas e calçado em segunda mão, a combinação de chuva e sujidade revela os seus efeitos mais incômodos. Sentada numa banca, Márcia Palma Pinto parece impaciente. Tenta, sem êxito, afastar com um pano os insectos que insistem em circundá-la. "Há sujidade em todo o mercado e nós pagamos uma taxa diária", queixa-se irritada. Ao seu lado está sentada a sua amiga Anastácia que reclama do mesmo, mas também culpa os vendedores pela imundície. "Eu pago

todos os dias cinco meticais para continuar a vender aqui, mas a situação de limpeza deixa muito a desejar. Mas também do que vale limpar se os próprios vendedores são os primeiros a sujar o mercado?".

É, portanto, difícil saber quando é que Chimoio começou a descuidar-se. O certo é que a cidade não amanheceu suja de um dia para o outro, nem foi fruto de uma sabotagem colectiva que a fez levantar-se com o rosto irreconhecível. As coisas ficaram feias pouco a pouco, com a letargia das autoridades municipais e o descaso dos municíipes. O que é evidente é que os responsáveis pela autarquia não podem limpar em cinco anos o que levou uma vida a sujar. Neste contexto, é preciso reconhecer o esforço e dizer que a cidade de 2013 é bem mais limpa do que aquela que @Verdade encontrou em 2010 aquando do X Festival Nacional de Cultura.

Na verdade, os resíduos sólidos são recolhidos diariamente apenas nos bairros 1, 2 e 3. No que diz respeito aos restantes, os trabalhos de limpeza circunscrevem-se à recolha de entulhos dispersos, e pouco mais.

O cenário de retoma já se verifica nos bairros logo ao redor do centro da urbe. Mais para a periferia "o retrato é desolador", conta Eugénio Gimo, funcionário municipal ligado ao saneamento do meio. Os bairros Cumbe, Stanha, Chianga e Tambara

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique



ficam uma lástima quando há precipitação. "Éramos a cidade mais limpa de Moçambique e perdemos esse estatuto", lamenta Raul Conde Adriano. O edil recorda que, apesar da contribuição residual dos municíipes, o município pretende colocar contentores nos bairros.

Emprego

Dados indicam que nos últimos dois anos foram criados cerca de 2.000 postos de trabalho em Chimoio. As autoridades municipais asseguram que tais postos surgem como consequência do Programa Estratégico de Redução da Pobreza Urbana (PERPU). Efectivamente, o fundo beneficiou 1.274 projectos e gerou 2.250 empregos. Contudo, o nível de desemprego na urbe é muito grande e a participação do PERPU para emagrecer as estatísticas é residual.

Abastecimento de água

Outro serviço oferecido de maneira desigual durante grande parte dos 44 anos da vida da autarquia de Chimoio é a distribuição de água. Nem é preciso dizer que no que diz respeito aos índices nacionais a cidade estava na cauda da tabela. A expansão dos serviços do Fundo de Investimento e Património Água (FIPAG) relegaram para o passado essa página negra para os municíipes daquela urbe. A edilidade colocou como prioridade, para estes cinco anos, a abertura de 10 furos de água por ano. Até ao presente existem 40 furos espalhados pelos 33 bairros da urbe.



O rápido crescimento da urbe coloca um grande desafio: a distribuição de água e energia deve acompanhar essa expansão da mancha urbana. Mas não é o que acontece. Os bairros Combue, Stanha e Chiang ainda não dispõem de corrente eléctrica.

Efectivamente, o Chimoio profundo é uma cidade de becos mais labirínticos que se pode imaginar, de uma geografia cujo conhecimento só é completamente dominado pelos próprios residentes e pelos amigos do alheio, incluindo a Polícia de Intervenção Rápida, que faz tanto estrago como os malfeiteiros da noite suburbana. Ainda que o desenvolvimento se circunscreva ao centro da urbe, a cidade mudou para melhor, expandiu-se para além do que poderia ser previsto e controlado e, por detrás desses amuralhados de casas de bloco cru cobertas com capim ou chapas de zinco, encontram-se vivendas e moradias confortáveis.



Contexto histórico

A criação da Circunscrição de Chimoio data de 1893 por ordem da Companhia de Moçambique (Ordem 90/1893), com sede na Vila Barreto, actual Posto Administrativo de Matsinho. Entre 1898-1942 esteve integrada nos territórios da Companhia de Moçambique.

A continuação da linha férrea para Manica, associada à carência de água, teriam sido os factores que determinaram a transferência da capital de Vila Barreto para Chimale. Em 17 de Julho de 1916 a povoação de Mandingos passou a denominar-se Vila Pery, por ordem do administrador da Companhia de Moçambique (Ordem 3683/1916, de 15 de Julho), desejoso de satisfazer o interesse manifestado colonos portugueses que queriam ver homenageado o governador João Pery de Lind, pioneiro do desenvolvimento agrícola da cidade de Chimoio.

O foral foi aprovado pela portaria 11582, de 4 de Maio de 1956, e a vila foi elevada à categoria de cidade em 17 de Julho de 1969 (Portaria no 22258/69). Em 1978 a Câmara Municipal foi transformada em Conselho Executivo ao abrigo da Lei no 7/78, de 22 de Abril. A resolução no 8/56 de 25 de Junho categoriza-a com o nível C. Em 1994 criou-se na cidade o Distrito Municipal ao abrigo da Lei nº 3/94, de 13 de Setembro, revogada pela nº 2/97, de 18 de Fevereiro, que determina a criação do Conselho Municipal.

Município de Chimoio em números

Vereações 12
Habitantes 238. 000
Bairros com energia 30
População com acesso a água 70 porcento
Vias de acesso terraplanadas 95.000 quilómetros



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

• SMS: 90440

• WhatsApp: 84 399 8634

Crise no Egito: como a euforia se transformou em tragédia

A euforia que se seguiu à queda do ex-Presidente Hosni Mubarak em 2011 parece cada vez mais distante no Egito. À primeira vista, o país considerou a saída do líder, após mais de três décadas no poder, como um recomeço. Esperava-se que, a partir daquele momento, a vida da maior parte da população melhoraria. Mas as expectativas foram esmagadas por uma combinação de fracasso político, interesses arraigados e crise económica.

Texto: BBC/Agências

A revolução de 2011, que deu início à chamada Primavera Árabe, como ficou conhecida a onda de levantamentos populares nos países da região, havia sido motivada por uma profunda insatisfação de uma geração de jovens com o *status quo*.

À época das manifestações, cerca de 60% da população do mundo árabe tinha menos de 30 anos. Os jovens perceberam que não tinham espaço na velha ordem. O sonho de um emprego decente, capaz de garantir a sua independência financeira, tampouco seria possível dentro daquele cenário.

O choque de realidade coincidiu com o crescimento exponencial dos novos meios de comunicação. Diferentemente do passado, os países já não poderiam ser desconectados do resto do mundo pelos seus líderes. Naquele momento, os egípcios tinham acesso à TV a cabo e à Internet, o que lhes permitiu constatar que outros cidadãos do mundo árabe passavam por problemas similares.

Mas a energia dos revolucionários de 2011 foi minada pelo poder e pela organização das forças estabelecidas no Egito, especialmente a dos militares, remanescentes da velha elite, e da Irmandade Muçulmana.

Na eleição presidencial realizada no ano passado, a disputa final opôs Mohammed Morsi, da Irmandade Muçulmana, a um ex-general da Força Aérea do país, que havia sido o último Primeiro-Ministro do governo Mubarak. Nesse contexto, a vitória de Morsi acabou por representar o nirvana dos rebeldes, que de forma desorganizada ocupavam a Praça Tahrir, no centro do Cairo.

Promessas não cumpridas

Quando foi eleito Presidente, Morsi prometeu governar para todos os egípcios. Mas a promessa não foi cumprida. A Irmandade Muçulmana passou 80 anos almejando chegar ao poder no Egito. Quando o momento finalmente chegou, Morsi estava determinado a aproveitar a oportunidade para reformar o Egito à sua imagem e semelhança.

O erro de Morsi, o rosto do partido, foi ter-se comportado como se tivesse um amplo apoio popular para transformar o país num Estado muito mais islâmico. Ainda que muitos egípcios professem o islamismo, isso não significa automaticamente que compartilham a visão austera da Irmandade Muçulmana para o futuro do país.

Para piorar a situação, o governo de Morsi era criticado por falta de competência. O Presidente não conseguia manter as suas promessas sobre como recuperaria a desastrada economia do país. Até o final de Junho deste ano, o descontentamento deu origem a uma nova onda de protestos populares, que, por sua vez, se transformaram, aos olhos dos militares, numa oportunidade para remover Morsi do poder.

A insatisfação ganhou um amplo acolhimento da população, excepto dos correligionários da Irmandade Muçulmana. Mesmo os liberais democratas respeitados internacionalmente, como o vencedor do Prémio Nobel da Paz Mohamed El Baradei, enalteceram e apoiaram as manifestações. No início de Julho, em entrevista à BBC, El Ba-



raide afirmou que o Exército não havia realizado um golpe de Estado. Em vez disso, o acto, amparado pela demanda popular, daria ao povo egípcio a oportunidade de "reiniciar a sua democracia", segundo o renomado político egípcio.

Diferentes pontos de vista

A previsão de El Baradei, no entanto, não se concretizou. Até agora, o governo militar parece mais uma tentativa de reviver o Estado de segurança que marcou os últimos 30 anos do Egito. De novo, o país está a ser governado em estado de emergência que dá ao Estado poderes draconianos. No meio da onda de violência, El Baradei renunciou ao cargo de vice-presidente do governo militar instalado. Centenas de egípcios estão mortos.

A Irmandade Muçulmana e os militares – e os seus respectivos simpatizantes –creditam que o futuro da próxima geração do Egito está em jogo, e ambos estão certos. Mas as suas visões do futuro são muito diferentes. O melhor caminho a seguir seria que os dois lados chegassem a um consenso em torno de uma negociação e, em última instância, à paz. Mas isso não está a acontecer. A discussão está a ser travada nas ruas. E isso é uma tragédia.

Mortos entre manifestantes e polícias

Pelo menos 630 pessoas morreram no Egito desde quarta-feira passada, até ao fecho desta edição, quando as forças de segurança atacaram dois sítios na capital, onde os apoiantes do ex-Presidente Mohamed Morsi estavam instalados durante semanas.

A Irmandade Muçulmana, que organizou estas manifestações, apelou para uma "marcha da raiva" no Cairo sexta-feira passada, ignorando o estado de emergência imposto nas vésperas ao que se seguiram confrontos entre manifestantes e forças de segurança, fazendo 173 mortos.

Esta segunda-feira 19, 24 polícias, que viajavam num autocarro, foram mortos por

homens armados não identificados, na Península do Sinai, e dois outros ficaram feridos neste ataque ocorrido perto da cidade de Rafah.

O ministro do Interior revelou segunda-feira à noite que pelo menos 35 manifestantes morreram em circunstâncias controversas, quando estavam a ser conduzidos para uma prisão fora da cidade de Cairo.

Estes manifestantes faziam parte de cerca de mil detidos sexta-feira 16, durante a "Marcha da Ira", organizada pela Irmandade Muçulmana, que considera que estes falecimentos mostram uma outra forma de assassinato a sangue-frio instaurada pelo Governo apoiado pelo Exército.

Contudo, a versão oficial defende que os prisioneiros ficaram asfixiados com os gases lacrimogéneos lançados pelas forças da ordem para intimidar os prisioneiros que fizeram refém um polícia e tentaram pôr-se em fuga.

Outras informações revelam que o autocarro que transportava os polícias parou depois de o polícia ser feito refém, quando desconhecidos armados aproveitaram para atacar o cortejo que transportava cerca de 600 manifestantes em direcção à prisão.

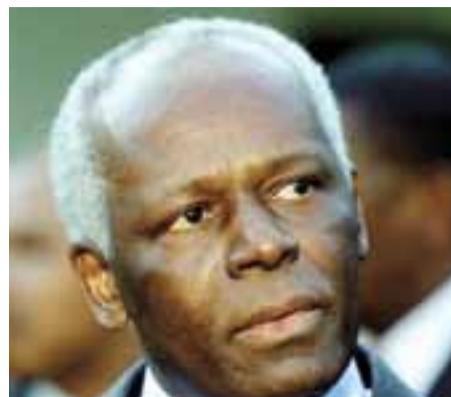
As Nações Unidas, a União Europeia, os Estados Unidos e vários países condenaram o uso da força pelas autoridades egípcias que dizem lutar contra terroristas.

O chefe do Exército, Abdel Fattah el-Sisi, que anunciou a destituição de Morsi, afirmou domingo que o Governo interino já não iria tolerar novos ataques, acrescentando que o Egito continuava firme e não vai ceder à violência.

Um responsável do Governo interino revelou que se estava a estudar um quadro legal para dissolver o Partido "Justiça e Liberdade" da Irmandade Muçulmana que apoiou a candidatura de Mohamed Morsi às presidenciais.

Os militares destituíram Morsi a 03 de Julho depois de vários dias de manifestações na Praça Tahrir, no Cairo, de dezenas de milhares de pessoas que o acusavam de promover a agenda religiosa da Irmandade Muçulmana em vez de desenvolver o país.

É o Presidente de Angola que faz da sua filha uma milionária, acusa a Forbes



Em Janeiro, a revista Forbes considerou Isabel dos Santos, a filha mais velha do Presidente angolano José Eduardo dos Santos, a mulher mais rica de África. Agora, publicou uma investigação em que clarifica a origem da sua fortuna: vem do facto de se apoderar de uma parte de empresas que querem estabelecer-se em Angola ou da providencial assinatura do pai numa lei ou decreto.

O artigo é assinado por Kerry A. Dolan, uma das coordenadoras da lista anual dos milionários, e pelo jornalista e activista angolano Rafael Marques, que dizem ter falado com muita gente no terreno e consultado muitos documentos. No entanto, Isabel dos Santos e o empresário português Américo Amorim – que se tornou um importante parceiro da filha do Presidente angolano –, entre outros visados directamente, não falaram com os jornalistas.

A empresária veio desmentir as afirmações da Forbes. Em comunicado, o seu gabinete diz que o artigo é obra “um conhecido activista político que, patrocinado por interesses escondidos, passeia pelo mundo a atacar Angola e os angolanos”, referindo-se a Rafael Marques. “Isabel dos Santos é uma empresária independente e uma investidora privada, representando unicamente os seus próprios interesses”, sublinha o comunicado.

A revista norte-americana diz claramente que a história de Isabel dos Santos, a milionária de 3.000 milhões de dólares no país onde 70% dos habitantes vivem com menos de dois dólares por dia, “é uma rara janela para a mesma trágica narrativa ‘leptocrática’ em que ficam presos muitos outros países ricos em recursos naturais”.

José Eduardo dos Santos, de 71 anos, é Presidente de Angola desde 1979, e é o chefe de Estado que governa há mais anos sem ser monarca, sublinha a Forbes. Incluir a sua filha em todos os grandes negócios feitos em Angola é uma “forma de extrair dinheiro do seu país, enquanto se mantém à distância, de maneira formal”, escrevem os jornalistas. “Se for derrubado, pode reclamar os seus bens, através da sua filha. Se morrer enquanto estiver no poder, ela mantém o saque na família.”

Isabel dos Santos tem 24,5% da Endiama, a empresa concessionária da exploração mineira no norte do país – criada por decreto presidencial, que exigia a formação de um consórcio com parceiros privados. Os parceiros privados da filha do Presidente, que incluíam negociantes israelitas de diamantes, criaram a Ascorp, registada em Gibraltar. Na sombra, diz a Forbes, citando documentos judiciais britânicos, tinha o negociante de armas russo Arkadi Gaidamak, um antigo conselheiro do Presidente angolano durante a guerra civil de 1992 a 2002.

O escrutínio internacional dedicado aos ‘diamantes de sangue’, explica a revista, aconteceu no mesmo período em que Isabel dos Santos transferiu a sua parte do negócio, que a Forbes classifica como “um poço de dinheiro”, para a mãe, uma cidadã britânica. Tudo continua em casa, sublinha a revista.

Além dos diamantes, também a posse de 25% da Unitel, a primeira operadora de telecomunicações privada em Angola, partiu de um decreto presidencial directamente para

a filha mais velha. “Um porta-voz de Isabel dos Santos disse que ela contribuiu com capital pela sua parte da Unitel, mas não especificou a quantia; um ano depois, a Portugal Telecom pagou 12,6 milhões de dólares por outra fatia de 25%”, escreve a revista.

A quota-partde de 25% da Unitel detida por Isabel dos Santos é avaliada por analistas que seguem a actividade da PT, e que foram ouvidos pela Forbes, em mil milhões de euros.

A parceria com Américo Amorim, que abrange as áreas financeira, através do banco BIC, e petrolífera, através da Amorim Energia e dos seus negócios na Galp e com a Sonangol, tem sido um sucesso. A revista lembra o investimento de 500 milhões na portuguesa ZON e explica também como Isabel dos Santos acabou por ficar à frente da cimenteira angolana Nova Cimangola, também através de negócios com Américo Amorim.

Contas feitas, o objectivo do regime é apresentar Isabel dos Santos como uma heroína angolana. Depois de a Forbes a ter declarado uma bilionária, em Janeiro, o Jornal de Angola, “porta-voz do regime, declarava ‘estamos maravilhados por a empresária Isabel dos Santos se ter tornado uma referência do mundo das finanças. Isto é bom para Angola e enche os angolanos de orgulho.’”. Mas não é caso para isso, diz a revista: “Os angolanos deviam ficar envergonhados. Não orgulhosos.”

Joyce Banda assume os destinos da SADC

A Presidente malawiana, Joyce Banda, assumiu no último fim-de-semana a presidência rotativa da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), tornando-se, assim, a primeira mulher a ocupar aquele posto.

Texto: Milton Maluleque

Moçambique, que conduzia os destinos da região há dois anos através do seu Presidente, Armando Guebuza, passou o testemunho ao país vizinho durante a Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo da organização, que decorreu em Lilongwé, capital do Malawi.

Subordinado ao tema “A Importância das Infra-estruturas para o Desenvolvimento da Região, Integração Regional e Facilitação na Circulação de Pessoas e Bens”, o evento reuniu mais de uma dezena de Chefes de Estado e de Governo da região.

Agenda do encontro

Os trabalhos do encontro foram dominados pela eleição de um novo secretário-executivo em substituição do moçambicano Tomaz Salomão e pela avaliação do processo de integração regional através da Zona de Comércio Livre e União Aduaneira, entre outros pontos.

A cimeira de Lilongwé debruçou-se, igualmente, sobre a situação financeira e os relatórios de auditoria externa à organização, assim como sobre a questão do tribunal regional e a execução de programas no âmbito da União Africana (UA) e da Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD).

A agenda do encontro começou a ser preparada desde o fim-de-semana

passado por uma equipa de peritos dos Estados-membros da organização que submeteram as suas conclusões a uma sessão ministerial, que teve lugar na quarta-feira, também na capital malawiana.

De acordo com o secretário-executivo cessante, “a situação financeira da organização é satisfatória porque todos os países-membros têm as suas contas em dia, à exceção de Madagáscar, que continua suspenso”.

A SADC é uma organização regional virada essencialmente para a integração económica dos seus 15 Estados-membros, designadamente África do Sul, Angola, Botswana, Maurícias, Seicheles, Lesotho, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Tanzânia, Swazilândia, Zâmbia e Zimbábwe.

Nova secretária-executiva da SADC Entretanto, a tanzaniana Stetgomena Lawrence Tax, até então directora do Ministério tanzaniano dos Negócios Estrangeiros para a África Oriental, foi eleita nova secretária-executiva da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

A eleição do secretário-executivo adjunto da organização regional, cargo actualmente detido pelo angolano João Caholo, foi adiada para Outubro próximo devido à necessidade de se auscultar os potenciais candidatos.

Curiosity completa aniversário de pouso em Marte

No primeiro aniversário do seu pouso em Marte, na metade da sua missão principal, a sonda Curiosity, da NASA, ainda tem um longo caminho a percorrer. Mais especificamente, sete quilómetros.

Texto: jornal New York Times • Foto: NASA

É essa a distância até os contrafortes do monte Sharp, montanha de 5.500 metros de altitude cujas rochas podem fornecer pistas sobre o tempo em que Marte pode ter abrigado vida. Como a Curiosity está a avançar cuidadosamente apenas 90 metros por dia, a viagem levará oito ou nove meses.

Por enquanto, a ciência é secundária. A sonda Curiosity arrasta-se por uma paisagem árida, em grande medida desinteressante. “É praticamente um trabalho de conduzir e nada mais, de pedal e metal”, disse John P. Grotzinger, cientista da missão. De acordo com a NASA, a Curiosity já percorreu mais de 1,6 quilómetro, fez mais de 36.700 imagens e disparou 75 mil pulsos de laser para analisar rochas e solo.

O primeiro dia – ou “sol”, o termo usado para descrever um dia marciano, que é cerca de 40 minutos mais longo que um dia na Terra – começou na manhã de 6 de Agosto de 2012 (no controlo da missão, no Laboratório de Propulsão a Jacto da NASA, em Pasadena, na Califórnia, era a noite de 5 de Agosto).

A nave que transportava a Curiosity penetrou a atmosfera marciana a mais de 21 mil km/h. Em manobras coreografadas com precisão e tão arriscadas que a NASA descreveu como “sete minutos de terror”, a Curiosity foi levada à superfície, onde chegou sem danos.

A sonda, que tem o tamanho aproximado de um carro, chegou exactamente no alvo visado: dentro da cratera Gale, uma cicatriz de 155 quilómetros de largura deixada pelo impacto de um asteróide há, pelo menos, 3,5 biliões de anos. Desde então, camadas de sedimentos encheram boa parte da cratera e, de alguma maneira, foram “esculpidas”, deixando o monte Sharp ao centro.



Observações feitas desde a nave em órbita apontavam para a presença de minérios argilosos na base da montanha, cujo nome é uma homenagem ao destacado geólogo e especialista em Marte Robert P. Sharp. Como a argila se forma em água com pH neutro, esse facto fazia da cratera Gale um lugar promissor para procurar sinais de que Marte pode algum dia ter sido propício à vida.

Antes de direcionar a sonda para o monte Sharp, a equipa de Grotzinger decidiu enviá-la num desvio para pesquisar um terreno que parecia ser uma confluência intrigante de três tipos distintos de rochas. No caminho, a Curiosity identificou o que parecia ser um antigo leito de riacho.

No local, na primeira rocha que a sonda perfurou, em 8 de Fevereiro (“sol” 182), ela encontrou “ouro” – ou seja, argilas. Essa rocha nessa parte de Marte formou-se em condições aquosas surpreendentemente semelhantes às da Terra. “Não há dúvida de que Marte foi um planeta habitável no seu passado longínquo”, disse Grotzinger. Mas a Curiosity não possui instrumentos que possam fazer uma busca directa por sinais de vida passada ou presente.

Embora a sua missão principal esteja prevista para durar apenas dois anos, é possível que a Curiosity continue a explorar Marte por muito mais tempo. “Ela está óptima”, disse Jennifer H. Trosper, vice-gerente do projecto. “Acho que a sonda vem funcionando melhor do que se previa.”

Mas, caso alguém imagine que tudo numa missão de 2,5 biliões de dólares possa sempre funcionar à perfeição, no fim de Fevereiro, um problema de memória de computador deixou a Curiosity fora de acção por duas semanas. Como disse Grotzinger, “isso serve para nos lembrar que, em última análise, o tempo de vida da sonda é finito”.

Hóquei: Uma modalidade que (re)nasce em Nampula

O hóquei em patins na província de Nampula, sobretudo na cidade capital, tem vivido, nos últimos dias, momentos de muita esperança. Esta modalidade tem vindo a fugir da sua vulgaridade e, ainda que lentamente, vai recuperando a sua merecida popularidade. Contudo, a falta de competições subsiste como um obstáculo que "campeia" neste ponto do país.

Texto & Foto: Júlio Paulino

O nosso entrevistado nesta semana é Luís Amade, treinador e fundador do Núcleo de Hóquei em Patins de Napipine, uma colectividade que desde 2004 é responsável por trazer de volta esta modalidade desportiva aos campos da cidade de Nampula. Dos vários assuntos tratados, aquele técnico revelou que a sua luta é ver o nome de "Nampula" singrar no hóquei moçambicano e, porque não, a nível internacional.

@Verdade (@V) – Como é que surge a iniciativa de se criar um núcleo de hóquei num meio em que, como se sabe, não tem muitas condições desde materiais, financeiras até às infra-estruturais?

Luís Amade (LA) – Eu sou um desportista de longa data. Na minha adolescência experimentei várias modalidades desportivas, como é o caso do futebol e do basquetebol, facto que me deu a certeza de que havia um vazio no que ao hóquei diz respeito.

Foi daí que, na década 90, decidi abraçar esta modalidade. Naquela altura, a província de Nampula era uma referência a nível nacional, prestígio que "voou" devido a vários factores, com destaque para as questões académicas e profissionais, uma vez que os praticantes quiseram concentrar-se mais nos estudos e trabalho.

Graças à ajuda de amigos, muitos deles antigos praticantes de hóquei, em 2004 decidimos reactivar esta modalidade com a fundação do núcleo. Na altura arrancámos com apenas dez atletas do escalão de iniciados que curiosamente, hoje, são os que têm garantido a continuação da colectividade. Neste momento, estamos a trabalhar com um pouco mais de 20 atletas.

@V – E no processo da implantação como é que adquiriu o material usado para a prática do hóquei?

LA – Fizemos alguns contactos com certos vendedores de roupa usada, vulgo "calamidades", tendo eles afirmado que era possível venderem-nos patins em quantidade. Nós os fundadores conseguimos, à nossa maneira, adquirir algumas traves e mobilizámos os pais dos petizes a fim de comparticiparem na compra de outro material que achámos necessário.

Lembro-me de que conseguimos adquirir cerca de cinquenta pares de patins que não eram para a competição, mas que ajudaram bastante naquilo que pretendíamos ensinar aos mais novos, estes que hoje estão a transmitir os conhecimentos sobre a modalidade aos outros.

@V – Qual é o critério que usa para apurar a evolução dos seus atletas, uma vez que em Nampula não há mais clubes?

LA – O importante é fazer com que os petizes aprendam a patinar. Nesse aspecto temos alcançado sucessos. Neste momento estamos a trabalhar com um total de 24 atletas, dos quais quatro são do sexo feminino, que dividimos em dois grupos, designadamente A e B, e que vão disputando jogos de rodagem entre si. Ou seja, com os que temos, conseguimos formar dois conjuntos na expectativa de encontrarmos uma equipa forte.



@V – Ainda no que diz respeito a competições, já alguma vez defrontaram uma equipa, diga-se, da Beira, de Quelimane ou de Maputo, locais onde se pratica o hóquei com frequência?

LA – No passado mês de Junho defrontámos o Núcleo de Hóquei da Cidade de Quelimane, e vencemos por 3 a 1. Já no ano passado tivemos um jogo de observação diante da seleção nacional em que perdemos pelo à tangente, por 2 a 1.

Deixa-me dizer que com a seleção nacional, ainda em 2012, fizemos algumas exibições, e eles transmitiram-nos valores que até hoje aplicamos no nosso dia-a-dia. A Federação Moçambicana de Hóquei, por sua vez, depois daquele jogo em que perdemos diante dos campeões do mundo do Grupo B e quartos do principal, encorajou-nos a continuar neste caminho, pois viram muito talento nos nossos rapazes.

@V – Nampula é uma cidade com sérios problemas de infra-estruturas desportivas. Onde é que desenvolvem as vossas actividades?

LA – De facto. As infra-estruturas desportivas, na generalidade, constituem um calcanhar de Aquiles neste ponto do país. Nós não temos infra-estruturas próprias. Desde sempre utilizamos o pavilhão desportivo da Escola Secundária de Napipine, apesar de o mesmo precisar de uma reabilitação urgente. Temos usado aquele espaço somente aos fins-de-semana ainda que nos dias úteis, uns e outros atletas, de forma voluntária, se têm deslocado àquele ponto.

@V – Em relação aos quadros técnicos, o que tem a dizer?

LA – Neste momento estou a trabalhar com um colega que é também antigo praticante da modalidade, na disciplina de normas básicas de hóquei. Mas porque pretendemos evoluir, esperamos, num futuro breve, contar com os préstimos dos estudantes do curso de Educação Física e Desportos da Universidade Pedagógica, da delegação de Nampula. Aliás, muitos já se mostraram disponíveis para apoiar o núcleo nas várias componentes técnicas, incluindo a assistência sanitária dos nossos atletas em casos de lesão.

@V – E qual é o papel desempenhado pela Federação Moçambicana de Hóquei em Patins neste projeto?

LA – Temos um bom relacionamento com a federação, na pessoa do presidente, Nicolau Manjate. É de louvar o apoio moral que ele nos tem dado. No ano passado, a título de destaque, recebemos apoio material constituído por vinte pares de patins, seis sticks, quatro bolas, várias joelheiras, entre outros.

Não tenho receio de afirmar que a federação nos alavancou e nos encorajou a trabalhar mais, visto que este material, para além de ser caro, só podia ser adquirido fora do país.

Lamento o facto de até hoje, volvidos nove anos, ainda não termos tido o apoio do empresariado local, apesar de que se perceba que é devido à falta de competições em Nampula.

@V – E já se aproximaram das entidades governamentais para serem apadrinhados?

LA – Temos recebido apoio da Direcção Provincial da Juventude e Desportos de Nampula. O que recebemos é pouco, mas temos de agradecer por isso. Tivemos vários convites para abrilhantar os dias festivos nesta cidade, com destaque para os dias do Trabalhador e da Criança, em que o Governo tem disponibilizado lanche aos nossos atletas.

@V – Já endereçaram um pedido de apoio formal?

LA – Ainda não. Segundo a resposta que recebemos, para endereçar um pe-

dido de apoio temos de formalizar o núcleo junto das autoridades legais.

@V – Falou da falta de apoio por parte do empresariado local. Pode explicar o que é que se passa, detalhadamente?

LA – Falar de patrocínio ao desporto em Nampula é o mesmo que falar de "nada". Há nove anos que existimos e nunca tivemos apoio por parte do empresariado local. Mas a culpa pode ser também nossa, os fazedores do hóquei. Precisamos de divulgar cada vez mais esta modalidade através de competições.

A província de Nampula só tem um núcleo, o que dá a entender que estamos relegados ao esquecimento. Mas entendendo que podia haver bom sentido por parte do empresariado nacional visto que, para dar os primeiros passos, é preciso ter algum auxílio.

@V – Estão satisfeitos com este projecto, mesmo sem contar com o apoio do empresariado?

LA – Nós somos felizes. A cada dia recebemos novos talentos na academia. O público tem aderido de forma massiva aos nossos jogos e as crianças segredam-nos que os pais lhes têm estimulado a irem avante no hóquei. Portanto, não vemos razões para não exibir o nosso sorriso.

@V – O que podemos esperar daqui em diante do núcleo?

LA – Temos vários projectos em carteira, maioritariamente relacionados com a massificação da modalidade. Precisamos de divulgar o hóquei junto das escolas, bem como entrar em negociação com os clubes deste ponto do país para que o incluam nas suas actividades. Ainda neste capítulo, os clubes federados precisam de perceber que nós somos uma referência a nível mundial, mas para continuarmos com este mérito precisamos, internamente, de dar continuidade aos trabalhos da formação e de promoção de competições.

Identificámos alguns distritos da província com infra-estruturas capazes de acolher esta modalidade, como é o caso de Angoche, de Meconta, de Nacala-Porto e da Ilha de Moçambique, para onde queremos deslocar alguns atletas do nosso núcleo, a fim de efectuarem algumas demonstrações com o propósito de atrair novos talentos.

Temos um convite para ir a Quelimane, ainda neste ano, para trocar experiências com equipas daquela urbe.

V@ – Qual é o vosso sonho como núcleo?

LA – Temos uma equipa com qualidade, capaz de competir em igualdade de circunstâncias com as outras de Maputo, e não só. A nossa meta é ver os nossos atletas serem convocados para a seleção nacional.

Poule: Arranca a disputa pelos três lugares do Moçambola-2014

Disputam-se, a partir deste sábado (24 de Agosto), em todo o país, as provas regionais de apuramento para a próxima edição do Campeonato Nacional de Futebol. Um total de 22 equipas vai lutar pelos três lugares do Moçambola-2014.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Mangueze

Na região Sul do país, o campeão da cidade de Maputo, o Desportivo, desloca-se até ao município da Matola para defrontar o MG local, vice-campeão da província de Maputo. Enquanto isso, o Incomáti de Xinavane vai à cidade de Chókwè defrontar o Samora Machel.

A Associação Desportiva da Maxixe e o Ferroviário de Inhambane travam o duelo mais interessante da primeira jornada da poule, no terreno da primeira equipa.

No zona Centro, o destaque vai para o colosso e campeão da província de Manica, Textáfrica de Chimoio, que arranca a sua caminhada rumo ao Moçambola-2014 diante do Futebol Clube de Angónia. O Ferroviário de Quelimane, que participa pela segunda vez consecutiva na poule, tem como adversário as Águias, também de Angónia, enquanto o FC da Beira recebe em casa o Chimoio FC.

Ainda no sábado (12), o Palmeiras de Quelimane defronta o Sporting da Beira, equipa que esteve na edição 2012 do Moçambola.

O Ferroviário de Pemba, despromovido no ano passado, estreia-se na casa da Universidade Pedagógica de Lichinga, enquanto o Benfica de Monapo vai ao "clássico" diante da locomotiva de Nacala. A Associação Desportiva de Cuamba recebe o Desportivo de Mueda, isto na região Norte do país.

Futsal: Liga Muçulmana novamente na liderança

O Grupo Desportivo Iquebal averiou uma derrota diante da Petromoc, por 3 a 2, em jogo da 10ª jornada do Campeonato de Futsal da Cidade de Maputo. A Liga Muçulmana de Maputo retoma a liderança da competição.

Texto: Redacção

A jogar em casa, o Iquebal não teve concentração suficiente para evitar uma derrota diante da Petromoc. Aliás, os "petrolíferos", bastante cautelosos ao longo da partida, souberam tirar proveito dos erros do adversário.

Na primeira parte, os donos da casa sufocaram por completo os rivais, mas não foram capazes de traduzir as inúmeras oportunidades em golos. E, num contra-ataque rápido, a Petromoc chegou ao tento por intermédio de Mauro.

Na segunda metade, o Iquebal entrou com o seu jogo altamente ofensivo, tendo chegado ao empate por Dino. O golo trouxe maior dinamismo tendo-se assistido, a partir deste instante, a um confronto equilibrado.

Porém, o que não se imaginava era que os últimos oito minutos pudessem valer por toda a partida. É que neste período marcaram-se três golos, o primeiro por Mandinho da Petromoc, o segundo por Carlão que restabeleceu a igualdade no marcador e, por fim, nos últimos segundos, por Mauro que deu a vitória à sua equipa.

Com este resultado, o Iquebal, que neste momento conta com 24 pontos, perde a liderança para a Liga Muçulmana que na noite daquele sábado (17) derrotou a Mcel por 6 a 5, chegando à marca dos 25 pontos. A Petromoc ocupa a terceira posição com 21, mantendo viva a luta pela qualificação ao Campeonato Nacional de Futsal, edição 2013.

A 11ª jornada disputa-se nesta sexta-feira (23), obedecendo ao seguinte calendário:

MFS	x	L. Muçulmana
Mcel	x	Petromoc
Iquebal	x	GSC
A. Tributária	x	Brandel
T. Logística	x	Auto Avenida



ZONA NORTE

Benfica de Monapo	x	Fer. de Nacala
UP de Lichinga	x	Fer. de Pemba
A. D. de Cuamba	x	Desportivo de Mueda

ZONA CENTRO

Ferroviário de Quelimane	x	Águias de Angónia
FC da Beira	x	Chimoio FC
Palmeiras de Quelimane	x	Sporting da Beira
Textáfrica de Chimoio	x	FC de Angónia

ZONA SUL

MG da Matola	x	Desp. de Maputo
Samora Machel de Chókwè	x	Incomáti de Xinavane
A. D. da Maxixe	x	Fer. de Inhambane

Publicidade

ESTA PRETA É A MELHOR DE ÁFRICA

A Laurentina Preta é uma cerveja com história e carácter, única em Moçambique, que se distingue pelo seu sabor intenso, textura cremosa e aroma envolvente, atributos muito apreciados que advêm da sua composição. A Laurentina Preta é feita a partir de quatro tipos de malte, entre eles o malte de Munique e o malte de caramelo, complementados pelo uso de açúcar refinado de cana e extractos de óleo de lúpulo.

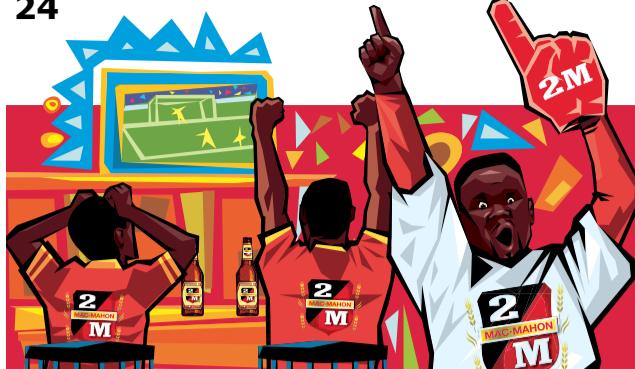
Reconhecida internacionalmente devido à sua qualidade ímpar, a Laurentina Preta foi recentemente premiada nos African Beer Awards como a melhor cerveja preta de África e distinguida com 2 estrelas de ouro no International Taste & Quality Institute (ITQ), prémios que se juntam à medalha de ouro do Monde Selection de 2008.

É caso para dizer, esta Preta é mesmo boa!

PRÉMIO DE QUALIDADE
PARA A MELHOR CERVEJA PRETA DE ÁFRICA

BEER AWARDS 2013

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.



O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambique: Liga Muçulmana humilha o Ferroviário da Beira

Não houve piedade ao chamado campeão de Inverno. O vice-campeão nacional em título, o Ferroviário da Beira, não evitou uma goleada de 4 a 0 diante da Liga Muçulmana, em partida da 15ª jornada do Moçambique, edição 2013. A competição continua a ser liderada pelo Clube de Chibuto.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Há particularmente dois aspectos que tornaram atraente o confronto entre a Liga Muçulmana e o Ferroviário da Beira, que teve lugar no campo da primeira equipa, na Matola C. Por um lado jogavam dois assumidos candidatos ao título e, por outro, duas colectividades que à entrada da ronda ocupavam o "top 4" da tabela classificativa, sendo a Liga a segunda classificada e a locomotiva a quarta, ambas separadas por três pontos.

Em caso de derrota, cada uma das duas equipas estava ciente de que se podia atrasar na luta pelo título, pelo que se anteviu uma partida de grande nível. Desde o início, ambos os conjuntos evidenciaram diferenças, com destaque para a disposição tática, em que os donos da casa preferiram o 4-3-3, com um trio ofensivo constituído por Josimar, Sonito e Telinho, diante do 4-4-2 da locomotiva, com Mário e Maninho como a dupla responsável pela conclusão das jogadas de ataque.

E já com a bola a rolar, a Liga Muçulmana mostrou maturidade diante de um Ferroviário da Beira que, depois da paragem de cerca de dois meses do Moçambique, ainda não conseguiu recuperar o seu ritmo competitivo. E o primeiro lance ofensivo registou-se transcorrido o minuto 22, quando o lateral direito Cantoná, encostado à linha de fundo do ataque muçulmano, centrou o esférico para a cabeça de Telinho que atirou por cima da baliza de Willard.

O novo ensaio dos muçulmanos, fruto do total domínio exercido no meio campo-contrário, deu-se seis minutos mais tarde, desta vez envolvendo o ponta de lança Sonito. Aquele avançado recebeu o esférico e, entrando na grande área, pela zona da meia-lua, tentou, em vão, passar por dois centrais, optando pelo remate à meia distância que passou por cima da baliza.

A dupla Telinho e Sonito, a que mais se destacou no confronto, sobretudo pelo primeiro que esteve envolvido na construção de todos os lances de perigo da sua equipa, a Liga, não deu tréguas à defesa do Ferroviário. E ao minuto 29, o malawiano Josephy iniciou uma jogada de ataque, passando a bola a Telinho que, depois de percorrer cerca de dois metros, já zona da meia-lua, cedeu-a ao seu colega Sonito que rematou para uma defesa em estilo de Willard.

Houve sinais claros de que o golo estava por vir. Porém, o mesmo só surgiu um pouco depois da meia hora por via de uma grande penalidade, a castigar uma falta de Tinho sobre Josimar no interior da grande área. Sonito, chamado a cobrar, rematou forte para o fundo das malhas e sem hipóteses de defesa para o guarda-redes locomotiva.

Já ao minuto 37, Josimar voltou a destacar-se quando, de primeira, a responder ao "meio-golo" de Telinho, rematou por cima da baliza. Lance similar ocorreu a cinco minutos do intervalo, em que numa jogada rápida de ataque, ao primeiro toque, entre quatro jogadores da Liga, nomeadamente Josephy, Telinho, Josimar e Sonito, o "25" bisou na partida.

Durante os primeiros 45 minutos o Ferroviário da Beira não teve argumentos para deter o venenoso poderio ofensivo da Liga. Em termos práticos, nem Mário, nem Nelinho e muito menos dos dois médios alas escalados, Tinho e Timbe funcionaram, para, no mínimo, incomodar Milagre.



O "apito" da locomotiva não deu em nada

No reatamento, o Ferroviário da Beira entrou com uma enorme vontade de chegar ao golo, ou seja, vaticinou sair da Matola com um resultado satisfatório. Foi a equipa que criou a primeira situação de golo, num lance de bola parada, em que Timbe rematou por cima da baliza de Milagre.

Como que a salvar um confronto que perdeu interesse a vários níveis, com a bola afrouxada quase sempre na zona do meio campo, Cantoná, do lado direito, fez um passe rasteiro para o interior, com Sonito a simular um remate, deixando o esférico para Telinho que, só com Willard pela frente, atirou a contar. Estavam jogados 62 minutos.

Mesmo com estes números no marcador, o Ferroviário não atirou a toalha e, numa espécie de "búfalo ferido", correu atrás do prejuízo para, no mínimo, chegar ao golo de honra. Debalde. O guarda-redes muçulmano Milagre, de forma espantosa, negou o golo a Maninho.

A dez minutos do fim, num evidente golpe de mestre, Imo tirou dois adversários do caminho e, no coração da grande área, rematou para o 4 a 0 final, resultado que mantém a Liga Muçulmana no topo da tabela classificativa, colada ao Clube de Chibuto. O Ferroviário da Beira, vice-campeão nacional e vencedor da primeira volta, soma a sua segunda derrota consecutiva, com seis golos sofridos e nenhum marcado.

A verdade dos intervenientes

Litos Carvalha, treinador da Liga Muçulmana

"Foi um bom jogo. Os meus rapazes fizeram uma primeira parte com mais intensidade e, já na segunda, sem precisarem do meu comando, passaram a gerir o esforço, obviamente a pensarem no jogo a seguir. O Ferroviário reagiu bem, mas nós fomos claramente superiores. Mostramos melhor serviço em campo e conseguimos traduzir isso em golos. Foi uma vitória merecida".

Victor Matine, treinador-adjunto do Ferroviário da Beira

"Foi uma derrota normal para quem faz parte do jogo. Não estava nas nossas previsões perder e da forma como perdemos, devido à dimensão do Ferroviário da Beira e do objectivo traçado para a presente temporada. Na verdade, a equipa está ressentida da paragem de cerca de dois meses do Moçambique, sendo difícil voltar a ganhar aquele ritmo competitivo. Estamos a pagar caro, sobretudo na zona defensiva. Viu-se isso nos dois jogos que fizemos, em que sofremos seis golos. Mas a Liga está de parabéns".

Três pontos para Chibuto num dia cinzento de Johane

Ainda no sábado (19 de Agosto), o Clube de Chibuto deslocou-se ao município da cidade da Matola para defrontar o lanterna vermelha da competição, o Matchedje. Logo aos seis minutos, mercê de uma desatenção defensiva, os guerreiros apontaram o primeiro golo por intermédio de Stanley.

Na jogada a seguir, ou seja, 60 segundos depois, a vez foi de Johane introduzir o esférico no fundo das malhas, porém anulado pelo árbitro principal por pretensa posição irregular daquele atacante. A 12 minutos do intervalo, Bush cruzou para Mambucho que, no interior da grande área, fez um toque subtil para o 2 a 0.

Na etapa complementar, Victor Pontes viu a sua equipa jogar somente no contra-ataque, manifestamente entregando a iniciativa de jogo ao Matchedje, que ao minuto 52 podia ter feito um golo por Bila, se não fosse a atenção do guarda-redes Zacarias.

O domínio territorial do Matchedje no terreno do Chibuto pecou num único aspecto: falta de objectividade. E porque no futebol há quem diga que "quem não marca arrisca a sofrer", aos 76 minutos, numa jogada de insistência, os visitantes tentaram, por duas ocasiões, violar as redes contrárias, primeiro por Stanley e depois por Mário.

O avançado do Chibuto, Johane, que passou à margem no confronto, voltou a estar envolvido num golo anulado por suposto fora de jogo, antes de, já sob o apito final, fazer uma assistência para Ndjusta perpetrar uma falha clamorosa na finalização.

Quadro de resultados

15ª Jornada

Liga Muçulmana	4	x	0	Fer. da Beira
Matchedje	0	x	2	Clube de Chibuto
Vilankulo FC	0	x	1	Fer. de Maputo
Costa do Sol	1	x	0	HCB de Songo
Chingale de Tete	0	x	0	Maxaquene
Estrela Vermelha	0	x	0	Fer. de Nampula
Desp. de Nacala	0	x	0	Têxtil de Punguè

PRÓXIMA JORNADA

Clube de Chibuto	x	HCB de Songo
Têxtil de Punguè	x	Matchedje
Fer. da Beira	x	Desp. de Nacala
Fer. de Nampula	x	Liga Muçulmana
Fer. de Maputo	x	Estrela Vermelha
Maxaquene	x	Vilankulo FC
Chingale de Tete	x	Costa do Sol

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Clube de Chibuto	15	9	3	3	19	15	2	30
2º	Liga Muçulmana	15	9	3	3	27	10	17	30
3º	Maxaquene	15	8	2	5	18	11	7	26
4º	HCB de Songo	15	6	6	3	16	9	7	24
5º	Fer. da Beira	15	7	3	5	18	17	1	24
6º	Desp. Nacala	15	6	5	4	11	8	3	22
7º	Fer. de Maputo	15	6	4	5	11	11	0	22
8º	Costa do Sol	15	5	6	4	17	14	3	21
9º	Fer. de Nampula	15	5	4	6	13	17	-4	19
10º	Estrela Vermelha	15	4	4	6	10	14	-4	17
11º	Chingale de Tete	15	5	4	6	9	11	-2	17
12º	Têxtil de Punguè	15	4	4	7	10	17	-7	16
13º	Vilankulo FC	15	4	2	9	9	16	-7	14
14º	Matchedje	14	1	2	12	7	24	-17	5

“Mundiais” de Atletismo: Sete países africanos ganharam medalhas; Bolt o mais medalhado da história

Quénia, Etiópia, Uganda, Costa do Marfim, Nigéria, Botswana e Djibuti figuram na tabela das medalhas da 14ª edição do Campeonato Mundial de Atletismo da Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) que terminou no domingo passado em Moscovo, na Rússia. Moçambique esteve representado por um único atleta, Flávio Siholhe, que não foi para além da primeira eliminatória dos 1500 metros.

Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

Flávio, o melhor atleta nacional nas provas dos 800 e 1500 metros, correu a eliminatória em 3 minutos 53 segundos e 11 décimos, 14 segundos acima da sua melhor marca individual, ocupando o 11º lugar, numa série em que estiveram em pista 13 atletas.

Queniana Sum surpreende vencendo a final dos 800 metros

A queniana Eunice Sum estragou a festa da Rússia no último dia dos “Mundiais” de Atletismo de Moscovo com um sprint final para impedir o segundo título consecutivo da anfitriã favorita Mariya Savinova, nos 800 metros rasos.

A desconhecida Sum, vencedora das preliminares do Quénia, passou velozmente pela campeã olímpica e atirou os seus braços para o ar ao cruzar a linha de chegada com o melhor tempo da sua carreira - 1min57s38.

Mariya foi a segunda classificada com 1min57s80 e a norte-americana Brenda Martínez roubou o terceiro lugar (1min57s91) da compatriota e veterana Alyson Johnson Montano, que desabou após a linha de chegada e começou a chorar.

Alyson, a mais rápida das semifinais, teve uma boa largada e criou uma vantagem de 10 metros, mas não conseguiu manter o ritmo e não tinha energia nos metros finais.

Queniano vence título mundial nos 1.500 metros

O queniano Asbel Kiprop deixou para trás a deceção olímpica do ano passado com a defesa concludente do título mundial nos 1.500 metros.

Kiprop, campeão olímpico em 2008, terminou em último lugar nas Olimpíadas de Londres, quando estava a recuperar de uma lesão muscular, mas tem mostrado um melhoria significativa neste ano, incluindo uma corrida brilhante em Mónaco, no mês passado, quando se tornou o quarto mais rápido de todos os tempos na distância.

Bolt e companhia vencem estafeta 4x100 metros

O jamaicano Usain Bolt assumiu a liderança de “medalheiro” individual da história dos “Mundiais” de atletismo, cuja 14.ª edição



termina hoje em Moscovo, ao somar o seu oitavo título, na estafeta de 4x100 metros.

Bolt, que já havia ganho na Rússia os 100 metros (9,77 segundos) e os 200 (19,66), passou a contar com oito medalhas de ouro e duas de prata, superando os norte-americanos Carl Lewis, Allyson Felix e Michael Johnson, todos também com oito ceptros.

Além dos oito ouros, Carl Lewis e Allyson Felix colecionam cada qual uma de prata e uma de bronze, enquanto Michael Johnson não ostenta mais nenhuma medalha.

O recordista mundial dos 100 e 200 metros, com 9,58 e 19,19 segundos, respectivamente, chegou a Moscovo com sete medalhas, incluindo cinco de ouro, duas nos 200 (2009 e 2011), duas nos 4x100 (2009 e 2011) e uma nos 100 (2009).

O jamaicano, que conta no seu palmarés com seis títulos olímpicos, também conquistara duas medalhas de prata, ambas em 2007, nos 200 e 4x100 metros.

No que respeita ao total de “metais”, Bolt, que em 2011 foi desclassificado da final do hecômetro devido a uma falsa partida, igualou os 10 de Carl Lewis e Allyson Felix.

Neste particular, Bolt encontra-se, no entanto, no segundo posto, atrás da agora eslovena, mas igualmente natural da Jamaica, Merlene Ottey, que arrebatou 14 medalhas, todas pelo seu país natal, entre 1983 e 1997.

A velocista conquistou três medalhas de ouro, duas nos 200 metros (1993 e 1995) e uma nos 4x100 (1991), quatro de prata e sete de bronze.

Em 1995, Ottey tornou-se a atleta mais velha a conquistar um título mundial, com 35 anos e 92 dias, e, em 1997, a mais velha a arrebatar uma medalha, com 37 anos e 90 dias.

“Medalheiro” individual da história dos “Mundiais”

O P B TOTAL

1. Usain Bolt, Jam 8 2 0 10
2. Carl Lewis, EUA 8 1 1 10
3. Allyson Felix, EUA 8 1 1 10
4. Michael Johnson, EUA 8 0 0 8

Atletas com mais medalhas na história dos “Mundiais”

O P B TOTAL

1. Merlene Ottey, Jam 3 4 7 14
2. Usain Bolt, Jam 8 2 0 10
3. Carl Lewis, EUA 8 1 1 10
4. Allyson Felix, EUA 8 1 1 10

Queniamos: os melhores do continente

O Quénia, que figura na primeira posição do quadro africano, classificou-se no quarto lugar mundial com três medalhas de ouro, quatro de prata e três de bronze, seguido da Etiópia, a quinta na classificação geral, com três medalhas de ouro, três de prata e quatro de bronze.

O Uganda ocupa a terceira posição africana e situa-se no 11º lugar mundial, com uma medalha de ouro, enquanto a Costa do Marfim, a quarta de África e 19ª do mundo, totaliza duas medalhas de ouro, seguida da Nigéria, na quinta posição africana e 22ª mundial, com duas medalhas de prata.

O Botswana ocupa a sexta posição em África e 25ª posição na classificação geral, com uma medalha de ouro, diante do Djibuti, o sétimo em África e 33º na geral, com uma medalha de bronze.

O país anfitrião, a Rússia, venceu a primeira posição mundial com sete medalhas de ouro, três de prata e cinco de bronze, seguido dos Estados Unidos, com seis medalhas de ouro, 11 de prata e três de bronze, seguidos da Jamaica com quatro medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze.

Os dois pilotos da Ducati mesmo no final da corrida depois de Hayden ter empurrado Dovizioso para fora da pista na última curva. Foi quase uma cópia a papel químico do incidente da última curva de Assen do qual Smith também beneficiou.

Quatro pilotos não terminaram a corrida: o wildcard Blake Young (Attack Performance Racing) sofreu uma queda na primeira volta, enquanto Randy de Puniet (Power Electronics Aspar), Lukas Pesek (Came IodaRacing Project) e Yonny Hernandez (PBM) tiveram problemas. Incapazes de correr estiveram Ben Spies (Pramac Racing), que arruinou o regresso à ação ao deslocar o ombro após uma queda na sexta-feira, e Karel Abraham (Cardion AB Motoracing), que se lesionou no pé e ombro no primeiro dia.

Moto GP: Márquez imparável vence em Indianápolis

Marc Márquez venceu o Red Bull Grande Prémio de Indianápolis, à frente de Dani Pedrosa naquela que foi a terceira dobradinha da Repsol Honda Team nesta época. Jorge Lorenzo, da Yamaha Factory Racing, completou o pódio com Valentino Rossi a levar a melhor sobre Cal Crutchlow e Álvaro Bautista na luta pelo quarto posto.

A vitória de Márquez garantiu ao espanhol o domínio completo do fim-de-semana depois de ter liderado todas as sessões - algo que não acontecia desde que Casey Stoner dominou também por completo o Grande Prémio da Austrália no ano passado. O terceiro triunfo consecutivo de Márquez na categoria rainha confirma o sucesso do piloto em todas as corridas disputadas nos Estados Unidos depois de ter ganho no Texas e em Laguna Seca.

Vindo da pole, mas uma fraca partida viu o estreante de 20 anos cair para trás de Lorenzo e do companheiro de equipa Pedrosa. Ele acabou por ultrapassar os dois nas nona e 13ª voltas, respectivamente, e - com os rivais a

continuarem a ressentir-se das lesões na clavícula - acabou por cruzar a meta com quase três segundos de vantagem.

Pedrosa parecia que ia terminar a corrida de 27 voltas em 3º, mas surpreendeu Lorenzo ao tirar partido do cone de ar para o ultrapassar na penúltima volta. Para Pedrosa e Lorenzo este foi o primeiro pódio desde o Grande Prémio da Catalunha, em Barcelona, há dois meses. O quarto posto foi para o companheiro de equipa de Lorenzo, Rossi, que veio de nono grelha e só na última volta conseguiu levar a melhor sobre Crutchlow (Monster Yamaha Tech3) e Bautista (GO&FUN Honda Gresini), que travaram uma animada luta durante toda a corrida. Stefan



Bradl (LCR Honda MotoGP) foi sétimo.

A fechar a lista dos dez primeiros ficaram o companheiro de equipa de Crutchlow, Bradley Smith, e a dupla da Ducati Team, Nicky Hayden e Andrea Dovizioso; o estreante inglês (que na primeira volta chegou a rodar em quarto graças a uma soberba partida) ultrapassou

Texto: Redacção/Agências

Plateia

Kulimando Saberes com Calane da Silva

Em Maputo, as publicações de livros ocorrem em eventos badalados. Kulimando Saberes – a nova obra de Calane da Silva – não foi exceção. No entanto, tivemos tempo para saber o seguinte...

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Publicar Kulimando Saberes aqui é simbólico. Com que sentimento retorna ao Centro Cultural Brasil-Moçambique, dois anos depois de ‘abdiciar’ da sua direcção?

É um sentimento muito profundo, uma vez que quando nós habitamos uma casa em que trabalhamos, as nossas energias ficam impregnadas nas suas paredes. Por isso, o meu retorno configura a retomada da energia que se cimentou ao longo dos anos, a trabalhar, a gerar acontecimentos, a realizar cursos e eventos culturais para que, de facto, cada um de nós e todos aqueles que habitavam esta casa conseguissem levar consigo algo melhor, transformando as suas vidas. Foi isso o que aconteceu.

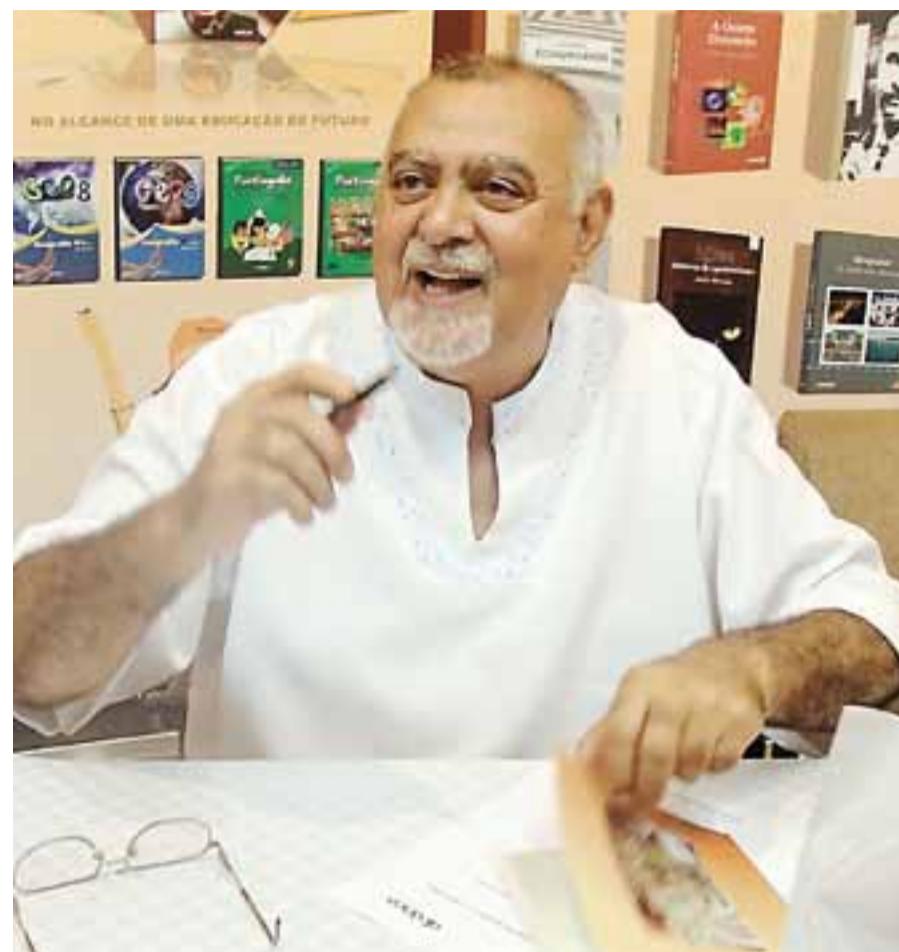
Temos um sentimento profundo de alegria, uma expressão de vontade para que todo o trabalho cultural desenvolvido aqui perdure sob a orientação de outros dirigentes que vierem.

Como é que tem sido o seu dia-a-dia em Inhambane?

Em Inhambane há um problema grave da violência doméstica, motivado pela acção dos curandeiros que dizem que quem está a originar a maldade são a mãe, a sogra e a tia. Por isso, os homens espancam as mulheres. Em resultado disso, o edil pediu-me um apoio para trabalhar no sentido de suavizar esses problemas. Mas também, já iniciámos um trabalho interessante, num infantário público, com crianças deficientes onde prestamos o nosso apoio.

Formámos a Liga dos Escuteiros que está a funcionar. Também temos lá o grupo espiritual Arco-íris, no qual fazemos a fitoterapia e a ciência espiritual. Continuo a realizar palestras não só de natureza académica como também sobre a espiritualidade para os jovens em Maxixe.

Por essas razões, a minha experiência tem sido fantástica apesar de que em Inhambane, quando comparado com Maputo, o ritmo de trabalho diminuiu bastante. Aqui eu estava envolvido em várias sessões culturais,



dirigindo o centro, dando aulas nas universidades. Então, tudo isso constituía uma labuta intensa que não se adequava muito ao facto de eu ser diabético porque me causava stress.

Nunca o vimos cabisbaixo. Está sempre motivado e empenhado. Qual tem sido a sua fonte de inspiração?

É Deus. É o Criador Quântico que habita em cada um de nós. O problema é que nós temos medo de assumir que somos seres divinos. Quando nos libertamos do medo, sentimos que há uma energia que transcende, que é imanente, e não nos cansamos porque essa força, essa energia maravilhosa, brota em cada momento. Como vê eu estou, aparentemente, cansado mas estou a raciocinar intelectualmente – com os meus quase 70 anos – e sou capaz de falar muito mais. Então isso significa que temos de fazer um exercício constante para sabermos quem nós somos. Para que essa energia não morra dentro de nós. Para que possamos irradiar energias positivas influenciando, nesse sentido, tudo e todos os que estiverem em nosso redor para que se transformem.

Desta vez, Calane da Silva, Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa decidiram publicar as suas novas obras, ao mesmo tempo. Que comentários faz sobre esses eventos?

De certa maneira, estas coincidências não são casuais porque estes três escritores, amigos, apesar de estarem distante, sob o ponto de vista espiritual estão muito próximos. As obras, recentemente, publicadas são um sucesso na cidade. Então, isso significa que a nossa literatura – quer a artística, quer académica – continua forte, pujante e actuante. O nosso país está a crescer.

Muitas vezes fico preocupado quando ouço vozes negativas que dizem que não temos literatura. O que temos, então? Por exemplo, agora estou em Maxixe onde descobri um grande livro de poesia e de contos. A mesma já foi enviada para a editora. Moçambique não é só a cidade de Maputo. Há neste país uma força energética literária de competência textual que se está a manifestar em todos os sentidos. O que temos de fazer é dar apoios continuamente.

Vasculhando-se as páginas do Kulimando Saberes encontra-se uma preocupação pontual em relação à qualidade do ensino, muito em particular em relação à dicotomia classificação e/ou avaliação. Como é que esses factores geram impacto na tão almejada qualidade de ensino?

É uma questão muito importante, em todos os sentidos, porque se o professor não estiver bem formado, não tiver todas as condições materiais e humanas criadas, possuindo uma turma de mais 100 alunos, como é que ele pode trabalhar eficazmente no ensino? Como é que ele vai avaliar os estudantes? Só pode classificá-los porque são muitos. Portanto, há aqui uma lacuna muito grande.

Nós não devemos ter medo de tomar posições – como se fez noutras países – para sabermos o que devemos fazer para melhorar a qualidade de ensino. Temos de trabalhar no sentido de ter todo o povo a saber ler, escrever e contar. Mas só entra para o ensino primário quem escreve, fala e conta melhor. E devemos produzir exames muito difíceis a partir da escola primária. Os que não conseguirem superar as barreiras serão alfaiates ou pedreiros. Ou seja, irão trabalhar nas profissões que lhes são mais adequadas intelectual e tecnicamente.

No ensino secundário devia-se fazer o mesmo e ninguém ficaria atrás. Mas os mais capazes é que devem avançar para que possam ser o nosso comboio. Temos investido pouco na educação por isso, hoje, encontramos gente com níveis de conhecimento extremamente baixos, mas estão nas universidades. Eu não

estou contra isso, mas estou contra o facto de não haver a qualidade de ensino para que, através desses nossos técnicos bem formados, o país possa avançar.

Ou seja, não quero ter 100 engenheiros a destruir prédios e pontes. Mas preciso de 10 que construam pontes maravilhosas e eternas. Eu não quero 100 médicos que matem doentes, mas preciso de 10 que curem 100 doentes.

É em relação a isso que essa concepção deve mudar, radicalmente. Temos de criar um novo paradigma de qualidade para que todos possamos caminhar no saber, mas dando espaço àqueles que são mais capazes para nos guiarem.

Que comentário faz em relação à fasquia que, no Orçamento do Estado, se dá à Cultura?

Temos um problema grave. É que em todo o mundo, e o nosso país não é exceção, os governantes olham para a Cultura como sendo a parte terciária dos orçamentos – o que devia ser o contrário. Os países que investiram 1.5 por cento do seu orçamento na Ciéncia e na Cultura, hoje, tornaram-se superpotências.

Por exemplo, os estudantes que foram enviados para o estrangeiro a fim de estudar sobre a extração de gás e petróleo – nos tempos de Samora Machel, quando nós éramos muito mais pobres – são eles que quando retornaram fizeram os primeiros furos de Temane. Infelizmente, hoje, nenhuma outra pessoa está formada nessas áreas.

Quem é que irá dirigir os acordos com os megaprojetos que existem no país? Não temos ninguém porque – por nossa culpa e responsabilidade – negligenciamos a formação técnica. Trata-se de uma área em que sabíamos que tínhamos recursos. Samora tinha essa consciéncia; por isso, já naquele época, enviamos pessoas para se formarem noutras países.

Não podemos parar de formar o Homem. Temos de criar perspectivas sobre aquilo que queremos de nós nos próximos 10 ou 20 anos, num aspecto global e sobretudo primando pela qualidade.

E esse fraco investimento tem impacto na produção cultural?

Certamente, mas como em tudo há sempre uma exceção à regra. Por exemplo, em Inhambane há uma escola – que recebe o mesmo orçamento que as outras mas é – limpíssima. Não possui nenhum risco na parede, há árvores para sombra plantadas pelos próprios alunos. Então, isso quer dizer que mais do que directores precisamos de líderes nas escolas e professores que comandam as pessoas, gerando a transformação.

Kulimando Saberes

Viagens Discursivas pela Pedagogia, Didáctica, Comunicação, Antropologia Cultural, Filosofia, Espiritualidade, Língua e Literatura

Calane da Silva



Moticoma: Uma banda que ‘vasculha’ o triunfo!

Ao concerto dos 12 anos da Banda Moticoma, fomos com uma certa curiosidade – sentir as sonoridades da Mbira Nyunga-nyunga – e interessámo-nos pela sua história.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Depois de assistirmos ao primeiro concerto da Banda Moticoma, realizado no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, ficamos com uma ideia básica. Vimos um ‘show’ modesto, no entanto, carregado de grande simbolismo.

O evento foi programado com muita antecedência. Por isso, a ideia da modéstia deve-se à fraca adesão das pessoas, não obstante, a capacidade singular que os membros da referida colectividade possuem na execução instrumental e musical. Um outro factor que se associa a esta percepção prende-se à ‘nudez’ do palco em termos de arranjos do cenário que não houve.

Colocou-se um conjunto de músicos – instrumentistas, intérpretes e bailarinos – no centro do palco, onde actuou, para satisfazer a vontade de algumas pessoas, desejosas de ver um concerto de música tradicional. Tratou-se de um ‘show’ pouco elaborado, sob o ponto de vista de produção.

Entretanto, por outro lado, estas fragilidades manifestas e registadas não desvirtuaram o simbolismo que a realização carregava para os músicos. É que os mesmos, há 12 anos, labutam pela sublimação da sua arte e da cultura musical no país.

O concerto foi, sim, simbólico porque, teimosos e sem se distrair dos seus objectivos, continuamente, os Moticoma correm em direcção ao triunfo.

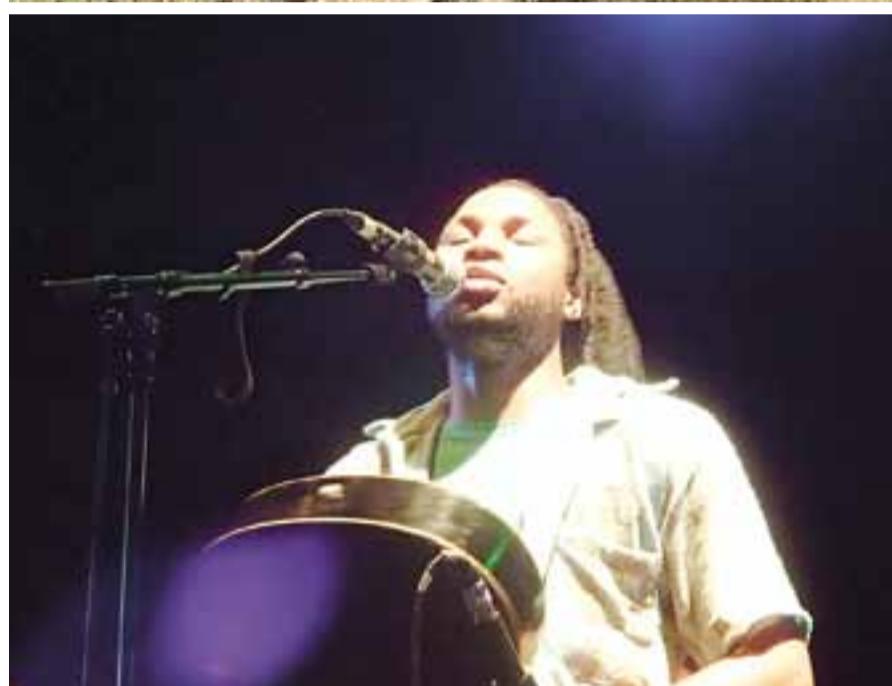
É por essa razão que, além da interacção com o público – para o agrupamento – o evento, também, teve o objectivo de celebrar o tempo que passou, as conquistas materializadas, mas ao mesmo – em jeito de quem explica que está consciente dos obstáculos que se impõem no percurso, sobretudo a falta de apoio por parte dos mecenatos culturais – para amealhar algum dinheiro para a gravação do primeiro trabalho discográfico.

Assistimos ao espectáculo, por isso (em forma de descrição) podemos afirmar que a banda é presente e actuante. Sabe fazer a festa, apesar de que – uma marca característica sua – vezes sem conta, os artistas fazem-na para si próprios.

Isolam-se do público e, em jeito de desafio entre si, exigem os seus domínios na execução dos instrumentos. Instalam uma cena espectacular porque o mais importante, nessa estranha actuação, acaba por ser a produção de adrenalina que envolve o público.

Diz-se que os Moticoma sabem fazer um ‘show’ no sentido de que têm a consciência de que as suas músicas são para a celebração, demandando, por isso, a participação do público, através do canto ou da dança. É por essa razão que quando o público – por qualquer razão – se mostra apático, os artistas convidam-no a bailar.

É m resultado desta experiência que nos sentimos coagidos a interagir com alguns membros do colectivo – o instrumentista e vocalista Zandy Mundolas, o percussor Ndzondza e o baixista Litho Jumpepa – para construir a história que o estimado leitor irá acompanhar a seguir. Mas a banda possui outros elementos como, por exemplo, o guitarrista Mole, o percussor e corista Pak, o intérprete e percussor Tony Maposse, o baterista Dolo, entre outros.



na banda, sobretudo porque, em Moçambique, a música não dá a vida que o artista anseia. As pessoas devem amá-la e lutar por ela. Se nós persistimos é porque vimos uma luz verde e queremos segui-la, continuamente.

Litho Jumpepa: Tornei-me membro da Banda Moticoma, em 2007, quando ela já tinha quatro anos. No entanto, eu vivia no bairro de Magoanine. A dura experiência que tive como membro da colectividade é que por, falta de dinheiro, duas vezes tive de sair de Mogoanine para o Alto Maé, onde ia ensaiar, e retornar a pé. Nenhum de nós tinha dinheiro para me apoiar no transporte.

Além disso, houve um tempo em que, por mais de dois anos, para fazer concertos, nós dependíamos de uma viola-baixo emprestada a qual, com toda a razão, os donos nos arrancavam sempre que quisessem. Também ocorreu uma situação em que o proprietário da Mbira – que nós pedimos emprestado – veio buscá-la a faltarem duas horas para o início do nosso ‘show’.

Zandy Mundolas: O problema é que, naquela altura, era muito difícil encontrar uma Mbira em Maputo. Nós estávamos aqui e nem podíamos viajar para a província de Tete.

Os nosso mérito

Zandy Mundolas: Em 2008, ficámos classificados na segunda posição no Festival Crossroads, o que nos valeu representar Moçambique no Zimbabwe.

Outro momento inesquecível foi a nossa participação, nas Ilhas Maurícias, num evento chamado ‘La Abolition de la Esclavage’, o fim da escravatura, em África.

Também viajámos para Dinamarca, onde realizámos digressões por todo o país, durante um mês, em 2009. Essa experiência inspirou-nos imenso. Mas é preciso louvar a unidade que prevalece na banda. Nós somos amigos.

Na África do Sul, actuámos em Base Line, num dos palcos onde desfilam artistas como Hugh Masekela e Jimmy Dludlu. Em Moçambique já realizámos concertos nas províncias, sobretudo em Inhambane, na praia de Tofo.

Litho Jumpepa: Em termos musicais, senti-me muito realizado quando estive na Dinamarca porque, lá, tocava quase todos os dias, realizando mais de dois ‘shows’. Houve vezes em que realizámos quatro espectáculos num dia.

Essa experiência faz com que mesmo o pior músico ganhe competência. Por essa razão, quando retornei a Moçambique senti que tinha um alto nível de execução instrumental, o que nos falta aqui. Temos falta de incentivos porque, no nosso país, toca-se muito pouco, e não há muitos festivais.

O nascimento

Zandy Mondolas: A criação da Banda Moticoma foi uma ideia de jovens estudantes do bairro do Alto Maé. Na altura todos tocávamos e praticávamos danças tradicionais – nas escolas e igrejas – sem fins lucrativos. As primeiras tentativas de nos unirmos fracassaram. Por vezes, as bailarinas faltavam muito aos ensaios. Daí que nós, os músicos, percebemos que a colectividade – como praticante de danças – não era séria. Apostámos na música.

Nos anos 2000, participámos num certame musical promovido pelo Centro Cultural Franco-Moçambicano em que ficámos em terceiro lugar. Sentimo-nos estimulados, sobretudo porque interagimos com outras bandas. No início só utilizámos batuques e vozes nas nossas músicas. Depois explorámos a Timbila, antes de descobrirmos a Mbira Nyunga-nyunga, o instrumento básico para a produção de todo o nosso espólio musical, que nos identifica.

Ndzondza: Na verdade nós produzimos uma música tradicional que tem influências de sonoridades de quase todo o país. Fazemos uma fusão de ritmos de tal sorte que não sabemos, com exactidão, que estilo musical é o nosso. Descobrimos a Mbira Nyunga-nyunga, da província de Tete, que é um instrumento musical que estamos a explorar de modo particular.

Não sei se existe, em Moçambique, outra banda que utiliza a Mbira Nyunga-nyunga como um alicerce da sua música. Por isso, congratularmo-nos com o facto.

Zandy Mondolas: Apostámos neste instrumento porque tem uma sonoridade agradável e muito espiritual. Há mais de mil anos, a Mbira Nyunga-nyunga foi utilizada pelos africanos nas mais sublimes cerimónias tradicionais. Mas, além das melodias que produz, esta Mbira encanta-nos por ser de Tete. Ela é, em certo sentido, nossa e – da mesma forma que se faz com a Timbila – devemos sublimá-la.

Compreendemos que existem jovens que tocam a música tradicional, mas nenhum já apareceu com a ideia de criar um vasto repertório musical com base na Mbira Nyunga-nyunga. Isso inspira-nos imenso, consolidando a nossa identidade. Empregamos outros instrumentos musicais modernos também.

As experiências duras

Ndzondza: As dificuldades fazem-nos crescer. Sempre tivemos vontade de superá-las. Éramos inexperientes, por isso também perdemos alguns elementos

Phire expõe os seus Desafios

Encerra amanhã, 24 de Agosto, no Núcleo de Arte, e chama-se Desafios II. É uma exposição de artes visuais – nas modalidades de pintura, gravura e fotografia – do artista plástico moçambicano, António Joaquim Macuácia, ou simplesmente Phire, que, há 15 anos, reside na Inglaterra. Em parte, as obras narram as múltiplas facetas da vivência e experiência do criador.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

Phire é artista plástico, mas também é docente, treinador de futebol e educador de menores. E se lhe pedirmos para narrar a história da sua mostra, patente na Associação Núcleo de Arte, em Maputo, certamente, não contornará essas influências.

“Eu sou moçambicano e durante o tempo em que vivi aqui realizei uma série de mostras até que passei a viver na Inglaterra. Esta mostra, com o título Desafio II, deve-se ao facto de eu ter quatro profissões. Então, para mim, o desenvolvimento da actividade artística é uma prática que acaba por se impor como um desafio por causa da necessidade de eu ter de gerir o tempo na execução de todas as actividades que tenho”.

A exposição associa três tipos de telas em torno das quais o pendor artístico de Phire é expressa. Por exemplo, na fotografia temos um artista completamente diferente do que encontramos na pintura e na gravura.

“A minha inspiração advém do puro gosto de fazer arte em cada uma das modalidades. Por exemplo, por causa da fotografia, eu não consigo andar sem a máquina fotográfica. Em relação à gravura o mesmo acontece porque sempre ando com as minhas ferramentas básicas de trabalho”.

A pintura é a forma de arte mais relaxante na medida em que o artista pratica-a na sua residência, num espaço mais solitário. “É um pouco difícil descrever os momentos de inspiração e produção em cada uma das formas de arte”.

No conjunto das fotografias, também existe um Caminho da Sorte – uma obra com o mesmo título – que é uma espécie de trilho que encanta quem o vê ou percorre.

“Essa foto foi captada numa mata na cidade de Londres, num parque que eu nem conhecia”. Aliás, “uma das coisas que gosto de fazer é andar no campo. Talvez isso se relate com o facto de eu ter várias profissões, uma



das quais é trabalhar com as crianças. Temos visitado parques e locais das zonas rurais, onde praticamos futebol. Então, a minha ligação com a natureza intensifica-se assim”.

Uma gingona

Entre as pinturas expostas na galeria do Núcleo de Arte existe uma coleção de quadros com o título Gingona. Trata-se, no final, de obras que narram histórias infelizes de uma mulher bela que, por falta de instrução, acabou por se desencaminhar. As obras revelam ainda afeição do autor em relação ao sexo oposto.

“Eu nasci na província de Gaza, no distrito da Manjaca, e lá havia uma miúda muito gira de tal sorte que todos os rapazes estimavam a sua companhia. O problema é que ela não era muito amigável. Por isso, como quando uma mulher se mostra apática em relação aos rapazes, eles chamam-na nomes, eu considerei-a gingona. Na realidade essa mulher existiu. Infelizmente, ela acabou por ter um final infeliz na velhice. Então essas obras reflectem uma história que eu vivi”.

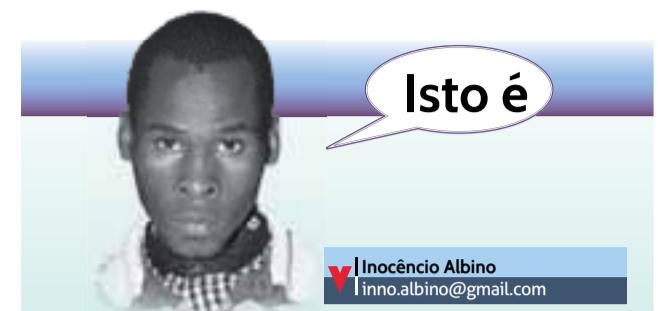
O que é que aconteceu com a gingona? “Ela era uma mulher bonita que nasceu numa zona rural. Foi educada e cresceu no mesmo local. Infelizmente, não ela teve um alto grau de instrução. Em resultado disso, quando passou a viver na cidade, onde queria melhorar a sua condição social, enfrentou dificuldades, tendo sido explorada por homens. Caiu nas malhas de um homem mau”.

Arte africana na Europa

Falando sobre a sua vivência na Europa, Phire explica que “na Inglaterra o movimento artístico é muito dinâmico”. De qualquer modo, “eu nunca abandonei a experiência de um artista moçambicano/africano que trabalha no meio de dificuldades. Quando comparada com o que acontece em Moçambique, na Inglaterra a produção artística é facilitada a partir do acesso ao material”.

“No nosso país, aprendi a pintar no chão, o que na Inglaterra não se faz. É primordial que as pessoas tenham o material adequado para pintar. Então, sinto-me privilegiado por ter a experiência de um artista moçambicano que trabalha na Inglaterra”.

Phire explica que naquele país ocidental a pintura africana é muito consumida, sendo muito bem-sucedida. Mas, havendo ou não influências, “eu continuou a manter as minhas raízes de artista moçambicano”.



Isto é

Inocêncio Albino
inno.albino@gmail.com

Estive na Govelândia!

...e ninguém promove(rá) derrotas nacionais para extraer benefícios egotistas.

Ouri Pota Chapata Pacamutondo – assim, começo esta opinião porque sinto que, neste momento, é este o jornalista cultural que, em Maputo, assiste jovens-recém formados na área, dentre os quais eu que, na Govelândia, testemunhei o facto quando – perguntou a Carlos Gove o seguinte: “Se nesta noite em que lançou o seu projecto Massone fosse convidado para um cargo político, depois do sucesso que teve, trocaria a arte?” Entre a resposta de Carlos Gove à pergunta de Ouri Pota e esta brincadeira que fiz em relação ao seu nome, criando a Govelândia, ou simplesmente, a terra dos Gove, há muitos aspectos envolvidos.

Admito que a ideia de existir um país que se chame Govelândia pode parecer forçada da minha parte. Mas havendo, pela experiência que tive na sexta-feira passada, penso que muitos moçambicanos iriam querer viver lá. Mudariam de nacionalidade e seriam govelândios.

Em jeito de quem quase rejeita a petição, que corporiza na pergunta de Pota, Gove explicou que “os poucos artistas que conheci, que trocaram a arte por cargos políticos, acabaram arruinados e reduzidos a algo muito inferior do que são ou podiam ser na actividade artística”.

Para consubstanciar o pensamento de Gove, em Moçambique, recordo-me de que o dramaturgo e actor Dadivo José, na sua peça Lá na Morgue, em que contracena com a minha amiga Milsa Ussene, actriz emergente dos nossos tempos – haja muita atenção para com ela – sob a encenação de Maria Atália, fala sobre um Joaquim da Silva que aliciado pelo Poder Político, acabou Lá na Morgue, frustrado, a cometer as mais horrendas atrocidades contra cadáveres. Por vezes – dizem – profanava-os!

Mas esse exemplo, mau, não deve ser sublimado, sob pena de se frear no país a existência de governantes que sejam artistas. Aliás, no início da República Popular de Moçambique, já tivemos o escritor Luís Bernardo Honwana, como ministro da Cultura. Nesse tempo, pelo que se reporta, a vida era uma maravilha.

Os criadores não minguavam como acontece hoje. Diferentemente do sistema – esclareça-se que – esse escritor não se deixou corromper pelo regime. No Brasil, o pai da cantora e actriz Preta Gil! foi governante da época do Presidente Lula da Silva – não o que se passa com ele agora, porque não tenho acompanhado muito a Política – mas essa personalidade é um dos músicos célebres que se tem naquele imenso torrão da América Latina. Nesta época de Dilma Rousseff, um dos melhores humoristas que esse mundo conhece, Tiririca, encontra-se no Parlamento Brasileiro e continua ARTISTA, intacto e incorruptível, defendendo quem o colocou no Poder – o Povo Brasileiro.

Sei também que o actor austriaco, Arnold Schwarzenegger, ou simplesmente Comando (cujos filmes, um dos quais O Exterminador Implacável, o qual apesar de eu não prezo a violência não tinha como crescer sem ver) também foi um governante nos Estados Unidos da América, na Califórnia. É verdade que trabalhou num regime que a humanidade não fez muito esforço para esquecer – o de George H. W. Bush. Mas em Angola, ainda se tem em mente o nome do Poeta Agostinho Neto, o fundador daquela nação. Acredito que, se fosse vivo, Neto continuaria a lutar pelo Povo Angolano como fez durante o colonialismo. Não sei o que é que se passa com o Poeta Armando Artur. É muito esforçado. Trabalha muito.

Mas, contra os problemas principais da classe artística, não há soluções concretas, encontradas e materializadas. Talvez, o tempo seja miúdo. Por isso, escuso-me de comentar. Eu estive na Govelândia – um Estado cujo líder é o baixista moçambicano, Carlos Gove – por isso, estimados leitores, posso-vos assegurar de que lá a vida é muito melhor.

Os jovens, todos, são incluídos nos programas de governação, têm oportunidades de trabalho, vão à escola e têm norte na vida. Lá a criminalidade e a prostituição não são um recurso, porque as pessoas, todas, estimam o seu Presidente que é um líder.

Respeitam-no, honram-no e têm medo de decepcioná-lo porque ele – com acções objectivas – deposita toda a sua confiança nos jovens mais do que eles confiam em si próprios. Não faz de uns filhos e de outros enteados – e isso inspira-lhes.

O Presidente da Govelândia – com as suas políticas concebidas com o envolvimento e o consentimento do Povo – ensina as pessoas a trabalhar, a olhar para frente e a materializar os seus sonhos. Na Govelândia vivem homens perfectíveis.

Por isso também há dificuldades, há erros, mas os mesmos não são sublimados. Não são repetidos, sistematicamente como acontece aqui, porque há sentido de comunidade. Há partilha de vitórias e derrotas e ninguém promove(rá) derrotas nacionais para extraer benefícios egotistas. Infelizmente, a Govelândia é um sonho, uma utopia, mas, ainda assim, pode ser materializada. Construamos a Govelândia que há em cada um de nós – já temos referências. Inspiremo-nos e sigamos em frente!



Há Tsunami? Inventemos a Solução (mesmo que) Utópica!

No seu primeiro livro, *Do Tsunami Económico à Solução Utópica*, Rui Santos escreve que ao concederem-se direitos iguais (o tratamento hospitalar, por exemplo) a todos os trabalhadores, sem considerar os seus hábitos de saúde, o sistema constitucional “não só é injusto, como também – grifo nosso – formula um convite ao relaxe, ao desinteresse e à preguiça”. Encontre o seu argumento.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguezé

Tem cerca de 80 páginas, foi publicada na semana passada, em Maputo, sob a chancela da editora angolana, o país do autor, Mayamba e chama-se *Do Tsunami Económico à Solução Utópica*. O livro de Rui Santos é histórico, não só pelo facto de ser o primeiro do autor, muito menos por ter sido apresentado pelo célebre escritor angolano Artur Pestana (Pepetela), mas, acima de tudo, pela estranheza das posições do seu autor as quais chama utópicas.

Estranheza, aliás, também foi sentida por Pepetela quando solicitado a fazer a apresentação do livro que está a ser distribuído em Angola e Portugal e, agora, em Moçambique. Mas, aqui, o escritor pode ser percebido quando argumenta que não tem muita familiaridade com os temas de natureza económica.

“É certo que na minha licenciatura, na Argélia, ainda seguindo o padrão de ensino francês, tive umas seis cadeiras de economia, entre as quais uma intitulada Crises de Crescimento, em que o professor da boa escola capitalista francesa tentava convencer-nos de que as crises do dito sistema não só eram necessárias, mas eram uma oportunidade para o crescimento”, recorda-se Pepetela ao mesmo tempo que fazia as pazes com a ideia de falar sobre o livro.

Mas, atenção, se não fosse a amizade que existe entre ambos, nada nos convence de que Pepetela não se teria recusado a apresentar esta obra de leitura fácil.

Na cerimónia, Pepetela narrou factos da sua vivência com o autor, a partir da qual argumenta que Rui é “uma pessoa persistente além de visionária. Essa pequena história, entre outras que poderia narrar, mostra um dos seus traços de carácter no sentido em que dá importância a coisas simbólicas, sem se fazer de contabilista pois, se tem uma formação em contabilidade e ainda a utiliza, a sua imaginação está muito para lá de números e contas. Ele observa, lê e reflecte e acaba por dar um passo em diante. Sempre!”

Como rotular o *Do Tsunami Económico à Solução Utópica*? É uma obra que “incomoda e pode incomodar muita gente, movendo-lhe a pegar em velhos conceitos, alguns dos quais se tornaram cânones da academia que se pretendem ciências mas que, muitas vezes, são ideologias disfarçadas. Neste livro, Rui Santos apresenta ideias que atiram para o canto aquilo que muitos de nós, nas ciências sociais, definitivamente, teríamos como certo”.



Pepetela afirma que “há lideranças fracas. Também se acusam de algumas cigarras descuidadas a dirigirem países que se endividaram alegremente, acreditando que os outros iriam pagar com empréstimos de países europeus, esquecendo-se de que tudo começou nos Estados Unidos da América”.

Um sistema que acomoda facilitismos

Lemos o livro, mas, apesar de ser de leitura fácil, a linguagem do economista não encanta muito. De qualquer modo, quando Rui Santos toma em consideração que um trabalhador que fume, não pratique exercícios de manutenção física, alimente-se mal e cometa excessos com regularidade – o que significa que não cuida da sua saúde – é obrigado a pagar o mesmo dinheiro que o que se cuida, depreendendo que “Este sistema não só é injusto, como também é um convite ao relaxe, ao desinteresse, à preguiça, pois estas são reacções normais da natureza humana ao ‘facilitismo’”.

É em cenários como estes que os argumentos do escriba se desenvolvem.

É por essa razão que Pepetela considera que “o autor de *Do Tsunami Económico à Solução Utópica* tem a sua explicação, para os sustos que vivemos, e a ousadia de propor uma solução que ele mesmo intitula de utópica. Como sabem, sou um adepto incondicional de utopias. E costumo dizer que procurar o impossível permite encontrar o possível. É esse o papel da utopia – mostrar um caminho”.

Como tal, diz Pepetela, “comungo, inteiramente, das preocupações do autor, sobre as consequências sociais da actual situação, e também com uma das suas soluções propostas, que é de tudo fazer para tentar dar emprego a toda a gente ou quase. (...) Estando nesse caso a pensar em Angola, o trabalho continua a ser – digam o que disserem os seus detractores com muitos doutramentos na arte de ficar com o dinheiro dos outros – a base de sustentação não só de uma economia, mas também de um país ou até da humanidade. E associado ao trabalho, existe um esforço exigido para o crescimento e a melhoria constante da qualificação profissional e, portanto, da educação”.

Temos de convir que “o verdadeiro desenvolvimento passa por um sistema educacional avançado, exigente, rigoroso e alargado o mais possível. Sem isso não há redenção”. Por isso, um dos méritos deste *Do Tsunami Económico à Solução Utópica* é o facto de nos compelir para a “necessidade de se discutirem os assuntos, avançar com sugestões, sem medo de errar, rompendo tabus económicos, culturais e sociais porque o que conta é um consenso final”.

Aqui está a utopia

De acordo com o autor, “a solução da crise internacional passa por uma análise, bem profunda, dos direitos e deveres dos cidadãos”.

Afinal, “direitos gerais, com obrigações frouxas, conduzem a injustiças profundas. Tem de haver uma reflexão séria sobre a questão dos direitos e deveres dos cidadãos. Há países que, simplesmente, não têm peito para dar aos seus cidadãos o que as suas constituições respaldam. Isso deve ser reanalizado. Em Angola, por exemplo, quando se debateu a nova Constituição, a imprensa e os políticos estavam preocupados com a forma como era eleito o Presidente da República”.

Ora, para a maioria dos cidadãos, provavelmente, “isso é o que menos importa. A grande maioria das Constituições precisa de saber o que é que as pessoas têm como direito, mas também o que lhes é exigido em troca”.


Toma que te Dou

Alexandre Chauque
bitongachauque@gmail.com

Quem é o regente desta magnífica orquestra?

Nos próximos dias 24 e 25, a vila de Quissico vai ser o centro das atenções culturais em Moçambique. Acolhe o festival anual de timbila, naquilo que se espera venha a ser mais uma oportunidade para renovar as almas. É um momento que me faz lembrar o convívio havido em Agosto de 2004, ou seja, estou sentado nas bancadas do miradouro da vila de Quissico, a assistir ao Msaho, nome pelo qual é designada esta celebração e tenho ao meu lado o Júlio Sardinha, um português que viajara comigo de Maputo à terra dos chopis, com o propósito único de ver ao vivo a evolução de uma das mais electrizantes manifestações espírito-culturais do planeta.

Alguém já disse repetidamente que a mbila não pode ser tocada sozinha. Perde-se. É como uma lenha, você pode parti-la a meio com o joelho, mas nunca o fará a um feixe inteiro. E para os chopis, dizer isso é redundante. O chopi, por natureza, é uma pessoa agregária. Nunca vai a solo para as batalhas. Quando quer exorcizar os espíritos fá-lo em grupo, e ele sabe muito que tocar timbila é uma forma de humilhar até às cinzas os espíritos malignos. E quanto maior for o número das timbilas na orquestra, maior será o turbilhão. Maior será a força para esbater as feridas.

Estou sentado lado a lado com Júlio Sardinha, que bebe a gargalo uma garrafa de whisky para ver as coisas com a maior limpidez. Ele remexe-se constantemente. Parece um caça-bombardeiro com os reactores ao máximo, pronto a levantar voo. Para ele é inacreditável o que lhe é dado a assistir. É uma loucura.

- Ó Alexandre, onde é que estes gajos estudaram isto?

- Eles não estudaram, foi-lhes dado. Isto é uma dádiva. O toque e a dança da timbila ultrapassam os Conservatórios.

- Mas quem é o regente destes grupos todos?

- Cada grupo tem o seu regente, e todos eles são da primeira categoria.

O meu companheiro continua a beber o seu “scotch”, e no palco a loucura está instalada. O matchatchulani, nome dado ao animador que traz na mão o chocalho feito de sementes de frutos silvestres, enche o palco. Ele é o ponto de equilíbrio das cadências. É a bússola que deve ser seguida por todos. Os bailarinos, quais guerreiros humilhados por Mudungazi, empunham os escudos de pele e as lanças simuladas nos paus secos segurados com vigor. E os executantes da timbila estão aí, todos eles sentados, cada um com o seu instrumento, com exceção do contra-baixo, que está de pé.

Na orquestra de timbila não há subalterno. Na falta de uma peça, tudo sobrava. É por isso que estamos em presença de uma cascata, onde as gotas são imperceptíveis.

- Ó Alexandre, disseram-me que Venâncio Mbande é o maior por estas zonas!

- Eu não acredito que Venâncio Mbande seja o maior. O que ele teve são oportunidades. A vida é feita de oportunidades. Não existe a menor dúvida de que este artista tenha uma orquestra com um desempenho ao mais alto nível. Isso é inquestionável. Mas temos outros grupos, que também são de topo e que já demonstraram isso em muitos festivais. Acredito muito nos enigmas e dói-me saber que existem aqui em Quissico orquestras que deviam ser içadas para o mesmo patamar onde se encontra Venâncio Mbande. Mas a vida é inesperada, meu caro!

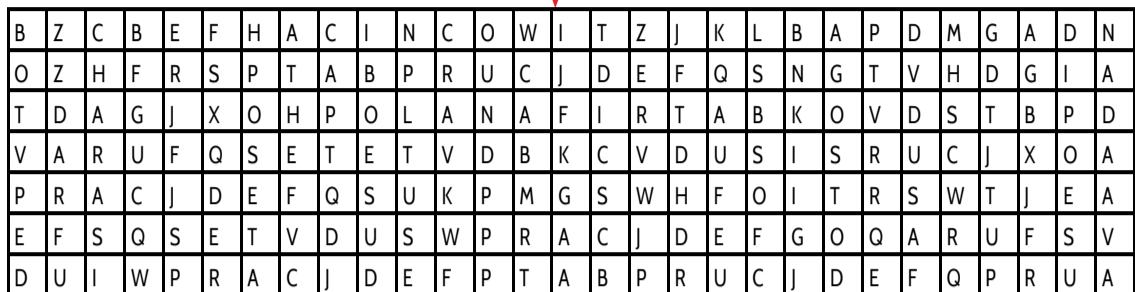
- É verdade, a vida é inesperada.

O sol está quase a deitar-se. As lagoas de Quissico, debruadas de um inexcável verde, começam a ficar sombrias, e a festa vai acabar daqui a pouco. Mas vai repercutir-se por muito tempo no interior daqueles que aqui estiveram.

Lazer

ENTRETENIMENTO

Concurso @Verdade 250



Neste conjunto de letras encontrará, escondidas, respostas para as seguintes questões:

- 1- Quem é o fundador e patrono do jornal @Verdade?
- 2- Em que mês o jornal viu a luz do dia?
- 3- Quantos anos faz em 2013?
- 4- Qual é a empresa que faz a certificação da tiragem do @Verdade?
- 5- Em que bairro se situa a Redacção?
- 6- Quanto custa ao público cada exemplar do @Verdade?

Após encontrar as respostas na sopa de letras traga-as para a nossa sede em Maputo, ou delegação em Nampula, e habilite-se a ganhar uma camiseta do jornal.

Promoção válida para os primeiros 25 leitores que responderem acertadamente.

PARECE MENTIRA...



Francisco I, rei da França, publicou o seguinte decreto:

"Todos aqueles que usam suíças (barba que se deixa crescer em cada uma das partes da face) são intimados a rapá-las dentro do prazo de três dias. O não cumprimento desta ordem é castigado com a pena de morte".

Em tempos não muito distantes, os camponeeses da Grã-Bretanha estavam convencidos de que as raízes das couves encerravam segredos muito importantes.

Era corrente, em vésperas de casamento, irem os noivos, com os seus amigos, aos couvais procurar nas raízes desses legumes sinais das suas futuras ditas (sorte) ou desditas.

De mãos dadas, cada qual arrancava a sua couve. Se tivesse a raiz direita seria fiel o respetivo cônjuge. E torta, era o contrário pela certa. Se viesse pegada à raiz muita terra significava fortuna. Tendo um gosto adocicado, era sinal de matrimónio feliz. Quando o paladar fosse amargo, não tardariam as arrelias e os desgostos. E assim por diante...

PENSAMENTOS...



- Um carneiro não se provoca à luta a si mesmo.
- Não há tatuagem sem sangue.
- O amendoim e o rato não estão bem frente um ao outro.
- A panela conhece-a quem distribui a comida.
- O hábito é uma segunda natureza.
- Uma montanha não se sobe a correr.
- Ao tolo nunca falta um amigo.

RIR É SAÚDE



- Ouve, filha. O teu namorado é um tipo económico, pelo menos?
- É, mãe. Veja que a primeira coisa que faz quando chega é apagar a luz.

O marido está a ler. A mulher rebusca tudo: gavetas, armários, etc. Ele interrompe a leitura e pergunta:

- De que andas à procura?
- De um livro.
- E qual?
- "Como chegar aos cem anos"
- Não procures mais porque o queimei.
- E porquê?
- A tua mãe andava a lê-lo...

Havia um tipo que se estava a confessar dizendo um nunca mais acabar de pecados. O padre pergunta-lhe:

- Diga, meu filho, tem mais algum pecado?
- Ó senhor padre, tenho mais um mas só o confesso a Deus ou ao Anjo.
- Mas eu estou cá a representar Deus, é a mesma coisa, pode-se confessar a mim.
- Sendo assim, só o confesso ao Anjo.
- Então confessa-o ali ao Anjo - diz o padre indicando o altar, ao mesmo tempo que recomenda, em segredo, ao sacristão para que este se disfarce de anjo com asas e tudo.

Assim que o "Anjo" se instala, diz ao pecador:

- Vamos, meu filho, confessa os teus pecados!
- Olhe, eu cometi o pecado com a mãe do padre e com a mulher do sacristão.
- Assim que este desce do altar, o padre pergunta-lhe:
- Então, o pobre do homem confessou-se?
- Que situação, senhor padre. Subi anjo, desci corno e estou a falar com um filho de uma vaca!

Um americano ia sentado em frente dumha senhora, numa carruagem de comboio, a mastigar pastilhas elásticas. De repente, a senhora inclina-se para ele e diz-lhe:

- Agradeço muito que procure falar comigo. Infelizmente, sou completamente surda.

HORÓSCOPO - Previsão de 23.08 a 29.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Este aspeto, não o favorece durante toda a semana. Sentirás algumas dificuldades para efetuar pagamentos nas datas acordadas; seja forte, não se deixe vencer por estas dificuldades, a sua força interior irá ajudá-lo a encontrar uma solução.

Sentimental: Tente não misturar os problemas que lhe possam surgir, durante estes dias, com a sua relação sentimental; caso não o faça, da forma mais conveniente, as dificuldades de entendimento do casal serão grandes e poderão criar-se situações muito difíceis.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Não se podendo considerar uma boa semana, nos aspectos financeiros, já teve dias bem piores. Faça uma gestão, muito ponderada, deste aspeto e as dificuldades não serão motivo de grandes "dores de cabeça".

Sentimental: Os nativos deste signo deverão, durante este período, manter a relação de forma bem próxima. O afastamento físico, a ausência de diálogo e a indiferença poderão criar barreiras que não serão fáceis de transpor.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Este aspeto não deverá ser motivo de preocupações, de maior; no entanto, isso não significa que não seja prudente na administração dos seus dinheiros. Os tempos que correm não são os melhores e "umas reservas" serão sempre uma boa opção. Não recorra ao gasto inútil.

Sentimental: Esta semana deverá caracterizar-se, no aspeto amoroso, como uma fase de grande aproximação. A proximidade física será um bálsamo que terá efeitos mágicos no seu estado de espírito.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Seja, extremamente, cauteloso, neste aspeto. Situações que passem pela manipulação de dinheiro não o favorecem e poderão ser confrontado com algumas dificuldades.

Sentimental: Poderá encontrar no amor, e na sua relação, o equilíbrio que lhe poderá faltar e que será motivado por algumas dificuldades surgidas, outros aspetos e, de uma forma muito especial, no profissional; assim, aproxime-se do seu par e deixe que a natureza humana faça o resto.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Este aspeto, não lhe deverá trazer problemas, de maior; isto, não significa que não esteja atento aos jogos financeiros e deverá evitar as despesas desnecessárias. Poderá, perto do fim da semana, receber uma boa notícia relacionada com uma entrada de dinheiro.

Sentimental: Alguma indiferença em relação ao seu par poderá desencadear uma semana problemática; por outro lado, se permitir a aproximação física tudo será bem diferente.



áquario

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Os dinheiros serão caracterizados pela dificuldade, carência e preocupação. Seja prudente em tudo o que estiver relacionado com esta área. Não tenha atitude nem atos consumistas.

Sentimental: Grandes dificuldades nos relacionamentos amorosos. O seu par necessita de mais atenção e a sua disposição estará muito longe de o satisfazer com a aproximação, quer física, quer espiritual. Tente manter uma atitude dialogante.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Dinheiro é a palavra que mais o preocupa, durante todo este período. Quaisquer dificuldades, na regularização de compromissos, poderão contribuir para alguma indecisão sobre qual a atitude, mais conveniente, a tomar.

Sentimental: As relações emocionais, na área sentimental, poderão ser, de certo modo, afetadas pelas dificuldades de gerir as suas finanças. Tente encontrar, com o seu par, uma sinergia que o alivie das pressões.



Selo d'@Verdade

Carta ao director do Hospital Central de Maputo

Exmo Sr. Director do Hospital Central de Maputo, Dr. João Manuel de Carvalho Fumane

Temos estado a assistir nas últimas semanas a uma instauração massiva de processos disciplinares contra os funcionários que aderiram à Greve dos Profissionais da Saúde que decorreu no período de 20 de Maio a 15 de Junho do corrente ano alegando faltas injustificadas. Esta instauração está a ser levada a cabo por uma "brilhante" equipa de instrutores e pela "eficiente" equipa de Recursos Humanos do nosso hospital.

A equipa de instrutores é tão brilhante que para além de não seguir todos os passos recomendados pelo Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado e pelo Regulamento do Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado, chegando até ao ponto de entregar uma nota de culpa antes de o notificado prestar declarações, nem se dignam a ler a nota de defesa dos acusados, atribuindo a todos a mesma pena: Multa Graduada!

Notável também é a eficiência da equipa dos Recursos Humanos em conseguir encerrar em tempo recorde estes processos disci-

plinares... No entanto, é lamentável que tal eficiência não se verifique nos procedimentos que beneficiam os funcionários da Saúde tais como nomeações, progressões, promoções, entre outros...

Não percebemos qual é a finalidade destes processos disciplinares que para além de acarretarem um gasto adicional em consumíveis (papéis, pastas de arquivo, tonner, etc) atrapalham as actividades clínicas dos acusados e dos próprios instrutores e escrivãos com o tempo despendido nesse processo!

Com tantos problemas que tem o nosso hospital, perguntamo-nos: porque não envidar todos os nossos esforços para tentar solucioná-los ao invés de tentar "tapar o sol com a peneira"?

Porque não tentar acabar com os ratos (isso mesmo, ratos) que abundam nas enfermarias, nos armazéns e refeitórios, chegando não só a colocar em risco a vida do pessoal de saúde e dos pacientes, mas também a aumentar o dinheiro despendido em reparações do equipamento eléctrico/informático e imanológico (TAC, Ressonância Magnética)?

Porque não resolver os problemas da canalização e da falta de vidros nas janelas dos diversos sectores do nosso Hospital?

Porque não apetrechar o hospital com medicamentos básicos e material médico-cirúrgico para o seu normal funcionamento?

Na nossa humilde opinião, os nossos esforços deveriam ser canalizados para a resolução destes e de tantos outros problemas que o Hospital tem e não para a instauração de processos disciplinares desnecessários com despachos infundados a não ser, claro, que se espera arrecadar uma boa receita com as penas atribuídas (multas graduadas) e usá-la para a resolução desses problemas.

Por um excelente Hospital e uma boa prestação de cuidados de saúde, apelamos que ponha a sua mão na consciência.

Um grupo de Profissionais de Saúde interessado em fazer do Hospital Central de Maputo um Hospital de qualidade Maputo, aos 19 de Agosto de 2013

Faça o seu caminho e não espere o trilho do outro: Uma concepção sobre o futebol moçambicano

Saudações, meus queridos amigos do Desporto Moçambicano.

O Desporto é um fenômeno social com organizações bem estruturadas e vivido por milhões de pessoas em todo o planeta. É, talvez, ao lado da Arte, o fenômeno social mais significativo deste século, pois não se conhece nenhum país do mundo nem nenhum povo sem prática desportiva. A globalização do Desporto deve-se, indiscutivelmente, à expansão e mediatisação de que este tem sido alvo, através da realização e sucesso de acontecimentos desportivos de âmbito internacional. África, continente, tem estado na vanguarda da internacionalização e sedimentação do Desporto internacional (e.g., é só olharmos para as elites desportivas que o Ocidente possui, algumas são do continente considerado o "berço da humanidade").

Moçambique, sendo um país globalizado e com tendências inovadoras, já concebeu lendas no Desporto. O nosso país originou figuras representativas no Desporto Internacional (Matateu, Lurdes Mutola, Chiquinho Conde, Gilberto Mendes, Clarisse Machanguana, Bruno Pimentel, etc. - os outros ficam à reflexão do amigo leitor). Contudo, nos últimos tempos, Moçambique tem conhecido resultados desastrosos nas várias modalidades desportivas. Este facto não é novidade para ninguém. Isso nos dói, como amantes do Desporto e como nação que se vangloria de ter auto-estima. Por estas e outras razões, urge inventarmos novos caminhos para chegarmos a outro termo do nosso Desporto. Porém, sem ser generalista, falarei, particularmente do Futebol, que tem sido, por vezes, senão sempre, o centro dos nossos debates (amigáveis e grosseiros) neste espaço e noutras onde existem alguns "biltres".

Acredito que o Moçambique, que é o nosso maior campeonato, tem sido alvo de julgamentos por falta da sua qualidade e regularidade. E, por tabela, a mesma "falta de qualidade" e reprovação se manifesta na nossa seleção nacional. Nós dizemos, à boca cheia, que temos "Futebol de Alta Competição". Mas essa "Alta Competição", no Futebol, acaba por se tornar um privilégio a que muito poucos praticantes têm acesso, representando um número reduzido de atletas de elite, que é o fruto de méritos e sacrifícios pessoais, mais do que o resultado concreto de uma coerente e consequente política desportiva que, diga-se em abono da verdade, não existe em Moçambique. O "Futebol de Alto Rendimento" é ineficaz porque a cultura desportiva, no nosso país, é muito baixa, a formação existente no sistema educativo é deficitária, a investigação científica e tecnológica na área Desportiva não se encontra desenvolvida, nem o sistema desportivo possui uma programa de detecção e seleção precoce de talentos. E muito menos possuímos um plano estratégico global a curto, médio e a longo prazo para sairmos dessa letargia desportiva. Para os adolescentes que nascem nas zonas urbanas a prática desportiva é impossível porque os campos desportivos tornaram-se mercados informais. Se o panorama desportivo, que acabamos de traçar, em nada é favorável ao comum dos cidadãos, agrava-se ainda mais para os nossos concidadãos que crescem e nascem sem verem uma Jabulani, uma vez que só tocam Vuvuzelas em lugares onde quatro cervejas custam cem meticas e um hambúrguer completo com batatas fritas ostenta o preço de trinta e cinco meticas.

Se a nível interno somos frouxos, obviamente, a nível externo seremos "mubobos" (como se cataloga, em Xichangana, um indivíduo que sempre perde). A nível interno, a promoção de aspectos específicos do fenômeno desportivo é uma questão de interdependências que determinam os fluxos entre os diversos sectores e áreas de desenvolvimento. A nível externo, as relações inter-países são fundamentais, naquilo que diz respeito à sua projecção no mundo, bem como ao desenvolvimento interno das motivações para a prática desportiva e para a construção de uma amalgama de sentimentos identitários, determinantes da auto-estima de um povo.

Como teremos auto-estima (palavra altamente propalada nas nossas ruas) se não participamos condignamente em nenhuma competição internacional? E se participamos existe a famosa "sabotagem interna" que começa nos dirigentes de mentalidades provincianas, passa pelos agentes desportivos e termina, obviamente, nos jogadores (pois para mim o quesito do seleccionador nacional é o elo mais fraco, pois este, na maioria das vezes, é "marioneta" de quem o coloca, daí que alguns treinadores nacionais (e.g., Artur Semedo e Arnaldo Salvador) se recusam a treinar a seleção nacional de Moçambique).

Por exemplo, na nossa seleção, existe muita sublevação e falta de educação (no sentido literal da palavra), não somente de atletas, mas, também de dirigentes. O desenvolvimento do Futebol é, também, uma questão educativa. A onda de violência que atinge o Futebol (e.g., Abdul Omar) é um exemplo de quanto tem falhado a dimensão educativa no processo de desenvolvimento do Desporto em Moçambique. Na realidade, o que temos verificado ao longo dos antecedentes anos é serem privilegiados processos que, de uma maneira geral, ignoram a dinâmica educativa do fenômeno futebolístico moçambicano.

Cremildo Bahule

Continua na Ed. 251

A Matola e o Crime

Senhor Director,

Agradeço imenso e antecipadamente a oportunidade que me concedem para a publicação desta humilde missiva, através da qual pretendo exprimir o meu sentimento quanto ao ambiente que se vive no município da Matola.

Parece-me ser este município, capital da província de Maputo, um dos locais que mais crimes regista no país, salvo melhor entendimento! Não tenho dados estatísticos sobre o assunto mas, ainda assim, por causa da agonia que se vive, não deixarei de prestar a minha solidariedade e deixar ficar uma opinião.

Ao confirmar-se a premissa de que a Matola é um dos locais que mais crimes regista no país, não será pelo facto de ela "produzir" os maiores delinquentes de sempre. Não, pelo contrário, provavelmente venham ao de cima outras questões combinadas, tais como a ausência de policiamento, inexistência de esquadras próximas às residências, baixo número de efectivo policial e falta de meios e de trabalho e de vontade por parte dos que existem, devido à famosa distribuição assimétrica da renda, etc.

Como é sabido, este município tem, igualmente, observado um movimento enorme na área de construção civil, propiciando o descobrimento de áreas que até então eram desconhecidas. Um ambiente, que em geral, envolve muita burrapatologia à mistura para se ter um pedaço de terra. E como diz a regra "onde há desenvolvimento há apetites vorazes, que precisam de ser controlados".

Anrei às voltas pelos bairros de Txumene 1 e 2, e o de Kongolote, sem surpresa, o assunto em voga era a criminalidade. E se nos ativermos às televisões, as notícias veiculadas são as mesmas quando o assunto é Matola: criminalidade. A criminalidade vai ganhando contornos inexplicáveis e as pessoas, para além de serem obrigadas a gradear as suas residências (janelas, portas, muros, portões), vêem-se, outrossim, obrigadas, apesar dos parcos recursos de que dispõem, a aderirem aos mais sofisticados meios de vedação (cerca eléctrica, alarmes, videovigilância e portões automatizados, etc.) para alcançarem algum nível de segurança.

Como se pode depreender, estamos diante de um verdadeiro "trade off", que dá azo a um perfeito custo de oportunidade: ou sacrificas-te para investir nos electrodomésticos de que dispões para os "donos", que agem à mão armada, para virem buscar, ou então procuras dificultar um pouco mais a vida daqueles. Bem, se instalados esses sistemas de segurança, pelo menos, os ladrões de patos e oportunistas de ocasião ficam mesmo afastados pelas dificuldades de acesso encontradas.

Por outro lado, as pessoas que não podem aderir a estes meios, por razões financeiras, vivem "num autêntico Deus me acuda". Trabalham, mas não podem ter o prazer de ter um bom aparelho DVD, um televisor plasma para se refastelarem ao domingo porque a casa não reúne as melhores condições de segurança. Entretanto, se os compram, então, devem introduzi-los à calada da noite, para que com o gesto não "atraiam olhares de azar". Por isso, pensar-se em linchamento é uma solução que se vislumbra sempre num estado de desespero.

"Se a justiça não funciona que sejam queimados os bandidos, um a um, com recurso ao pneu e petróleo", dizia uma moradora de um dos Bairros.

Para se ter ideia da real situação, vejame até que ponto chegaram os amigos do alheio, com este gesto ignobil que apresentamos: Em Matlhemele, por exemplo, um bairro em expansão neste mesmo município, os residentes introduziram um novo sistema de "chítique", que se realiza da seguinte maneira: À noite, algumas famílias ficam de plantão para guarnecer as restantes e no dia seguinte, outras, assim sucessivamente. Vejam ainda que, pela audácia, os malfeitos chegaram a colar avisos nos muros com dizeres do tipo: "Preparem-se porque viremos na calada da noite, empunhando ferros de engomar, catanas e outros instrumentos contundentes". No dia seguinte, notámos que nas mesmas ruas os residentes haviam respondido aos cartazes dizendo: "Venham que estamos preparados. Portamos pneus, fósforos e petróleo".

Como vemos, a guerra está instalada e as coisas não estão tão fáceis por aqui. Aproveitando o ensejo, tendo em conta o actual contexto moçambicano, na medida em que vamos às eleições autárquicas, momento importante para o futuro, deixo a seguinte questão: O que os candidatos a edil deste município têm na carteira para resolver definitivamente este vetusto problema?

Penso que o policiamento deve ser uma das soluções, descentralizando-o aos municípios (a autonomia administrativa, operativa e financeira passarem para a gestão municipal) ou pelo menos, então, a polícia municipal instituída devia ter um papel que vai ao encontro das largas expectativas dos seus munícipes, no sentido de não apenas fiscalizar o transporte semicollectivo, como melhor sabe fazer, mas também passar a contemplar no seu espectro de actuação um papel actuante no combate à criminalidade.

Enfim, em jeito de conclusão, gostaria que a Matola não fosse "Primeiro", como dizia o outro, mas o Último na prática de qualquer tipo de crime!

Um grupo de Profissionais da Saúde interessado em fazer do Hospital Central de Maputo um Hospital de qualidade

facebook.com/JornalVerdade

18/8 às 8:52 ·

A presidente da Assembleia da República, Verónica Macamo, lamenta o facto de não se ter discutido em plenária a revisão do pacote eleitoral por falta de proposta da Renamo para apreciação, uma vez que esta matéria constituía um dos principais pontos de agenda para a sessão extraordinária que esta quinta-feira (16) encerrou.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democra-cia/392101>



Clelio Santos De que teria valido se a maioria votaria contra!!!!? Sentem satisfação quando chumbam propostas de outros? ·

18/8 às 10:56



Edgar Muendane Olha pra mim a culpa de todos conflitos politicos é do povo. Se o povo mcambicano accordar e levantar-se da cama lavar bem a cara de baixo p cima tenho certeza k tudo vai acabar. · 18/8 às 11:15



Isaias Mavota A sessão extraordinária foi agendada antes de se levantar a hipótese de se (re)discutir o pacote eleitoral na assembleia, logo Veronica Macamo mente quando diz que esse era um dos pontos fulcrais da sessão. Ademais, se esse fosse um ponto fundamental, como diz a presidente, qualquer bancada podia ter submetido a proposta atendendo e considerado que todos sabem muito bem o que a Renamo reivindica. · 18/8 às 10:17



Dinis Chirrute Ee mt simples mama Veronica, podem n debatem a revisao do pacote eleitoral, mas criem condicoes pra k haja paridade nos orgaos eleitorais (CNE e STAE), ai xtariam a agradar tanto a renamo assim como o povo. Bando de hipocritas. Pk brincam c o povo, pha??? · 18/8 às 10:45



Matias Chiburre Ixo é mentira senhora presidente · 18/8 às 10:33



Abrantes Wa Ka Mavie Voces brincam com as pessoas pah, faz diferenca a Renamo meter a proposta se a Frelimo eh a maioria, nao brinquem com a ignorancia destes pobres, em mente. Nao brinquem com o povo... · 18/8 às 9:07



Edmilson Dengo TIREM-LA ESSA SENHORA E DEVOLVAM O MULÉMBWÈ! #ntilha... · 18/8 às 11:01



José Francisco Narciso A renamo não apresentou propostas porque não hás tem!!! · 18/8 às 9:59



Alafio Fayo Vem ca os jornais nunca falam da MDM! Talvez por não ser polémica. Bem bem MDM VEM DA RENAMO SÓ QUE JA ATUALIZADO E MODERNO. MDM HOJE È MESMO que. RENAMO E Frelimo No FUTUROO · 18/8 às 9:24



José Valdemir Manhique a RENAMO tem visão aquilo q i o saudoso Samora Machel queria. a FRELIMO desviou de tudo q i ele qeria por ste pais. · 18/8 às 12:20



Alafio Fayo A Renamo tem visão e meu Partido Frelimo desviou e a MdM TA REALIZAR TAIS OBJECTIVOS AJUNDADO E MELHORANDO UM PONTO DO PAÍS. · 18/8 às 13:36



Georgino Mariano Joaquim Olhem, se nao ha espirito de mocambicanidade dos nossos dirigentes, teremos muitos conflitos futuramente do k isto k xta a acontecer agora. · 18/8 às 12:06



Juliao Gil Guliche Nos ja temos a certeza de que nao ha democracia em Moc. mas sim ha partidocracia.Gosto · 1 · 18/8 às 11:48



Benjamim Agostinho Mucopote uk adianta lamenter so pra sair bem na fita?se a discussao nao daria fruto algum melhor assim.n se faxa de boazinha pra televisao sra presidnet. · 18/8 às 10:51



Dinis Chirrute A todo o caso, o povo ja tomou a sua decisao, n se surpreendam c os resultados nas urnas e nem tentem viciarlos... Mais n disse. · 18/8 às 10:47



Franelone Appollo Gladistone Granz populismo barato...tsc · 18/8 às 10:12



Domu-fz Fz Ixo nunca foi assembleia da republica mas sim da frelimo , Larapios · 18/8 às 9:27

facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia



Jornal @Verdade

A Inspecção Nacional de Actividades Económicas (INAE) constatou aquilo que os clientes já sabiam, e até mesmo funcionários haviam denunciado, que as lojas da rede Shoprite, localizadas em Maputo, Matola e Boane vendem produtos fora do prazo.

<http://www.verdade.co.mz/economia/39257>



Cléia Yasmin Chemana de novo? · Ontem às 7:38



Catarina Casimiro Trindade Se fosse só o Shoprite...o Maputo Shopping consegue ser pior, sem sombra de dúvidas! · 18/8 às 21:08



Nhamuave Ivete da Glória a verdade sempre vem atona · 18/8 às 20:32



Valett Jame's VJ ladroes fora, fora. Assassinos fora fora, corruptos fora fora, falsificadores fora fora. Quem é que vem comigo pa exa gente ir embora. (assassinu pk querem nos matar com produtox fora do prazo), (corruptos pois a maneira d vendr exe produtw nao é legal.) (falsificador pois vendem sabendw k ta fora d prazo é mexmw k falsifikarem). · Ontem às 7:10 · Editado



Sally Custodio Maceira Se fosse so' o Shoprite!!! Em mtos + sitios, cmo pr ex., o MBS.. N existe inspeccao e, pr vezes a validade parece nm ser verdadeira, pois parece ser escrita a caneta!!! · Ontem às 10:45



Ludymila Maungue Que medidas a altura se tomem, ate eu fui vitima, nu mes passado comprei na shoprit do super mares, produtos ja deteriorados os mesmos estavam em promocao, em comidas geladas eles ja nao poem o prazo de validade poem somente a data em que foram embalados....desrespeito com o consumidor. · 18/8 às 21:07



Keta Esteves Desde a sua abertura que isso acontece. · 18/8 às 20:33



José Sitoé averdad eq em so pd enxixir uma conexao entre a inae e ox vendedores. na baixa so se vende produtox fora d prazo max ax autoridadex competentex xtam sempre por aq adexilar a classe. · Ontem às 12:54



Ginoca Ramos E fizeram alguma coisa? Acho que deviam verificar tudo, especialmente a zona do talho. · 18/8 às 22:15



Gildo Simango nao eh so Maputo,bEIRA TAMBEM,JA PASSEI MUITO Mal · 18/8 às 22:02



Gyl Correia Esses gajos nao sao serios pah. aqui em chimoio tambem tem muitos produtos fora do prazo, eu me safo porque sou atento a esse detalhe. · há 12 horas



Dead-boy Vinkel Gabriel E so agora! Si calhar stavam a perder clientes e resolveram agir! N stam bem d cabeça esses! · Ontem às 18:29



Maria Versos E ainda não viram nada. Não chegaram a Pemba!!!!!! · Ontem às 13:46



Baptista Junior Bie Os preços baratos todo o ano ,e os produtos fora do prazo todo o ano. essa é boa · Ontem às 13:17



Manuel Cardoso É preciso acordar os consumidores para estes pormenores. · Ontem às 11:35

facebook.com/JornalVerdade

16/8 às 14:28 ·

Os funcionários de diferentes estabelecimentos comerciais do grupo Momade Bachir Sulemane (MBS), nas cidades de Maputo e da Matola, abandonaram os seus postos de trabalho, na manhã desta sexta-feira, para manifestar contra às precárias condições laborais a que são sistematicamente sujeitos pelo patronato.

Segundo narram ao @Verdade, as injustiças laborais consistem nos salários injustos e discrepantes, tortura, intimidação, falta de segurança no trabalho, racismos, falta de diálogo entre o patronato e os trabalhadores.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/392064>



Alberto Comé Quando são sequestrados esses racistas desgraçados a gente condena e defende-lhes, com isso só nos obrigam a apoiar tais factos, só veêm cá prá nos umilharem miseráveis desumanos "não sei o que vão fazer na mesquita não sei"! só pedirem mais dinheiro só, miseráveis mais uma vez ... · 16/8 às 15:02



Júlio Tavares Alfredo Não é por acaso que o Barão de Drogas e ex Vendedor e enrequecido com capulanias, Sogro do maior suspeito como Mandante dos raptos aos seus Patrícios, o digníssimo Bashir oferece ao Senhor Presidente, cartetas no valor de mais de Um Milhão de Meticais. Qua...Ver mais · 16/8 às 15:00



Leo Leopoldo opiniao pessoal: essa manifestacao nao vai dar em nada pk o MBS parece ser amigo de infancia do #patinho(AEG).. Os 2 sao carne e unha.. Nao tardará p k os trabalhadores sejam chamados de #vandalos e marginais pelo #patinho, por estes estarem a reivindicar os seu #direitos.. Mas mta força ai companheiros d batalha e indignação... · 16/8 às 16:01



Luciano Chemane O tal Bachir não é esse que a tempos fazia oferendas ao governo? Agora digam, que tem coragem para o obrigar a parar com esses desmandos? · 16/8 às 15:30



Dario Humberto Mas o que podemos esperar desses exploradores, e olhem que esses não são os únicos, em Mocambique quase sempre o patronato não respeita a classe trabalhadora. · 16/8 às 14:48



Norinha Neves n premier e assim tambem sao intimidacoes k nao acbam,n ha cnside-racao cm os trbalhadores e ainda sao revis-tados ate as partes intimas tanto homens @xim como as mulheres. · 16/8 às 14:46



Dario Humberto O que me põe + triste é saber que as entidades capacitadas pra resolver esta situação nada farão e a situação irá pravalecer. Mocambique não é país não é nada, aí não há respeito por nada apenas pelo luxo de alguns' · 16/8 às 14:51



Emilio Mario Dausse e pela desgaca do povo que faz com que esses monhes aliam se a frellimo,como forma de precionar o governo ameaCar que nao iriam pagar os imposto nem apoiar o partido frelimo,o guebuza foi em portas fechadas ajoelhar nos pes dos muculmanos,redobrou o esforço para combater os sequestradores,o que nao faz para acabar com os engomadores que tiram o sono dos mocambicanos,para o nosso governo capitalista os monhes sao importante que o povo mocambicano,o que significa que podem livremente explorar,escravizar os mocambicanos ninguem lhes fara algo.vao a gogle perguntar sobre os negocios do guebuza e bachir,anos atras foram divulgas pela wikileaks,telegramas que envolvem guebuza,bachir,chissano,luisa diego e outros no negocio de narcotrafico,mesmo Obama ja denunciou guebuza e bachir como barroes de drogas,e ninguem foi a barra do tribunal,e por esses e outros motivos que guebuza prefere guerra para manter se no trono,uma vez que politicamente nao esta a conseguir,desses assacinos so podem esperar o pior. muita forca meus caros,continuem como pedras nos sapatos desses infelizes. · 16/8 às 19:53



Rogerio Viana Dos Muchangos a quem vé os comentarios e fika a rir., por dentro dix dizendo. 'vao falando' · 16/8 às 16:05



Pedro Gabriel Mandlate Triste realidade d nosso moz · 16/8 às 15:27